

LIVRO
03

VIÚVO *atrevido*

SARA ESTER

SÉRIE: VIÚVOS INTENSOS



LIVRO
03

VIÚVO
atrevido

SARA ESTER

SÉRIE: VIÚVOS INTENSOS

Copyright© 2022 Sara Ester

Capa: Hórus Editorial

Revisão: Sara Ester

Diagramação Digital: Sara Ester

Esta é uma obra de ficção. Nomes,
personagens, lugares e acontecimentos descritos
são produtos da imaginação da autora. Qualquer
semelhança com fatos é mera coincidência

Viúvo Atrevido

Livro 3 — Viúvos intensos

Sara Ester

1ª Edição

Fevereiro — 2022

Laguna — SC/ Brasil

Todos os direitos reservados.

São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o consentimento escrito da autora.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

SINOPSE

Arrogante e grosseirão.

Esses eram os dois adjetivos mais usados quando se referiam a Ravi Foster, o grande CEO da empresa Dream Architecture.

A dor pela recente perda da esposa amada destruiu completamente seu coração, tornando-o solitário, mesmo estando rodeado por uma multidão. Nem seu único filho conseguia arrancá-lo do limbo causado pelo luto.

Aos quarenta anos, Ravi carregava um longo histórico de lutas e conquistas, que inspirava alguns jovens arquitetos, como acontecia com Chloe Moore, a garota que era tão atrevida quanto ele.

Ela não deveria, mas mexia com ele de um jeito diferente e, isso começou a tornar as coisas confusas em sua mente, visto que

ainda sofria pela perda da esposa.

A petulância de Chloe começou a instigá-lo a algo mais... o que foi se transformando em uma relação perigosa, sobretudo, pelo detalhe gritante da diferença de idade entre eles.

É possível um coração ferido se curar com um novo amor?

Sumário

[SINOPSE](#)

[1](#)

[Chloe](#)

[2](#)

[Ravi](#)

[3](#)

[Chloe](#)

[4](#)

[Ravi](#)

[5](#)

[Chloe](#)

[6](#)

[Ravi](#)

[7](#)

[Chloe](#)

[8](#)

[Chloe](#)

9

Ravi

10

Chloe

11

Ravi

12

Chloe

13

Ravi

14

Chloe

15

Ravi

16

Chloe

Dois meses depois

17

Ravi

18

Chloe

Algumas semanas depois

19

Ravi

20

Chloe

21

Ravi

Uma semana depois

22

Chloe

Epílogo

Chloe

Cinco meses depois

FIM

ACOMPANHE OS OUTROS LIVROS DA SÉRIE

VIÚVO ORGULHOSO — LIVRO 1

Sinopse

VIÚVO ARROGANTE — LIVRO 2

Sinopse



1

Chloe

Eu não me cansava de admirar minha sala, recém-conquistada, na empresa em que trabalhava há pouco mais de seis meses. Foi um caminho árduo para chegar até ali, e eu me orgulhava de todo processo. A Dream Architecture era uma das melhores empresas do ramo de arquitetura, e eu não poderia almejar estar em outro lugar para exercer minha profissão se não ali.

Me tornar arquiteta sempre foi meu sonho e, agora, aos vinte e cinco anos, me sentia plena e realizada. Ao menos no âmbito profissional, o que não podia dizer o mesmo no quesito amor.

Suspirei baixinho apenas com as lembranças desagradáveis.

Sobressaltei-me com batidas leves na porta da sala, e isso me obrigou a levar o olhar naquela direção.

— Espero não a ter assustado — disse Drew, meu chefe. — Percebi que você estava pensativa, meio distante.

Sorri, sem jeito, enquanto endireitava minha postura na cadeira. Nervosa, comecei a ajeitar a papelada sobre minha mesa.

— Só estava pensando na minha agenda — menti. — Por favor, entre — gesticulei. — Algum problema?

Drew era um homem atraente; cabelos sempre bem aparados, assim como a barba. Seus trajes não mudavam dos ternos escuros e muito requintados. Seu perfume era tão gostoso que permanecia no ambiente mesmo após minutos que ele ia embora.

— Não gosto de pensar como um problema, mas... — ponderou, estalando os lábios, enquanto se aproximava e se

sentava na poltrona em frente à minha mesa — preciso avisar que a tarefa não vai ser fácil — concluiu.

Franzi o cenho, sentindo sua inquietação me dominar.

Empertiguei-me.

— Está me deixando nervosa — aleguei. — Anda, desembucha!

Sua risada pareceu amenizar a tensão.

— Você sabe que perdi minha mãe há cinco anos.

Assenti com a cabeça, ciente da morte da Elisabeth Foster, em decorrência de um câncer no cérebro.

— Sim, sei de toda a história da sua família — murmurei em tom pesaroso. — Depois da morte da esposa, seu pai parou de trabalhar aqui e deixou a empresa sob seus cuidados.

O pai dele, Ravi Foster, tinha uma história inspiradora, pois começou a trabalhar desde os sete anos de idade, vendendo doces de porta em porta. Quando terminou o ensino médio, decidiu

comprar casas que estavam praticamente abandonadas para redecorá-las e revendê-las. E esse foi o pontapé inicial para que ele se profissionalizasse no ramo que aprendeu a amar, o de arquitetura e construção. Assim, anos depois, nasceu a Dream Architecture, empresa que eu amava e me orgulhava muito de fazer parte da equipe de arquitetos.

— Sim, isso mesmo — murmurou Drew, inspirando o ar profundamente. — Com a morte dela, meu pai perdeu a vontade de trabalhar aqui — gesticulou ao redor —, e decidiu focar em outras coisas, sobretudo, em seu luto. Nem preciso dizer quão rabugento ele se tornou, pois, você já deve tê-lo visto algumas vezes na empresa, suponho...?

Ergui o canto dos lábios num sorriso leve.

Vi Ravi apenas duas vezes, e de relance, mas eu ainda me lembrava do homem alto, robusto e com a barba grande. Os olhos azuis eram pesados de tristeza e vazio. Contudo, o que chamou

minha atenção foi a maneira intensa como ele me encarou quando notou minha presença, e seu olhar me deixou tão quente que me senti dentro de um vulcão.

— Sim, eu o vi — concordei, respirando fundo, querendo aplacar a sensação das lembranças. — Parece ser uma pessoa difícil mesmo, mas consigo compreender sua amargura; perdi meu pai há alguns anos, então entendo essa dor.

Drew voltou a suspirar.

— Mas você continuou seguindo, Chloe, diferente do meu pai, que estagnou no caminho e decidiu fazer dessa dor, um troféu adorado. E eu não aguento mais presenciar esse inferno.

Arqueei as sobrancelhas.

— O que pretende fazer?

— Tentar resgatar aquele teimoso — sorriu travesso. — E para começar, quero reformar a casa de praia da família. Antes de morrer, esse era o desejo da minha mãe. — Dizendo isso, visualizei

o momento que ele abriu a pasta em suas mãos e retirou de lá alguns papéis. — Ela até chegou a idealizar algumas ideias — apontou, fazendo-me admirar as plantas do projeto. — Porém, não teve tempo. — Fez um muxoxo. Apesar de Drew ser apenas dois anos mais novo do que eu, às vezes, eu me esquecia disso, considerando sua maturidade. — E meu pai não aceita fazer mudanças na casa, porque não quer desapegar. Entretanto, já passou da hora. — Soltou o ar. — Quero que lidere o projeto, Chloe.

Sacudi a cabeça, entendendo seu ponto.

— Agora entendi seu aviso inicial — comentei, divertida. — Você está, literalmente, me mandando para a toca do lobo.

Foi a vez de ele rir.

— Mais ou menos isso. — Jogou as mãos no ar. — E então? Aceita?

Fiquei pensativa por alguns instantes, analisando os prós e contras. Eu estava acostumada a trabalhar com Drew, e nós dois

nos dávamos bem obviamente. Mas eu não fazia ideia do que esperar do seu pai, o grande Ravi Foster, e isso já servia para fazer meu corpo estremecer de ansiedade e expectativa.

Todavia, jamais fui de fugir de um desafio.

— Quando começamos? — rebati, contagiada pelo sorriso que ocupou seus lábios carnudos.



Glamourosa, Miami não esconde a beleza de sua arquitetura nos altos e modernos edifícios de Downtown ou nos históricos prédios *art déco* de South Beach. Com ruas largas onde desfilam automóveis importados, ela é uma cidade da "moda", onde ver e ser visto é a intenção de muita gente. Frequentada por artistas e turistas, Miami está em uma região de clima agradável o ano todo, o que a torna um belo refúgio quando boa parte do país enfrenta seu rigoroso inverno. O clima tropical garante que a cidade esteja sempre cheia, principalmente no inverno do hemisfério norte, que,

embora possa parecer um período ruim para viajar, é quando a cidade vive seu esplendor.

Eu não me cansava de admirar a beleza dos edifícios e imóveis, e não podia ser diferente com a casa diante de mim. Desci da minha moto, peguei a maleta e segui para o portão. Drew me deu a chave, garantindo que o lugar estaria vazio, com exceção do caseiro. Então, eu teria total autonomia para entrar e observar todos os detalhes que eu precisasse a respeito do projeto o qual conversamos dias atrás.

Com minha prancheta nas mãos, deixei minha maleta em cima de uma mesa e comecei a caminhar pelo espaço; o interior era um plano moderno e espetacular, elegante e aberto, com móveis minimalistas de estilo moderno. Portas de vidro deslizantes e portas francesas se abriam para a vista mais ampla da baía em toda a Miami Beach.

Era tudo muito moderno e sem vida, por isso entendi o porquê a mãe do Drew desejava reformar; ela queria transformar a casa em algo mais acolhedor, que tivesse calor.

Ao passar pela sala, parei em frente a um aparador, hipnotizada por um porta-retrato. A foto era do casal Foster. A falecida mulher de Ravi era linda, cabelos escuros e olhos claros. O sorriso era daqueles que contagiava.

— É melhor ter um bom motivo para estar dentro da minha casa, ou não vou hesitar em chamar a polícia!

Pulei de susto com a voz grave em minhas costas.

Ravi estava ali, me encarando com aqueles olhos vazios, porém ferozes. O peito nu, suado, me dizia que estava trabalhando ou malhando, considerando a bermuda, que me permitia vislumbrar as coxas musculosas. Eu não sabia quantos anos ele tinha, mas chutava uns quarenta.

— Oh, perdoe-me, senhor. — Pisquei, lutando contra o nervosismo que sua presença me causava. — Eu não sabia que o encontraria aqui.

Vi quando suas sobrancelhas se arquearam.

— Tenho certeza disso, caso contrário, não teria vindo, hum? Estava pensando em roubar? — Encarou-me da cabeça aos pés. Eu estava usando jeans e camiseta. Um traje bem simples.

Depositei minha prancheta no aparador.

— Roubar? Como ousa? — Bati os pés, sentindo a irritação me dominar. — O senhor não me conhece, então, por favor, não me ofenda. Estou aqui, porque...

— Olha só, não me interessa o que veio fazer na minha casa — interrompeu-me grosseiramente, se aproximando feito um falcão. — Eu só quero que vá embora!

Chegou tão perto que foi impossível não sentir seu cheiro; era uma mistura de loção com suor. Meu coração estava batendo tão

depressa que eu podia sentir a pulsação nas minhas costelas.

Voltou a me encarar de cima a baixo, piorando meu estado interno.

— O seu filho me mandou aqui — consegui dizer, apesar da minha respiração irregular.

— Drew? — Franziu o cenho, se tornando ainda mais atraente.

Sacudi a cabeça, assentindo.

— Sim, — confirmei. — Por que não liga para ele? Seu filho vai confirmar o que estou dizendo. Não sou nenhuma ladra.

Os olhos azuis semicerraram em minha direção.

— Pouco me importa — rugiu, mantendo o tom grosseiro. Afastou-se um passo, permitindo-me tomar ar, o ar que ele estava roubando sem querer. — A única coisa que me importa é ficar sozinho no que é meu, e você está no que é meu, garota. — Gesticulou. — Saia da minha casa!

Rangi os dentes, sentindo a indignação me tomar.

— Não me admira que viva sozinho mesmo, porque é um grosseirão!

Dizendo isso, peguei minhas coisas e rumei para fora da sala.

— Além de invadir minha casa, ainda por cima é atrevida — ralhou em minhas costas. — Por acaso trabalha na minha empresa?

Voltei-me para ele, revoltada.

— Por quê? Pretende me demitir? — provoqueei.

Estávamos perto da piscina.

— E eu deveria? — rebateu.

Fúria invadiu meus sentidos, então o empurrei na direção da água, adorando vê-lo afundar.

— Fique à vontade agora! — exclamei assim que ele submergiu, tossindo. — Cavalos!

Deixei-o resmungando e segui para a saída a passos duros.

Coloquei meu capacete, subi na minha moto e, em seguida, liguei e acelerei com tudo, para longe.

E o mais surpreendente era que eu sentia, além da irritação, uma excitação sem igual.

Ravi Foster era um viúvo prepotente, e o homem mais atraente que já tive o prazer de conhecer.

Ou seria desprazer?



2

Ravi

Saí da piscina sentindo todos os meus nervos fervendo de pura ira e indignação. Que porra acabou de acontecer aqui?

Passei as mãos no rosto e cabelos molhados, desejando tirar o excesso de água enquanto minha mente não parava de pensar naquela garota petulante. Sacudindo a cabeça, marchei para dentro da casa.

No caminho, me deparei com o John, meu caseiro. O pobre homem estava esbaforido e com os olhos arregalados.

— Senhor. — Analisou-me da cabeça aos pés, confuso. — O que aconteceu? Ouvi barulho de briga, mas não consegui chegar a

tempo. Está tudo bem?

Neguei com a cabeça, sem deixar de caminhar.

— Não está, John! — exclamei em revolta. — Ao que tudo indica, o intrometido do meu filho está querendo mexer na minha casa — resmunguei, furioso. — A briga que você ouviu foi minha com uma das arquitetas da empresa. Não sei quem é pior, meu filho, por pensar que pode modificar minhas coisas sem minha permissão, ou, a garota que acabou de sair daqui que, simplesmente chegou entrando como se fosse a dona.

Eu estava muito puto.

John começou a tagarelar, mas eu não estava com paciência para ele; meu foco estava em procurar meu celular.

Subi as escadas de dois em dois degraus, ansioso para chegar ao meu quarto.

Encontrei o celular em cima da mesa de cabeceira, e rapidamente disquei o número do Drew, mas a ligação chamou até

cair na caixa de mensagens. Fiz três tentativas, porém, ele não atendeu a nenhuma.

O sem-vergonha não queria atender, porque sabia que ele ia ouvir.

Suspirei, sacudindo a cabeça enquanto me concentrava em tentar controlar minhas emoções. Fazia tempo desde a última vez que alguém conseguiu me tirar do sério desse jeito.

Decidido a dar esse assunto por encerrado — por enquanto —, trilhei a espaçosa suíte, em direção ao banheiro. Precisava de um banho.

E frio, para acalmar meus ânimos.



Na manhã seguinte, acordei bem cedo e fui direto para a empresa. Empresa essa que, há dois anos, decidi entregar o controle da liderança para meu filho — que antes mesmo de se formar em administração, já trabalhava comigo — visto que, eu não

estava mais em condições psicológicas de continuar gerindo o empreendimento que construí ao lado da minha falecida esposa; parecia não haver mais inspiração para mim. Ela era minha fonte.

Minha luz.

A Dream Architecture nasceu de um sonho, de oportunidades que foram surgindo no caminho, e Elisabeth permaneceu ao meu lado em cada etapa. Nós dois nos conhecemos quando ambos tínhamos dezessete anos; ela estudava arquitetura e, eu, nessa época — com a ajuda do meu falecido pai — já comprava e revendia casas, reformadas. Eu me orgulhava de ser um bom construtor. Beth e eu formávamos uma dupla perfeita.

E foi assim por dezoito anos, até uma maldita doença tirá-la de mim.

— Bom dia, senhor Foster!

Nem sequer me dignei a cumprimentar a recepcionista, pois eu tinha apenas um rumo certo, e era a sala da presidência.

Marchei a passos duros, ignorando qualquer um que se atravessava no meu caminho.

Quando avistei a porta de vidro, toda entalhada com a logomarca da empresa, meti a mão na maçaneta sem ser anunciado. Eu não precisava dessa porra.

Drew estava ao telefone quando entrei, mas notei que dispensou quem quer que fosse a pessoa do outro lado da linha, e encerrou a ligação.

No instante que tive sua atenção, rugi, em tom alto:

— Quem você pensa ser para se meter na minha vida? Pensa que pode enviar uma intrometida a minha casa sem me avisar? — Apontei o dedo em sua direção.

Meu filho era um rapaz de vinte e dois anos, calmo e bem tranquilo, puxou toda a personalidade da mãe; Beth “pagava” para não brigar.

— Bom dia para você também, pai — ironizou, gesticulando para a poltrona em frente à mesa. — Por que não se senta? — convidou. — Dormiu bem?

Semicerrei os olhos para ele.

— Não me venha com esse cinismo, porque você sabe muito bem o que aconteceu! — Bati contra a mesa, irritado.

— Por que não se senta? — repetiu, naquela calmaria irritante.

Sacudi a cabeça, frustrado demais para continuar parado, então comecei a ziguezaguear pelo espaço da sala.

— O que pretende com isso, Drew? — indaguei, me voltando para ele. — Não vou permitir que você retire um prego daquela casa. Você sabe muito bem o quanto aquele lugar significa para mim, então esqueça qualquer plano idiota.

Vi quando ele girou a poltrona, esfregando o rosto.

— O plano não é meu — declarou, fazendo minhas sobrancelhas se unirem em confusão. Inspirando fundo, se colocou

de pé e trilhou o cômodo até a mesa de centro, do espaço da sala feito para discussão. — A mamãe planejava reformar a casa. Ela queria mudar, pai.

Parou em minha frente, estendendo a pasta para mim. Trêmulo, aceitei. Podia sentir meus dentes rangendo.

— Entendo sua dificuldade em desapegar — argumentou.

— Não entende — rebati, sem desviar os olhos da papelada em minhas mãos. — Nunca se apaixonou de verdade, então não sabe o tamanho da dor que a morte da sua mãe me causou. Não há como descrever em palavras o vazio que sinto aqui dentro. — Bati o punho fechado em meu peito.

Ouvi seu suspiro baixo.

— Às vezes, o senhor parece se esquecer que eu também sofri e sofro com a ausência dela — resmungou em tom magoado. — Você era o marido, mas eu sou o filho. E estou aqui, sabia? Sinto

falta do meu pai. Sinto falta das nossas aventuras. Já é hora de recomeçar.

Endureci meu maxilar, preso entre a tensão e o arrependimento pelo nosso distanciamento. Nos últimos cinco anos, eu realmente me fechei numa maldita concha.

A voz ficou presa em minha garganta.

— Sei que pensar em modificar o lugar o qual ela viveu seus últimos anos de vida é difícil, porque lá estão muitas lembranças, mas pense nisso como um último presente para a mamãe, pai. Tenho certeza de que, de onde ela estiver vai ficar feliz se realizarmos esse desejo.

Continuei em silêncio, pois estava chocado demais para falar qualquer coisa que fosse.

Elisabeth nunca comentou comigo a respeito desse desejo de reformar a casa de praia. Obviamente que tínhamos outros imóveis,

mas a casa de praia era especial por ser o primeiro que compramos quando as coisas ficaram boas no quesito financeiro.

E desde sua morte, eu não saía de lá, mesmo tendo o caseiro John para cuidar da casa.

— Me desculpe por mandar a Chloe lá — disse ele, percebendo que eu não falaria nada —, mas eu pensei que o senhor não estaria na casa, pois tinha se mudado para o Flat. Voltou a morar lá?

— O Flat não é minha casa, Drew.

Dessa vez foi ele quem preferiu o silêncio.

— Então quer dizer que o nome da pequena invasora é Chloe?
— intimei, instantes depois, desviando os olhos da papelada. Meu filho abriu um sorriso.

— Sim, — respondeu. — Eu a contratei há seis meses. A garota é boa, tem potencial.

Bufei, fechando a pasta em minhas mãos.

— O único potencial que eu vi nela foi o da má educação — resmunguei. — Ela me jogou na piscina, sabia?

— É o quê? — Surpreendeu-se, porém, rindo. — Chloe fez isso? Não acredito!

— Vamos fazer isso! — ditei, ignorando suas palavras. — Mas encontre outra arquiteta, não quero aquela garota abusada.

Rumei para a porta de saída.

— Mas pai...

Coloquei a mão na maçaneta da porta, mas parei, me voltando para meu filho, que já estava próximo a mim.

— Está decidido! — exclamei, cortando suas palavras. — Iniciaremos na próxima semana.

Dizendo isso, abri a porta e marchei para fora, contudo, freei os passos quando visualizei uma figura feminina parada diante dos meus olhos. Eu não podia ser hipócrita em não admitir a mim mesmo quão atraente Chloe era, porque a garota era deslumbrante.

Put a merda! Eu era homem, e meu corpo reagia ao sexo oposto com igual furor da adolescência.

Semicerrei os olhos em sua direção, arrastando-os pelo seu corpo pequeno e delicado. Ela era baixinha, cabelos ruivos e olhos verdes.

— Bom dia! — saudou, cruzando os braços, mas sem deixar de empinar aquele narizinho arrebitado.

Nem me dignei a responder e, simplesmente continuei meu caminho, lhe virando as costas.

— Acabei me esquecendo de que pessoas mal-educadas não estão acostumadas com esse tipo de saudação — resmungou ela, forçando-me a parar de caminhar e voltar a encará-la com meu pior olhar. — O que foi? — Continuou me desafiando, sem se abater com meu semblante fechado.

Nesse momento, Drew se aproximou, e Chole o encarou:

— Já posso me considerar a mais nova desempregada do mercado? — perguntou a ele, que franziu o cenho, confuso.

— Desempregada? — perguntou Drew. — De onde tirou isso?

A abusada apontou para mim, mas antes que pudesse abrir a boca para falar mais bobagens, eu a interceptei:

— Acabei de conversar com meu filho — rosnei, com o maxilar travado —, iniciaremos o projeto da reforma da casa na próxima semana. — Não olhei para o Drew, mas podia sentir seu olhar confuso em mim, visto que eu acabara de dizer que não queria a garota como a arquiteta. — Espero que você seja tão boa na profissão quanto é em me tirar do sério — resmunguei.

Em seguida, me virei e caminhei para os elevadores, ignorando-os.

Sentia meus batimentos acelerados, e minha adrenalina a (mil). E o pior, minha mente estava tão bagunçada que eu não fazia ideia do motivo para tal confusão.



3

Chloe

Estacionei a moto na garagem de casa e, instantes antes de passar pela porta de entrada, recebi uma mensagem de um número desconhecido.

“Por favor, fale comigo...”

Meu coração acelerou na mesma hora, consciente do remetente, embora o número fosse desconhecido. Jackson, meu ex-namorado.

Eu e ele nos separamos há seis meses — logo antes de eu ser aceita na empresa Dream Architecture — depois de um longo relacionamento de cinco anos. Nós nos conhecemos na faculdade,

quase no fim do meu curso, e então nos apaixonamos. Contudo, com o passar do tempo, o ciúme doentio do Jack começou a atrapalhar nosso envolvimento e isso foi me afastando dele pouco a pouco, até que optei por terminar o namoro por não aguentar tanta pressão.

Todavia, Jackson não aceitou nossa separação muito bem, e passou a me infernizar frequentemente. Eu cansava de bloquear seus números, mas não adiantava, porque ele sempre surgia com um novo.

Suspirando, exausta, bloqueei mais aquele número e, em seguida, entrei em casa. Encontrei minha mãe surgindo do corredor, carregando um vaso de flores nas mãos. O sorriso que ofereceu a mim ao me ver logo desvaneceu quando notou meu semblante tenso.

— O que houve? — perguntou, depositando o vaso em cima de um armário. — Conheço essa cara.

Franzi o cenho, tentando disfarçar enquanto fechava a porta e deixava as chaves sobre o aparador.

— Não foi nada, mãe — resmunguei, tirando o casaco. — Só estou cansada.

Ela chegou mais perto, segurou meu rosto e beijou minha testa.

— Você sabe que veio de mim, né, querida? Conheço você mais do que você mesma, então sei quando está mentindo. — Acariciou minhas bochechas com carinho, fazendo-me sorrir. — É aquele vagabundo do seu ex-namorado, hum?

Inspirei o ar profundamente, frustrada com sua percepção.

— Jack vai desistir — declarei, sem muita convicção. — Ele vai entender que eu estou convicta da minha decisão e vai seguir em frente.

Tirei meus sapatos e me inclinei para pegá-los.

— Já falei para você dar queixa na polícia — repreendeu ela.

— Isso já está passando dos limites, filha. Meu coração se enche de angústia com essa situação.

Fui até ela e apertei sua mão com a minha livre.

— Pare de se preocupar com coisas bobas — pedi, beijando sua bochecha. — A propósito, tenho uma novidade para contar — soei animada, ansiosa para arrancar a tensão de seu olhar. — Estou no projeto daquela reforma.

Vi um brilho tomando conta de seus lindos olhos.

— Aquele do grosseirão?

Sorri da sua pergunta. Obviamente que eu contara tudo a ela, com todos os detalhes, a respeito da minha visita à casa de praia do Ravi, inclusive, sobre o momento que o empurrei contra a piscina. Na ocasião, minha mãe ficou do meu lado — como sempre — dizendo que ele mereceu o que fiz por toda sua grosseria.

— Esse mesmo! — exclamei, eufórica. Esse projeto seria muito importante para minha carreira.

Comecei a subir as escadas, com minha mãe em meu encalço, angustiada por mais informações.

— Quero saber tudo!

Sorri, agraciada. Éramos apenas nós duas, visto que perdemos o papai para o aneurisma há três anos. Porém, eu tinha minha mãe como meu porto seguro.

Ela era minha base, meu bálsamo.



Estava perto do horário de almoço quando estacionei minha moto no estacionamento do restaurante chique o qual fui intimada a ir, para almoçar com o pai insuportável do meu chefe. Mesmo desgostosa com esse fato, sabia que eu precisava engolir toda a irritação que ele me remetia e, ligar meu lado profissional. A obra era dele, então minha função era acatar suas exigências e palpites.

Eu optara por uma calça, jeans, e uma blusa de alça, pois estava um dia abafado. Decidi trançar meus cabelos ruivos, já que eram compridos e incomodavam um pouco.

Depois que dei meu nome para a recepcionista, fui instruída a seguir até a mesa onde meu acompanhante já me aguardava. Caminhei, altiva, ouvindo o barulho dos meus saltos ecoando pelo lugar elegante.

Por incrível que pudesse parecer, Ravi se colocou de pé assim que me viu, o que me fez suspirar baixinho quando meus olhos acompanharam o movimento de seus bíceps, considerando que estava usando uma camiseta justa. A calça jeans era escura e um pouco larga na cintura, dando um ar de jovialidade.

O homem podia ser a arrogância em pessoa, mas eu não podia negar sua beleza e sensualidade.

Parei em frente à mesa.

— Agradeço por chegar no horário — disse em tom de alfinetada.

Arqueei as sobrancelhas para o atrevido, sentindo minha língua ansiosa para ricochetear uma resposta malcriada, mas me controlei.

— Sou uma profissional pontual e responsável, senhor Foster — murmurei, engasgada. Puxei uma cadeira e me sentei.

— Por favor, me chame de Ravi — ditou, voltando ao seu lugar. — Vamos trabalhar juntos, então prefiro que nosso tratamento seja o menos formal possível.

Logo, o garçom se aproximou da nossa mesa e, rapidamente fizemos os pedidos. Eu estava faminta, então optei por um prato menos elaborado, e com bastante sustância.

— Fiquei surpreso de você não ter optado por uma salada — comentou.

Arqueei as sobrancelhas para ele.

— Por quê? Algum problema com minha escolha de cardápio?

Negou com a cabeça, rindo sutilmente.

— Problema nenhum, senhorita — disse. — Apenas fiquei surpreso, só isso. Geralmente, as mulheres que eu conheço preferem comer salada devido a todo esse negócio de peso, pois querem manter a forma...

Sacudi a cabeça, achando graça de suas palavras. Entretanto, para o bem de nosso relacionamento profissional, decidi não tecer nenhum comentário, e mudei de assunto bruscamente:

— Vamos falar do projeto antes, ou depois do almoço? — perguntei, apontando para a pasta em cima da mesa.

Aproveitei para pegar minha agenda de anotações.

Vi que ele semicerrou os olhos para mim, claramente contrariado com minha mudança brusca de assunto. Foda-se!

— Eu tenho algumas ressalvas — emendei, abrindo minha agenda. — O projeto está muito bem executado em toda sua

essência, porém, quando ele foi arquitetado algumas especificações, detalhes e acabamentos na engenharia e arquitetura mudaram de uns tempos para cá, e eu gostaria da sua opinião em alguns ‘upgrades’ que desejo fazer.

Encarei seus olhos azuis, que estavam atentos aos meus o tempo todo.

— Mostre-me suas ideias. — Gesticulou.

E então, comecei a lhe mostrar minhas anotações e amostras de materiais, me esforçando para fazê-lo entender meu ponto. O bom da modernidade era que ela abria um leque, de opções e possibilidades. Na época em que o projeto foi feito pela sua falecida esposa, o mercado não tinha tantas alternativas de cores, por exemplo.

— Podemos utilizar materiais ecológicos se você preferir — opinei. — Na verdade, podemos utilizar o conceito novo de construção sustentável da área da Engenharia Civil adotando um

conjunto de práticas antes, durante e após a execução da construção com o intuito de preservar o meio ambiente e economizar os recursos naturais.

— Isso é importante — argumentou, interessado. — Projetos de engenharia inteligentes aproveitam melhor as características do terreno e da natureza.

— Justamente — concordei. — Desde a iluminação solar natural para economizar a utilização de lâmpadas nas instalações, até o uso de materiais ecológicos, sendo outro fator importante da construção sustentável, como, por exemplo, madeira de reflorestamento, plástico e concreto reciclado (concreto aproveitado a partir da demolição de outros edifícios).

A conversa perdurou por longos minutos, e prosseguiu até durante o almoço. Fiquei feliz e aliviada que, ao menos nesse quesito, nós dois concordávamos. Ravi era um excelente

profissional também, visto que iniciou sua carreira no ramo da construção.

— Vou analisar melhor suas anotações, Chloe — afirmou ele, quando nós dois já estávamos no lado de fora do restaurante. — Na verdade, quero manter o máximo de detalhes possível do projeto original. Desejo seguir as ideias da Beth.

Concordei com a cabeça, compreensiva.

— Está certo! — exclamei, estendendo minha mão para ele. — O importante é conseguirmos fazer algo que o deixe feliz, Ravi — declarei. — Afinal de contas, também é isso que Drew deseja.

Ravi não disse nada, e esse silêncio me deixou um pouco tensa. Sendo assim, com o capacete em mãos, me despedi dele e segui para minha moto, totalmente consciente da força de seu olhar em minhas costas.

Nervosa, subi na moto e a liguei. Rapidamente acelerei e me afastei, inspirando o ar que, estranhamente, ficara preso em minha

garganta.



4

Ravi

“Eu estava parado, enquanto observava Elisabeth cuidar das plantas; ela adorava. Fascinado, eu não conseguia parar de admirar seu sorriso e a delicadeza de seus gestos.

— Você está muito silencioso — comentou ela, fazendo um biquinho fofo.

Sorri abertamente.

— Só estou admirando a mulher mais linda que já vi — declarei, agraciado pelo brilho que tomou conta de seus lindos olhos. — Sou a porra do homem mais sortudo do mundo por ter me casado com você, sendo um anjo na minha vida.

Nesse momento, Beth parou de mexer nas plantas e se virou para mim, fazendo-me observar seu perfil completamente. Estava usando um avental e luvas de jardinagem.

— Falando desse jeito você me deixa toda boba e mal-acostumada, sabia? — disse, em tom divertido.

Encurtei o espaço que nos separava e enrolei sua cintura com um dos meus braços, e com a outra mão, aconcheguei seu rosto.

— Mas você merece somente o melhor, querida — murmurei.
— Somente o melhor dos meus cuidados. Meu maior prazer é mimar você, meu amor. Eu a amo, Beth.

— Eu sei, Ravi. — Suas mãos tocaram meu rosto, que estava barbudo. — Estamos conectados e ficaremos ligados um no outro para sempre, mas você precisa recomeçar sua vida, querido.

Franzi o cenho, sem entender suas palavras.

— Recomeçar? Do que está falando?

Elisabeth continuou acariciando meu rosto, admirando meus traços com tanto carinho que fiquei comovido.

— Você me prometeu, Ravi — murmurou, misteriosa. — Prometeu que seria feliz, que ficaria bem.

Na mesma hora, meus olhos se encheram de lágrimas devido à angústia que tomou meu peito, me sufocando.

— Beth...

Num momento, nós estávamos juntos, abraçados, mas no outro, Beth estava longe, acenando para mim em despedida. Tentei alcançá-la, porém, quanto mais eu me esforçava para chegar perto, mais longe ela ficava. De repente, fui obrigado a fechar os olhos pela forte luz que quase me cegou.”

Acordei, assustado, num sobressalto.

Sentei-me na cama, sentindo o suor escorrendo da minha testa; meu coração batia tão depressa que eu podia sentir a

pulsação em minhas costelas. Esfreguei o rosto, num esforço para controlar minhas emoções conflitantes.

Levantei-me e segui direto para o banheiro; parei em frente a pia e olhei para meu reflexo no espelho. Meus olhos estavam vermelhos e o nó se fazia presente na minha garganta. Fazia tempo desde a última vez que tive esse tipo de pesadelo com a Beth.

Joguei uma água no rosto e nuca, querendo aplacar o calor em minha pele. Depois disso, saí do quarto e descí ao andar de baixo. Precisava beber.

Precisava me anestesiá para aplacar essa dor.

Não escolhi a bebida, apenas peguei a primeira que vi pela frente e entornei direto do gargalo. O líquido desceu queimando minha garganta. Com a garrafa nas mãos, caminhei até me jogar no sofá. Meus pensamentos tinham vida própria, e tudo o que minha mente me mostrava era Elisabeth. Somente ela.

Ela era dona do meu ar.

Dona da minha cabeça.



Eu estava com minha cabeça latejando quando ouvi o barulho da campainha repetidas vezes. Passei a mão na boca, limpando o resquício de baba e bebida. A luz do sol, refletida nas vidraças da sala estava me incomodando, piorando minha dor de cabeça.

Como demorei para atender a pessoa insistente, logo ouvi quando remexeram na porta, girando a maçaneta em seguida.

Não acreditei quando vi a figura do Drew entrando.

— Perdi o domínio da minha vida para você e não fiquei sabendo? — resmunguei, porém, me obriguei a pressionar minhas têmporas devido à dor. — Desde quando possuí a chave do meu Flat?

— Desde que descobri que você está se embebedando como se não houvesse amanhã — resmungou ele, se aproximando das

vidraças e arregaçando as cortinas. — Então não me culpe por querer bancar a babá.

— Você está se tornando um “pé no saco”, sabia? — ralhei com ele, que riu. — Afinal, o que quer?

— Se esqueceu que marcou comigo para conversarmos a respeito da reforma da casa de praia? Você me ligou ontem, logo depois do seu almoço com a Chloe.

Pisquei, inspirando profundamente.

— Não me lembro de nada.

— Porque está com a cara cheia de álcool — indignou-se, arrancando o paletó. Drew era viciado em ternos. — Anda, vá logo tomar uma (ducha). Vou preparar um café preto, bem forte e sem açúcar para você tomar.

— Já falei para parar de me tratar como um moleque, Drew — sibilei entre dentes, mas o abusado nem sequer se abateu com meu

semblante ou meu tom irritado. Meu filho me conhecia o suficiente, e entendia minhas 'nuances'.

Drew não falou nada. O que agradei, pois, meu humor estava péssimo.

Na verdade, desde que perdi a Beth, única mulher que conseguiu tocar meu coração, eu nunca mais fui o mesmo.

Era como se ela tivesse levado uma parte minha consigo.



5

Chloe

Eu estava em minha sala, terminando de elaborar um projeto quando uma batida na porta chamou minha atenção. Alice, que também era arquiteta na empresa, estava ali, sorrindo lindamente para mim. Vi que verificou as horas em seu relógio de pulso.

— Ei?! Ainda está trabalhando? — questionou, entrando na sala. — O pessoal está com intenção de dar uma passada no barzinho aqui em frente para espairecer um pouco. Está interessada a ir também?

Estalei os lábios, pensativa, enquanto me jogava contra o encosto da poltrona, sentindo meus músculos tensos.

— Tenho que finalizar isso. — Gesticulei para o desenho. Embora distintos, o desenho à mão e o uso de programas computadorizados desempenhavam papéis complementares.

O desenho à mão é algo bastante eficiente na tradução de ideias para o projeto, na construção de conceitos, de linguagem, de partido, enfim, de uma predefinição da forma, suas relações estéticas e funcionais. Os 'softwares', no que lhes concerne, representam um ganho de eficiência na "construção técnica" do projeto. Pois, permitem ao arquiteto definir e representar com precisão e rapidez mesmo as formas mais complexas, dão agilidade aos trabalhos em equipe, e ainda possibilitam estudos facilitados de desempenho térmico, energético, de orçamento, etapas construtivas, organização de canteiro, etc.

— Você trabalha demais, Chloe — observou Alice. Ela era uma negra linda, com cabelos encaracolados, mas no estilo Black Power. — Precisa se permitir um fôlego às vezes. — Sorriu com aqueles dentes brancos, alinhados e impecáveis.

Suspirei, cabisbaixa, porque eu sabia que ela tinha razão. Fazia tempo desde e última vez que apreciei uma baladinha, ou um *happy hour* com os amigos. Ultimamente, minha vida era somente trabalho, casa, trabalho e casa.

— Concordo com você, Alice, mas, infelizmente, eu preciso terminar esse esboço, caso contrário, ficarei sobrecarregada, pois, ainda tenho de me concentrar no projeto do senhor Ravi.

— Não sei se te parabenizo, ou se fico com pena — comentou ela, dramatizando. — O senhor Ravi é a ignorância em pessoa. — Deu uma risadinha.

Fiz uma careta, concordando com ela. Entretanto, ainda me surpreendia quando me recordava do almoço que tive com ele no dia anterior. Foi uma conversa civilizada afinal.

— Enfim, Chloe... — emendou ela, ajeitando sua bolsa no ombro. — Se mudar de ideia, estaremos no bar. — Deu uma piscadinha marota.

Sorri para ela, assentindo com a cabeça, embora tivesse certeza de que não iria. Não podia me dar a esse luxo.

Minutos mais tarde, levei o olhar para a janela e constatei que já estava escuro. Peguei meu celular para verificar as horas, e nesse exato instante ele começou a tocar em minha mão. Beirava as vinte horas.

Arqueei as sobrancelhas em puro espanto quando visualizei o nome do Ravi no visor do aparelho.

— *Boa noite, Chloe* — saudou-me, assim que atendi. — *Sei que não combinamos nada, mas eu gostaria de discutir algumas questões com você a respeito do projeto. Será que poderia jantar comigo, no mesmo restaurante que estivemos ontem?*

Pisquei, ainda me esforçando para assimilar suas palavras.

— Bem, eu... aaaah... — comecei a olhar para os lados e para a bagunça em cima da minha mesa — Claro! — exclamei,

sacudindo a cabeça, frustrada, porque teria de ir a esse jantar diretamente da empresa. — Encontro você lá, senhor Foster.

— *Ravi* — corrigiu-me, com aquela voz grave que me arrepiava por inteira. — *Eu já pedi para você me chamar de Ravi.*

Mordi os lábios.

— Está certo, Ravi — murmurei, lutando contra o nervosismo. Era incrível como esse homem conseguia me deixar abobalhada e irritada com a mesma proporção de intensidade. — Daqui a pouco, nós nos encontramos.

— *Aguardo você.*

E desligou.

Fiquei encarando o celular por um bom tempo, reorganizando meus pensamentos e forçando minha mente a funcionar do jeito certo. Eu nunca fui uma garota de fácil acesso, sempre me resguardei por medo de me machucar. E mesmo com toda essa cautela não previ que seria vítima de um relacionamento abusivo

com o Jackson, que no começo demonstrou ser um homem adorável e perfeito. Então, agora, eu estava me sentindo confusa com toda essa miríade de sentimentos que passou a me envolver desde a primeira vez que coloquei meus olhos em Ravi, e isso era muito perigoso.

Céus!

Balancei a cabeça e, em seguida, esfreguei meu rosto. Foco. Eu precisava de foco.

Comecei a guardar meus materiais, concentrada no que era importante. Minha carreira.

Somente isso que me importava.



Cheguei ao restaurante longos minutos depois. Eu dera um jeito no meu visual, considerando que não tive tempo de ir em casa. Amarrei meus cabelos num rabo de cavalo bem apertado, refiz

minha maquiagem para tentar amenizar as olheiras e o cansaço do dia.

— Boa noite! — Ravi se colocou de pé assim que eu me aproximei da mesa. O homem era uma verdadeira incógnita para mim, visto ter momentos que agia feito um cavalo, e em outros parecia um gentleman. — Espero não ter atrapalhado sua programação de hoje à noite, já que liguei bem em cima da hora. Sei que vocês, jovens, tendem a serem intensos nas noitadas — insinuou. Mas não levei seu comentário para o lado ofensivo, entendi que foi algo natural para ele.

— Posso ter vinte e cinco anos, Ravi, mas não gosto muito de perder noites de sono por festas ou saídas com os amigos — confidenciei, tomando meu lugar à mesa. — Sou uma garota com foco e responsabilidades no que me proponho a fazer. — Sorri para ele, que retribuiu, embora de modo ameno.

— Entendo — murmurou. Observei quando sinalizou para o garçom, que logo se aproximou da mesa. Fizemos nossos pedidos. — Enfim... — continuou a dizer assim que voltamos a ficar a sós — mais cedo, conversei com meu filho a respeito das anotações que eu e você fizemos ontem durante o almoço — declarou, pegando uma pasta. — Ao longo dos anos, eu adquiri muitos contatos de fornecedores — afirmou —, pode não parecer, mas tenho mais experiencia no ramo da construção do que você e o meu filho, juntos — sorriu fraco. — Então, quero tentar conseguir o máximo de material descrito no projeto original, para seguir o desejo da minha mulher.

Ele nunca se referia a ela como falecida.

Ele começou a indicar suas anotações, inclinando-se todo sobre a mesa de modo a sinalizar para as informações que queria que eu prestasse atenção. Entretanto, era impossível me concentrar cem por cento no que ele dizia quando seu perfume infundia minhas narinas deixando-me zozza. Puta merda! Eu só podia culpar meu

período hormonal, porque não era possível. Eu não podia estar atraída por Ravi Foster.

Como no dia anterior, no almoço, nós dois conseguimos conversar civilizadamente e chegar a um acordo. Eu compreendia a dificuldade do Ravi em mudar algumas coisas do projeto, visto que foi feito pela sua falecida mulher. Nunca me interessei em me aprofundar na pesquisa sobre a vida deles, mas pela forma como ele parecia sofrer era nítida sua dor pela ausência dela.

Eu não era do tipo romântica, mas sonhava em um dia poder vivenciar um amor assim, tão forte e intenso como o deles dois.

— Então no decorrer dos próximos dias, correremos atrás de todas as mudanças — disse ele, caminhando ao meu lado no estacionamento do restaurante. — Com tudo pronto, poderemos iniciar a reforma.

Sacudi a cabeça, assentindo.

— Estou ansiosa por isso. — Sorri para ele.

Nesse momento, pisquei com a chegada abrupta do Jackson. Ele estava usando uma jaqueta com capuz, mas eu o reconheci antes mesmo de ele revelar o rosto. Seus olhos negros pareciam vazios e sombrios conforme olhava de mim para o Ravi.

Tensão tomou meu corpo.

— Então é por isso que você não aceita mais minhas ligações nem minhas mensagens? — questionou, rindo com amargura. — Está dando a boceta para esse cara, Chloe? A porra de um velho?!

Meu rosto queimou de vergonha e frustração.

— Pelo amor de Deus, Jackson, pare com isso! — implorei, me atravessando em sua frente ansiando afastá-lo do Ravi. — Por favor, vá embora daqui!

— Por quê? — questionou, num rugido, enquanto se soltava do meu toque com um safanão. — Quer privacidade com seu amante velhote?

Travei o maxilar, furiosa por estar passando por aquele constrangimento na frente do pai do meu chefe.

— Está tudo bem, Chloe? — Olhei para Ravi ao ouvir sua voz. Seus olhos não se desgrudavam do meu ex-namorado. — Você está precisando de ajuda com isso?

— Isso, sou eu, velhote, o namorado dela! — ralhou Jackson, ameaçando Ravi com seu tamanho todo.

— Ex-namorado, Jackson — retruquei rapidamente. — Que isso fique bem claro — emendei com um suspiro exausto. Era a mesma ladainha de sempre.

Olhei para Ravi e disse:

— Você pode ir, está tudo bem. Eu resolvo isso — afirmei a ele, que continuava encarando Jack com aqueles olhos intensos.

— Tem certeza? — perguntou com desconfiança.

Assenti com a cabeça.

— Está certo — concordou, apesar da dúvida. — Vejo você amanhã.

Dizendo isso, se afastou.

Fiquei sozinha com Jack, o homem para o qual, por um longo período, entreguei meu coração e todos os meus sonhos.



6

Ravi

A cada passo que eu dava em direção ao meu carro mais minha consciência berrava aos meus ouvidos para eu voltar para onde deixei a garota. Era ridículo, eu sabia, pois, não éramos nada um do outro. Entretanto, meu caráter não me permitiu ignorar. Eu não podia simplesmente virar as costas e ir embora.

Com isso em mente, retornei os passos e me deparei com uma cena que fez meu sangue ferver nas veias e meus punhos cerrarem automaticamente. O idiota estava segurando Chloe pelos braços, e de um modo agressivo.

— Me solta, Jackson — dizia ela. — Pelo amor de Deus, homem, quando vai entender que nós dois não estamos mais juntos?

— É você que ainda não entendeu que eu nunca vou desistir de você, Chloe — respondeu ele. — Você é minha!

Chloe se soltou dele, apesar de não ter conseguido ir muito longe, pois o desgraçado voltou a segurá-la.

— Quem era aquele velhote? É com ele que você está agora, né? Vai até se encontrar com ele amanhã.

Chloe suspirou, ameaçando ir até sua moto.

— Apesar de você não ter o direito de saber, eu não tenho ninguém — afirmou ela. — E o homem que estava comigo agora é dono da empresa a qual trabalho, então, é o meu chefe. Espero que esteja satisfeito por ter me feito passar uma das maiores vergonhas da minha vida.

— Está me culpando? — Ele a agarrou pelo braço, fazendo-a gemer. — A culpa não é minha se você é uma vagabunda que...

— Algum problema aqui, Chloe? — Me fiz presente, chamando a atenção dos dois.

O idiota a soltou, semicerrando os olhos em minha direção.

— Ravi! — Chloe se desesperou quando notou seu ex-namorado vindo em minha direção como um touro desgovernado. — Por favor, eu estou bem. — Se colocou na frente do idiota. — Jack, não faça nada estúpido e...

Num movimento abrupto, ele a empurrou longe, e isso foi o estopim para mim. Fechei a mão em punho e mirei em seu rosto. Meu soco o derrubou.

— Ah, então o velhote quer brigar? — zombou ele, limpando o sangue do canto da boca e se levantando.

— Jackson, não faça isso! — Chloe implorou em desespero.

Preparei-me para o golpe, ciente da força do infeliz por ser jovem. Todavia, eu era um homem que mantinha uma rotina de treinos, o que me dava uma boa resistência e agilidade.

— Quer dizer que você é agressor de mulheres, filho da puta?!

— Soquei seu estômago.

O desgraçado conseguiu se desvencilhar e atingiu meu queixo com tanta força que acabou tirando meu maxilar do lugar.

Isso fez minha fúria subir ao nível máximo.

Joguei-me sobre ele, enchendo seu rosto de porrada. Eu odiava esse tipo de homem, odiava covardia contra mulher.

Só parei quando Chloe enrolou os braços em meus ombros, forçando meu corpo para trás, implorando para eu sair de cima do idiota.

Tropecei em meus próprios pés, sentindo a adrenalina correndo em minhas veias. Rapidamente, recoloquei meu maxilar no lugar.

Chloe estava tão assustada que só sabia chorar enquanto olhava de mim para o rapaz no chão. O infeliz começou a tossir, pressionando o nariz, provavelmente quebrado.

— Vo-você... — gaguejou ele com a voz esquisita — tem a mão pesada... velhote — resfolegou, se colocando de pé. Seu rosto estava todo ensanguentado. — Mas saiba que isso não vai ficar assim — ameaçou. Depois olhou para Chloe: — E você não perde por esperar, vagabunda!

Nesse momento ameacei me lançar sobre ele, mas Chloe se colocou no meu caminho, me bloqueando. Seu olhar choroso e temeroso me desarmou por completo.

— Por favor, não — pediu, sacudindo a cabeça como se me dissesse para ignorar. — Deixe-o ir.

Suas mãos pequenas e delicadas pressionaram meu peito.

Minha respiração estava tão ruidosa que eu podia sentir minha garganta queimando.

Pisquei, focando minha atenção nela, em seu rosto.

— Você está bem? — perguntei, analisando-a.

— Eu quem te pergunto — revidou, trêmula. Piscou, fungando o nariz. — É você quem está ferido.

Olhou ao redor, deduzi que para ter certeza de que seu ex tivesse realmente ido embora.

— Ei? — chamei sua atenção novamente. — Quer que eu a acompanhe até sua casa? — quis saber, estranhamente preocupado.

Ela piscou, parecendo voltar a si. Seu descontrole com toda a situação era nítido.

— Não se preocupe comigo — respondeu, sem pestanejar. Então, esfregou o rosto para limpar o rastro de lágrimas, e jogou a cabeça para trás buscando fôlego. — Honestamente, o que eu preciso agora é de uma bebida forte. Me acompanha?

Arqueei as sobrancelhas para ela, preso entre o espanto e a incredulidade.

— Tem certeza? — indaguei.

Vi quando me virou as costas, sacudindo a chave da sua moto.

— Absoluta — declarou, convicta. — Se quiser, basta me seguir.

Fiz uma careta quando a vi se aproximar da sua moto; eu não gostava desse tipo de veículo automotor, pois não me passava segurança nenhuma.

— Vamos no meu carro — ditei, mais do que depressa, fazendo-a frear os passos e me olhar. — Depois, eu levo você para casa e peço para algum funcionário meu buscar sua moto.

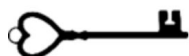
Vi quando ela parou um pouco para pensar, no final, acabou concordando.

— Você é bem mandão, sabia? — insinuou, enquanto caminhávamos em direção ao meu carro, estacionado mais adiante.

— Só vou aceitar, porque como eu disse antes: preciso de uma bebida desesperadamente.

Não falei nada.

No fundo, eu também precisava beber.



O bar que nos levei foi um o qual eu estava acostumado a frequentar.

— Sua camiseta está com algumas manchas de sangue — observou Chloe, instantes após nos sentarmos diante do balcão. — Eu nem sequer tenho palavras para me desculpar por tudo isso.

Nesse instante, o barman depositou uma garrafa de Bourbon diante de nós dois, e Chloe não perdeu tempo em se servir.

— Me separei do Jackson há seis meses, pouco tempo antes de eu entrar na empresa, mas ele não aceita a separação — confidenciou ela, antes de entornar um generoso gole. Nem sequer fez careta. — Então, vive me importunando, insistindo para

reatarmos. Entretanto, essa foi a primeira vez que ele agiu de maneira tão imprudente e agressiva comigo.

Servi-me com uma dose e bebi. Em seguida, me servi novamente.

— Já deu queixa na polícia? — questionei.

Vi que ela abaixou a cabeça e permaneceu encarando o copo.

— Não — respondeu em tom baixo. — Não pensei que precisaria chegar a esse ponto, sabe? Eu posso não querer mais dividir minha vida com ele, mas já quis isso um dia. Respeito a história que tivemos juntos, entende?

Entortei os lábios.

— Acontece que pelo que notei, ele não respeita — murmurei, encarando-a. — A agressividade dele com você ficou visível para mim. O que sua família pensa a respeito disso?

Voltei a encará-la, notando que optou por se manter em silêncio e sem me olhar.

Sacudi a cabeça.

— Ok, entendi — resmunguei, sem esconder a indignação pela situação. — Você não está pronta para falar sobre isso. Desculpe minha intromissão, apenas fiquei curioso. Mas se me permite um conselho, deveria rever seu conceito de não querer denunciá-lo.

Nesse momento, ela ergueu os olhos para mim enquanto bebia. Seus cabelos estavam bagunçados, porém, isso não amenizava em nada sua beleza. A garota era linda.

— Você é ótimo de briga. — Sorriu de um jeito sapeca. Foi um sorriso tão atrevido que me contagiou. — Onde aprendeu a brigar daquele jeito?

Vi que nossos copos estavam vazios, então nos servi novamente.

— Não tive uma vida muito fácil — respondi, sincero. — Então me obriguei a me defender desde cedo. Além disso, no ramo da construção Civil estabeleci uma rotina de trabalho árduo e

atividades físicas, isso me deu agilidade e fôlego para suportar as várias situações do dia a dia.

A conversa perdurou por um bom tempo, pulando de assunto em assunto conforme o álcool começava a anestesiar nossos sentidos. Quando percebi que a madrugada se aprofundava e o bar já estava quase fechando, entendi que já estava na hora de irmos embora.

Mesmo bêbado, fui consciente em pedir um táxi para nós dois. Saímos do bar, agarrados um no outro, rindo como dois idiotas.

Chloe gargalhava de um jeito escandaloso enquanto eu pedia para ela se controlar, embora eu mesmo estivesse rindo também.

— *Nã-não* consigo parar de me lembrar da expressão de idiota do Jackson quando *vo-você* socou a cara dele — murmurou entre risos. — *E-ele* não acreditou que estava apanhando de você. — Riu ainda mais, tropeçando nos próprios pés, sorte que a mantive segura em meus braços. Nesse momento, sua mão tocou meu

rosto. — Jack mereceu — balbuciou. — *A-aquele* idiota mereceu as porradas. — Sacudiu a cabeça.

— Mereceu sim! — concordei, sentindo meus batimentos cardíacos acelerados com nossa aproximação. Ela era ainda mais bonita de perto, nariz afilado e olhos verdes. Os lábios carnudos e rosados estavam entreabertos. — Levou uma surra do velhote aqui. — Bati contra meu peito, divertido. Eu queria fugir daquela sensação estranha que me abateu de repente com a maneira como estávamos nos encarando, e tão de perto. Meu comentário a fez gargalhar mais.

A ajudei a entrar na parte de trás do táxi e, em seguida, fui na frente. Chloe se deitou nos bancos, fechando os olhos e balbuciando palavras incoerentes. Tive dificuldade em entender quando perguntei seu endereço; a garota estava muito louca.

O trajeto foi rápido, considerando que o tráfego era quase escasso durante a madrugada.

— Me espere aqui, por favor — pedi ao taxista, que assentiu.

Desci do carro e abri a porta de trás. Chloe estava dormindo.

Minha cabeça estava girando, então precisei parar um pouco, fechar os olhos e me esforçar para restabelecer meu autocontrole, ou ao menos tentar.

Cutuquei seu braço.

— Ei, garota? Acorde. Nós chegamos.

Ela resmungou algo ininteligível, que me fez rir.

Fechei a mão em seu braço e a puxei para mim.

— Estamos na sua casa — declarei assim que ela abriu os olhos, eles estavam vermelhos.

— Puta merda! *E-estou* muito bêbada — reclamou, rindo.

A auxiliei a sair do veículo.

Quando caminhei com ela em direção a entrada da sua casa me surpreendi, pois, até então não parara para observar o lugar. Era

uma bela casa, bem luxuosa.

Acionei o interfone e, instantes depois, um segurança surgiu.

— Ela precisa de ajuda para caminhar — falei a ele, que concordou com a cabeça.

— É, eu preciso mesmo, Thomas — murmurou ela, divertida.
— Aliás, estou enxergando dois de você, sabia? — Deu risada enquanto gesticulava com os dedos.

Achei graça e me afastei, me concentrando em não tropeçar devido à tontura causada pelo álcool.

Aguardei enquanto ela entrava e só depois me afastei, retornando ao táxi.

Suspirei, sentindo a exaustão ameaçando me dominar. Tombei a cabeça para trás, no encosto do banco, fechando os olhos.

Sem controlar, um pequeno sorriso curvou meus lábios ao me recordar da loucura que foram as últimas horas. Comecei a me dar

conta de que, pela primeira vez em muito tempo, me embebedei por outro motivo que nada tinha a ver com meu luto.



7

Chloe

Minha cabeça estava quase explodindo de tanto que latejava. Estiquei o braço e apertei a descarga depois de outra onda de náuseas. Nem sequer sabia o horário, mas já acordei sentindo meu estômago embrulhado, dando voltas e mais voltas. Fazia tempo desde a última vez que tomei um porre desse jeito.

— Espero que me explique o motivo para essa bebedeira toda — comentou minha mãe, enrolando meus cabelos num coque. Eu ainda estava sentada no chão, ao lado do vaso sanitário. — Vi o horário que chegou ontem à noite, querida, e fiquei preocupada.

Sabe que não gosto quando demora a chegar, poderia ter me avisado.

Esfreguei os cantos da minha boca, sentindo os efeitos da ressaca no meu corpo.

Com muito custo, consegui ficar de pé. Minha dor de cabeça atingiu um nível alto, então precisei fechar os olhos.

— Eu sei, mamãe, e peço desculpas por não ter avisado — murmurei, sincera. — O pessoal da empresa decidiu dar uma esticada no barzinho e acabei aceitando — menti, indo até à pia para poder lavar meu rosto e escovar os dentes. — Foi algo tão abrupto que me esqueci de ligar avisando. Agora estou fodida com essa ressaca do cão. — Bufei, irritada comigo mesma.

Mamãe deu uma risadinha, enquanto passava a mão nas minhas costas.

— Vou mandar preparar uma água de coco para você — avisou. — Você vai precisar tomar bastante líquido hoje se quiser

acabar com a ressaca mais rápido.

— Uhum... — resmunguei, escovando os dentes.

— Ficou tanto tempo sem beber — observou, parecendo chateada. — Ainda não entendi por que fez isso.

Saiu do banheiro resmungando.

Nesse momento, minha mente me mostrou imagens da cena horrenda protagonizada por Jackson. Um misto de sentimentos e sensações me abateu, deixando-me sem fôlego por um segundo. Não, eu não poderia contar a minha mãe, pois saber disso só a preocuparia. E eu fizera uma promessa de que nunca mais lhe causaria problemas e decepções.

No quarto, fui até meu closet e escolhi as roupas que usaria no trabalho. Mesmo desejando voltar para cama devido ao incômodo da ressaca, eu tinha que seguir meu cronograma. E para ajudar, teria de me encontrar com meu chefe e seu pai.

Mordi os lábios ao me lembrar do Ravi e tudo o que aconteceu conosco, e de modo tão repentino e inusitado. Jamais previ que Jackson chegaria ao ponto de agredir alguém por ciúmes, todavia, também não imaginei que Ravi fosse revidar as agressões com tanta veemência, me protegendo e defendendo.

Era até engraçado pensar na forma como nós nos conhecemos, considerando a maneira como ele me tratou. O homem não era de todo ruim, afinal.

Sorri sozinha com esse pensamento, embora não houvesse sido uma boa ideia, porque minha cabeça doeu com isso.

— Droga!

— Falando sozinha, minha filha? — questionou mamãe, retornando ao quarto. Tinha um comprimido e um copo de água nas mãos. — Tome. — Enfiou o comprimido na minha boca sem nem me esperar questionar o que era. — Beba, pois, isso vai amenizar seus enjoos e a dor de cabeça.

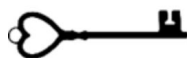
Peguei o copo de água.

— Tem mesmo de ir trabalhar hoje? Poderia tirar um dia de folga.

Neguei com a cabeça.

— Além de ter uma reunião com o senhor Ravi, ainda terei um dia cheio na empresa — expliquei com um suspiro. — Mas pare de se preocupar comigo, eu estou bem. — Deixei um beijo estalado em seu rosto.

Em seguida, joguei as roupas que escolhi, sobre a cama, e fui ao banheiro. Precisava de um banho, e, de preferência frio.



Quando cheguei à casa do Ravi percebi uma abundância de material de construção em frente, além do detalhe de estarem retirando alguns móveis.

Pressionei minhas têmporas, irritada por passar boa parte do meu dia com aquela dor de cabeça dos infernos; já beirava às

quatro horas da tarde, e, por vezes, ela voltava para me incomodar.

O caseiro da casa me indicou o cômodo onde eu encontraria Drew e seu pai, então, segui até lá a passos firmes.

Abri minha garrafinha de água e comecei a tomar enquanto trilhava o espaço.

Pai e filho conversavam sobre um assunto o qual não consegui entender quando cheguei; os dois se calaram na mesma hora quando me viram.

— Peço desculpas pelo atraso, mas hoje não estou muito bem — resmunguei, entrando e me sentando em um dos lugares. Era uma sala de escritório, bem espaçosa e requintada.

— Engraçado você falar isso, porque meu pai acabou de dizer a mesma coisa — comentou Drew, me obrigando a encará-lo. Seus olhos estavam no Ravi. — Ele afirmou que não passou o dia muito bem.

Engoli em seco quando meus olhos se encontraram com os de Ravi. Era estranho estar diante dele depois de toda situação inusitada a qual enfrentamos com Jackson. Fora, as longas horas que passamos juntos no bar.

Céus! Nossa noite de bebedeira renderia lembranças por um bom tempo.

— Sério? — Me fiz de desentendida, já que não sabia o que ele contara ao filho, ou se contou algo sobre nossa noite. — Na verdade, ontem acabei bebendo com alguns colegas da empresa — cocei a garganta, nervosa devido à mentira —, então já acordei de ressaca. — Dei um sorriso sem graça.

Ravi baixou a cabeça, mas pude ver um resquício de sorriso em seus lábios.

— Não sabia que você tinha o costume de sair com o pessoal — observou Drew, se sentando também. — Ouso dizer que nunca a vi trabalhando de ressaca, Chloe, essa é a primeira vez. — Sorriu.

— Isso, porque ninguém é tão certinho quanto você, filho — afirmou Ravi, se jogando contra o encosto da cadeira. — As pessoas bebem e se divertem, e está tudo bem. É normal sair da rotina ocasionalmente.

— O que não é normal é beber diariamente — replicou Drew, em tom de advertência ao pai. O clima ficou tenso na mesma hora, considerando que Ravi fechou a cara.

Cocei a garganta, ansiando fazer algo para não deixar a tensão nos abraçar.

— Enfim, podemos começar a discutir sobre os próximos passos do projeto? — indaguei, querendo mudar o foco. — Vi que alguns materiais já foram comprados.

Drew respirou fundo, e logo se concentrou no assunto que nos reuniu ali. Obviamente que meu lado curioso se agitou para saber e entender o que se passava entre eles, mas não era da minha conta.

Eu já tinha problemas demais para querer me envolver em assuntos de pai e filho.

Enfim, nós começamos a reunião.

Longos minutos depois, o telefone do Drew começou a tocar, o que o obrigou a sair da sala, me deixando sozinha com seu pai.

Nós nos olhamos automaticamente.

— Você está bem? — quis saber, cochichando. Achei tão fofo que eu quase ri.

— Nenhum pouco — falei a verdade. — Fazia tempo desde meu último porre. — Sorri para ele, que fez uma careta.

— Estou perguntando sobre seu ex-namorado — disse. — Ele não voltou a te procurar?

Franzi o cenho, negando com a cabeça.

— Felizmente não. — Suspirei, cansada apenas com a lembrança dele. — Acredito que tão cedo ele não vá me procurar, não depois... — me calei, olhando para a porta para ter certeza de

que Drew estava longe —, da surra que você deu nele — sussurrei, sorrindo.

— Mas eu ainda penso que você deveria prestar queixa à polícia, Chloe — insistiu, ainda mantendo aquela expressão dura — Sou um homem experiente, então conheço as pessoas. E a ameaça daquele rapaz não pareceu vazia para mim. É melhor tomar cuidado.

Inspirei fundo, assustada com suas palavras, embora não transparecesse.

— Não quero pensar nisso agora — resmunguei, me fingindo de forte.

— Mas não é questão de pensar, mas de fazer — persistiu. — Pare de ser tão teimosa.

O encarei com irritação por ele estar insistindo tanto em algo que não lhe dizia respeito.

— Pare você de se meter na minha vida, seu atrevido!

Nesse momento, ouvimos um pigarrear e olhamos para a porta. Drew estava lá, nos encarando com uma expressão curiosa.

— Está acontecendo algo aqui que eu não sei? — intimou, gesticulando entre mim e seu pai.

Neguei com a cabeça, rapidamente, aprumando o corpo.

— Apenas algumas divergências, mas gradualmente vamos acertando tudo — expliquei, nervosa.

Ravi não disse nada, o que agradei, pois, suas recentes palavras ainda estavam ecoando em minha mente como um alerta de perigo.

— Certo! — exclamou Drew, voltando ao seu lugar. — Vamos continuar. Onde paramos?

E assim retomamos a reunião.

Entretanto, por mais que eu me esforçasse, não conseguia parar de observar, disfarçadamente, o homem carrancudo ao meu lado. Ravi era uma incógnita para mim, pois, ao mesmo tempo que

me frustrava com suas mudanças de humor, ele também me intrigava.

E isso estava começando a me preocupar.



8

Chloe

Um mês se passou e a reforma da casa do Ravi estava a todo vapor. Todas as soluções adotadas foram direcionadas de modo a ver quais eram pertinentes e quais não eram. Ravi quis manter a arquitetura original da casa, num terreno de cinco mil metros e numa implantação leste, oeste, norte e sul, então já era favorável para essa questão bioclimática, ventilação cruzada e iluminação. Ravi também tinha planos de aproveitar a vista, que era sensacional; nesse caso, nós pensamos em fazer uma estrutura anexa, no lado oeste, criando um hall de entrada, pois antes não tinha, entrávamos direto pela sala.

Minhas visitas de acompanhamento aconteciam ao menos duas vezes por semana; o responsável técnico da obra era o engenheiro da construtora contratada, e nós conversávamos constantemente a respeito do projeto e das dúvidas e quaisquer problemas que surgiam ou podiam surgir.

Era uma sexta-feira, e estacionei a moto em frente à casa. Por estar perto das dezesseis horas, boa parte da equipe já foram embora, entretanto, eu gostaria de fazer a inspeção de rotina. Apreciava esse contato, esse cuidado com os projetos os quais levavam meu nome.

Longos minutos mais tarde, prestes a ir embora, eu me surpreendi ao me deparar com Ravi. Ele estava parado, observando uma das árvores do jardim.

— Eu não sabia que o encontraria aqui — surpreendi-me, me aproximando dele, que trouxe os olhos aos meus.

Deu de ombros, voltando seu olhar para a árvore a nossa frente. Nas últimas semanas, com a rotina da obra, eu e ele nos aproximamos mais, embora não fosse nada íntimo.

— Passei o dia todo aqui — comentou. De repente, me olhou:
— Chegou tarde hoje. Veio direto da empresa?

Assenti, respirando fundo, apreciando o frescor das árvores.

— Essa é minha parte favorita desse lugar — admiti, de olhos fechados, sentindo o vento bagunçando meus cabelos e banhando meu rosto. — É quase um santuário natural para se repor as energias — brinquei. Quando abri os olhos, senti meu rosto ruborizar por notar seu olhar em mim. A intensidade de Ravi sempre me desarmava.

— Concordo com você — declarou, soltando o ar em uma lufada forte. Nesse instante, me permiti arrastar os olhos pelo seu corpo, admirando a maneira como a camiseta abraçava seus músculos definidos, e sua calça jeans apertava suas coxas

torneadas; o homem era uma máquina ambulante de testosterona. Durante as últimas semanas, com nossa convivência, eu estava tendo dificuldade em ignorar a atração sexual que sentia sempre que estávamos perto um do outro. — Quando adquiri esse terreno, a primeira coisa que pensei foi em deixar algumas árvores para criar uma espécie de bosque. Beth também amava esse lugar aqui. — Gesticulou ao redor, com olhos brilhantes, nostálgico.

Fiquei estranhamente sem jeito por estar cobiçando um homem que só tinha olhos para sua falecida esposa, e nem sequer parecia notar minha existência ou a de qualquer outra mulher.

De repente, senti vontade de sair correndo dali. Cocei a garganta, inquieta. Precisava ir embora.

— Bem, acredito que eu...

— Quer beber algo comigo? — cortou-me, fazendo-me piscar os olhos em espanto. Se aproximou, apontando para a cozinha

improvisada. Era ali que os funcionários faziam suas refeições durante o expediente.

Pisquei, em dúvida.

Estar perto daquele homem estava me fazendo mal.

Abri a boca para negar, porém, suas palavras me bloquearam:

— Você me deve essa.

Franzi o cenho, incomodada.

— Isso é golpe baixo — resmunguei, embora estivesse sorrindo.

Seguimos, lado a lado, para a tal cozinha.

— E o que está achando das mudanças? — perguntei, aceitando quando ele me entregou uma garrafa de cerveja bem gelada.

Observei seu rosto, analisando suas reações.

— Estou gostando — respondeu, parecendo sincero. — O resultado está se saindo melhor do que imaginei. Drew tinha razão afinal, quando insistiu que você era boa.

Quase me engasguei com a cerveja.

— O quê? — Pisquei, sentindo meu rosto ruborizar. — O Drew disse isso?

Ravi deu risada, bebendo sua cerveja também.

— Sim, — confirmou. — Depois que a peguei aqui na minha casa, na primeira vez que nos vimos, eu não queria voltar a vê-la nem pintada de ouro — confidenciou. — Drew veio a seu favor, garantindo que você era uma profissional excelente. — Me encarou, sério. — Você deve ser especial mesmo, já que nunca vi meu filho se preocupar tanto com minha opinião a respeito de alguém.

Fiquei ainda mais envergonhada.

Abri a boca para falar, mas me calei quando visualizei um bolo de chocolate em cima da mesa. Ele estava coberto com a boleira,

mesmo assim fez minha boca aguar.

— Eu quero! — exclamei, eufórica, sem ele sequer ter oferecido.

Rapidamente abandonei a garrafa de cerveja e corri para a mesa, bem gulosa.

Só deu tempo de ouvir a risada do Ravi quando cortei uma fatia generosa.

— Sou completamente apaixonada por bolo de chocolate — revelei, pegando a fatia com a mão mesmo e levando a minha boca.
— Quando criança, eu adorava lambe as bacias. — Sorri.

— Você está me saindo uma tremenda comilona, sabia? — comentou ele, se aproximando da mesa.

Nesse momento, abocanhei outro pedaço, mas senti que a calda escorreu no meu queixo e canto da boca.

— Oh, droga! — reclamei, passando os dedos na pele lambuzada e os levando a boca para poder chupar. — Detesto

desperdício — argumentei, divertida.

Contudo, notei que minhas palavras fizeram a respiração do Ravi engatar, então me obriguei a encará-lo. O homem estava tão perto que eu podia sentir sua presença impressionante me sufocando. Seus olhos estavam em mim, em meu rosto, no meu pescoço, em meus seios... eles me queimavam inteira com toda aquela intensidade.

Meu coração começou a bater tão depressa quanto minha respiração, que se tornou ruidosa aos meus ouvidos. Ravi encurtou o espaço entre nós, encarando meus lábios. Parei de respirar quando ele pegou minha mão e a levou a sua boca, lambendo meus dedos melecados. Chupou um por um, sem deixar de me encarar nos olhos. Apenas aquela cena já foi o suficiente para fazer minha calcinha encharcar.

Sem dizer uma única palavra, me joguei contra ele, avançando minha boca na sua num beijo esfomeado. Não havia reservas. Não

havia empecilhos. Não havia porra nenhuma.

Apenas aquele tesão que passou a me acompanhar desde a primeira vez que vi aquele homem.

Esfreguei seu couro cabeludo com minhas mãos, gemendo com o contato da sua língua na minha e a maneira como ele me pegava, forte e com confiança. Todo meu corpo estava acesso, queimando pelo toque daquelas mãos ásperas e experientes.

Eu não queria que ele parasse. Não queria me afastar.

Entretanto, assim que sua boca deslizou para meu queixo e pescoço, lambendo o resquício de doce que caiu ali, algo em minha mente estalou. Aquilo não podia acontecer, porque era um erro.

E minha cota de erros já estava bem cheia. Acrescentar um envolvimento com o pai do meu chefe só me traria problemas.

E dos grandes.

Mesmo a contragosto, o empurrei, ainda com o coração aos pulos. Todo meu corpo reclamou com o afastamento. O homem me

deixou com as pernas bambas, e nenhum outro conseguira esse feito.

Rapidamente, o observei, notando que sua situação não estava diferente da minha, eu podia perceber seu descontrole. As pupilas dilatadas revelavam sua excitação.

— *E-eu...* preciso ir — foi a única coisa que consegui dizer.

Em seguida, peguei minha bolsa, e, saí quase correndo, como o diabo foge da cruz.

Na verdade, era quase isso, já que eu estava correndo do próprio pecado.



9

Ravi

Espalmei o piso do box, frustrado demais para me controlar. A forte ducha contra minha pele massageava minhas costas, embora não conseguisse amenizar meu incômodo. Eu estava muito puto comigo mesmo.

Irritado com minha imprudência de longos minutos atrás.

Obviamente que, por ser homem e ter minhas necessidades carnis, eu não fiquei sem mulher depois que Beth faleceu, entretanto, sempre foi apenas isso: sexo.

Apenas transa sem compromisso.

Todavia, o que aconteceu entre mim e Chloe foi loucura, considerando todas as implicações que isso nos acarretaria. Fora o maior detalhe de todos: ela era quinze (anos) mais nova do que eu.

Puta que pariu!

Voltei a socar o piso, sufocado demais por aquele turbilhão de sentimentos. Eu ainda conseguia sentir o sabor dos lábios dela, na minha língua, podia ouvir o barulho de seus gemidos e a maneira gostosa como se aconchegava ao meu corpo ansiando por mais. Não, isso não podia acontecer.

Era errado.

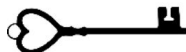
Ela era arquiteta na minha empresa, apenas isso. Além de ser toda problemática com esse ex-namorado perseguidor.

Com isso em mente, regulei a temperatura do chuveiro para o frio. Ou meu pau não amoleceria tão facilmente.

A verdade era que eu estava excitado *pra caralho*, e tudo o que minha mente traidora me mostrava era o momento em que

Chloe e eu nos agarramos como dois coelhos no cio.

Puta que pariu! Minha noite seria longa *pra* porra!



O sol estava nascendo quando cheguei ao cemitério. Dei uma parada, tomando fôlego e enxugando o suor antes de pegar minha garrafinha de água e entornar um gole. Eu estava acostumado a realizar aquele trajeto a pé, como uma atividade física. Fazia isso todas as manhãs.

Retirei a pequena flor em meu bolso e, em seguida, me aproximei da lápide. Suspirei baixo assim que li o nome da minha mulher. Eu jamais me acostumaria a me referir a ela como falecida. Era estranho.

Vazio.

— Hoje, a flor amassou um pouco, porque trouxe no meu bolso, querida — desculpei-me, com um sorriso, enquanto me

ajoelhava. — Você sabe como sou desastrado com essas coisinhas delicadas. — Respirei fundo, tocando a lápide.

Olhei para o céu, como se pudesse vê-la em algum lugar. Eu não era um homem religioso nem nada do tipo, mas acreditava haver algo nos esperando depois da morte. No fundo, eu torcia para que onde quer que Beth estivesse, que estivesse bem. Em paz.

Suspirei, voltando a encarar a lápide.

Elisabeth Morgan Foster.

Esposa e mãe amada.

“Dizer-lhe adeus foi o ato mais doloroso e difícil da minha vida.”

— Sinto sua falta, Beth — soprei, sentindo aquele maldito nó se formando na minha garganta. — O tempo não está ajudando, pelo contrário, querida, ele só me faz sentir mais raiva por você ter sido arrancada de mim.

Toquei a lápide, bem sobre seu nome.

Permaneci assim por tanto tempo que só percebi a chegada de alguém quando a voz soou, bem atrás de mim:

— Eu sabia que o encontraria aqui — afirmou Drew.

Quando me virei em sua direção, notei um enorme buquê de margaridas em suas mãos. Ele sabia que sua mãe era apaixonada por margaridas.

— Olá, mamãe! — saudou, se inclinando e depositando o buquê sobre a lápide, perfeitamente cuidada. — A senhora faz tanta falta, sabia? Ainda mais na vida desse (cabeça) dura aqui. — Bagunçou meus cabelos, fazendo-me sorrir, apesar dos resmungos.

Fiquei de pé, Drew fez o mesmo. Então, ficamos os dois em silêncio, porém, lado a lado, observando a lápide do amor das nossas vidas.

— O senhor está bem? — quis saber ele, de repente. Sua mão estava no meu ombro.

Virei a cabeça em sua direção, analisando seu rosto tão parecido com o meu. Na verdade, era uma pequena mistura minha com a Beth.

O presente dela para mim. Meu filho.

Único filho.

Inspirei o ar enquanto assentia com a cabeça.

Depositei a mão em seu ombro também, sorrindo para ele.

— Acabei de decidir que vou voltar a fazer terapia — declarei, vendo os seus olhos aumentarem de tamanho, e um sorriso se formar em seus lábios.

— O quê? Está falando sério? — Surpreendeu-se.

Sua euforia me contagiou.

Despedi-me da Beth e, em seguida, me afastei do Drew, que começou a me acompanhar de maneira agitada.

— Estou sim, — respondi sua pergunta. — Preciso aprender a lidar com os sentimentos, como: raiva, tristeza, culpa, negação, falta

de esperança — contei.

— Não existe uma fórmula pré-determinada para isso, pai, e sim maneiras de reaprender a viver nessa nova realidade onde uma pessoa importante já não está mais presente — argumentou ele. Drew iniciou o tratamento com a terapia do luto na semana seguinte a morte da Beth, e isso pareceu ajudá-lo. Comigo não funcionou, então desisti no segundo mês.

— Sei disso — falei. — Mas estou disposto a tentar.

O sorriso dele ainda estava lá, abrilhantando seus lábios.

— É tão bom ouvir isso, pai. — Me abraçou, forçando-me a parar. Sorri, emocionado com seu aperto. — Vê-lo se autodestruir estava me matando lentamente.

Engoli em seco com sua declaração, ciente do trabalho que vinha causando ao meu filho, que precisou abdicar da própria vida para se preocupar comigo. Não era justo.

Toquei seu rosto.

— Prometo que vou me esforçar a partir de hoje — garanti. —

Eu vou melhorar.

Visualizei um resquício de lágrimas em seus olhos azuis, como os meus.

— É tudo o que eu quero, pai.

Dessa vez fui eu quem o puxei para mim, mantendo-o em meus braços como fazia antigamente. Nos últimos anos, acabei me esquecendo da importância dele, na minha vida, porque decidi focar somente na minha dor.

Drew era tudo, era meu presente divino.

E eu faria tudo que estivesse ao meu alcance para melhorar por ele, para ele.

Meu filho não merecia um pai pela metade.



10

Chloe

Ao amanhecer de sábado, me remexi na cama, sentindo meu corpo todo dolorido pela péssima noite que tive. Não consegui dormir nada, pois minha mente não parava de pensar no beijo que dei no Ravi. Na verdade, foi a porcaria de um amasso, que arrancava meu fôlego só de lembrar.

Arrastei-me para fora da cama e, em seguida, fui até o banheiro onde joguei uma água no rosto e nuca, ansiando aplacar o calor que envolveu minha pele apenas com as lembranças da pegada do Ravi.

Nervosa com tudo isso, saí do quarto e segui para a porta ao lado, quarto da minha mãe. Ainda não era nem oito da manhã, então ela ainda continuava na cama, embora estivesse acordada.

— Bom dia! — saudou-me, assim que me aconcheguei a ela, apertando-a contra mim. — Teve um pesadelo?

— Por que está perguntando isso? — perguntei com um bocejo preguiçoso. A apertei um pouco mais, aconchegando minha cabeça na dobra do seu braço.

— Porque você só corre para minha cama quando está com medo de trovoadas ou quando tem um pesadelo — argumentou. — E pelo que percebi o dia lá fora está maravilhoso, então só posso deduzir que você teve um pesadelo. Ou que algo aconteceu no trabalho — insinuou, perspicaz.

Mordi os lábios, pensativa.

Minha mãe era minha melhor amiga em todo mundo, mas, infelizmente eu não podia contar a ela que agarrei o dono da

empresa em que trabalhava. Meu ato impulsivo poderia decepção-la.

— Tem a ver com aquele vagabundo do Jackson? — indagou, impaciente com meu silêncio.

Inspirei o ar profundamente, absorvendo sua pergunta.

Na verdade, depois da cena em que protagonizou aquela briga vergonhosa, Jack sumiu. Não voltou a me importunar de nenhuma forma, e eu não sabia o que isso significava, mas tinha de admitir que esse silêncio dele me assustava um pouco, sobretudo, devido às ameaças que desferiu a mim e ao Ravi.

— Não é nada, mãe — resmunguei, mentindo. — Eu apenas acordei e quis vir aqui para sentir o seu cheirinho. — Funguei seu pescoço perfumado, fazendo-a sorrir. Fui contagiada com seu sorriso. — Podemos dar uma volta no ‘shopping’ hoje, o que acha? Fazer umas comprinhas, almoçar fora... — convidei.

Sentei-me quando senti que ela queria se levantar. Apesar de estar com mais de cinquenta anos, minha mãe era uma mulher vaidosa e bem atraente para sua idade; cabelos castanho-claros e pele clara também. Meus cabelos ruivos eram herança do meu falecido pai, assim como os olhos verdes.

— Não era hoje que você tinha de ir a um evento beneficente?
— questionou, confusa, enquanto saía da cama após se enrolar no robe de seda. — Me lembro de você ter comentado algo sobre isso.

Respirei fundo, exausta apenas com esse fato. Tinha me esquecido totalmente que, semanas atrás, combinei de acompanhar Drew a um evento beneficente o qual a Dream architecture era uma das empresas patrocinadoras.

Suspirei baixinho.

— Sim, mas será a noite — respondi. — Sendo assim, teremos o dia todo para diversão entre garotas, só nós duas. — Sorri com animação.

Mamãe sacudiu a cabeça, achando graça da minha euforia enquanto seguia para o banheiro.

— Vou me arrumar então — avisou. — Estou louca para visitar umas duas lojas novas que inauguraram.

Sorri, ciente do quão consumista ela era.



— Se for chegar tarde, não se esqueça de me avisar — gritou mamãe, assim que desci as escadas, praticamente, correndo. Era quase, vinte horas, e eu estava atrasada.

— Fica tranquila — berrei de volta.

Minutos depois, no lado de fora da casa, me deparei com um carro esportivo, preto. Caminhei rapidamente, me esforçando para não torcer o pé, visto não estar mais acostumada a usar aquele modelo de salto alto; meus calçados do dia a dia eram elegantes sim, por conta do meu trabalho, mas sempre confortáveis.

Respirando fundo, alinhei meu vestido, superdecotado; o modelo preto, longo, contava com um decote V e saia com fenda. No pescoço, optei por uma gargantilha dourada. Os cabelos estavam soltos, penteados para trás.

— Me perdoe pela demora, Drew — comecei a dizer, assim que abri a porta e adentrei no veículo —, mas é que eu... — puxei o cinto, porém, travei no lugar quando percebi que não era meu chefe ali, mas sim o seu pai.

Engoli em seco.

Ravi estava me olhando, com os braços apoiados no volante, parecendo totalmente confortável ao me encarar com aqueles olhos de águia.

— Pela sua cara de espanto, suponho que meu filho não a avisou que não poderia vir, por isso me mandou assumir o lugar dele — murmurou. Sua voz rouca fez loucuras em meu estômago.

Meu coração estava batendo tão rápido que fiquei com medo de sofrer uma síncope ali mesmo. Abri a boca para falar, mas hesitei em todas às vezes. Eu não tinha palavras, apenas lembranças... ele me beijando, lambendo meus dedos melecados de chocolate, gemendo deliciosamente, comigo em seus braços...

— Chloe?

Puta merda! Por que ele tinha que ser tão charmoso e ‘sexy’? Eu não deveria estar tão encantada por um homem que nem sequer conseguia superar a perda da esposa, vivia em constante viuvez.

— Chloe? — Estalou os dedos diante dos meus olhos fazendo-me piscar freneticamente. — Está me ouvindo? Você está bem?

Sacudi a cabeça, sentindo meu rosto rubro. Obriguei minha mente a voltar a si.

— *E-eu...* — cocei a garganta, enquanto terminava de afivelar o cinto, embora minha vontade fosse de sair do carro e voltar para

casa — sim, estou bem. — Respirei fundo, criando coragem para encará-lo nos olhos. — O que foi que você disse mesmo?

Vi que ele parecia um pouco tenso com minha atenção em seu rosto, mas não desviou o olhar.

— Não quero que... — pigarreou, coçando a nuca, deixando claro seu incômodo com o que quer que estivesse prestes a falar — o que aconteceu ontem se torne um problema, ou, que deixe o clima estranho entre nós dois. — Vi que encheu o pulmão de ar. — Não agora que nossa relação está boa.

Permaneci o encarando, admirando seus traços perfeitos. Ravi estava usando ‘smoking’, cabelos penteados e rosto completamente liso de pelo, destacando o azul de seus olhos. Apesar de preferir seu visual de barba, foi uma tarefa bem difícil não suspirar por tamanha beleza. O homem tirava meu fôlego sem qualquer esforço.

Forcei um sorriso.

— Foi apenas um beijo, Ravi, desencana. — Disfarcei meu incômodo pegando minha bolsa de mão e retirando meu batom de lá. Em seguida, puxei o espelho no teto do carro para me auxiliar na tarefa. — Afinal de contas, o que houve com o Drew? Por que ele não pôde vir?

Eu podia sentir a força de seu olhar sobre mim, contudo, me contive e continuei disfarçando.

Instantes depois, Ravi ligou o carro e o colocou em movimento.

Coçou a garganta antes de responder:

— Disse que surgiram alguns imprevistos de última hora, e que não conseguiria se livrar a tempo para acompanhá-la ao evento — explicou, com a voz um pouco engasgada. — Na verdade, foi tudo em cima da hora mesmo. Ele sabe que se tivesse me pedido mais cedo, eu negaria.

Nesse momento, eu o encarei, pressionando meus lábios para espalhar o batom:

— A ideia de me acompanhar ao evento é tão ruim assim? —

Arqueei as sobrancelhas.

Sorriu.

— Não tem nada a ver com você, Chloe — afirmou com veemência. — Eu me sinto muito deslocado nesses eventos — bufou, prestando atenção na estrada. — Todas aquelas pessoas exalando dinheiro por todos os poros...

— Mas você tem dinheiro, Ravi — o interrompi, divertida.

— Sim, eu tenho — concordou, rindo também. — Porém, isso não significa que eu goste de frequentar lugares requintados, e nem que me sinta a vontade com pessoas que possuem a mesma posição social que eu. — Se calou por um segundo, pensativo. — Eu cresci num lar humilde, Chloe, e costumo dizer que cresci na vida, financeiramente falando, mas que não me desapeguei das minhas raízes.

Terminei de retocar meu batom e, em seguida, o guardei em minha bolsinha.

— Acho isso extremamente importante, sabe? Não somente para pessoas públicas ou empresários de sucesso como você, mas também para levarmos isso como ensinamento para vida mesmo — expus. — Vejo tantas pessoas apegadas ao bem material como se este fosse a única coisa relevante no mundo, e depois, quando a vida leva embora um familiar, percebe quanto tempo perdeu valorizando coisas inúteis e se esquecendo do que realmente importava.

Inspirei fundo, levando os olhos para fora da janela.

— Você falou com tanta propriedade que por um momento pensei que estivesse falando de algo pessoal seu.

Ofereci-lhe um sorriso fraco.

— Felizmente, eu aprendo com minhas experiências, Ravi — murmurei, sem querer dar muitos detalhes.

Nos encaramos por alguns segundos, considerando que ele não podia parar de prestar atenção no trânsito.

Senti que ele quis dizer algo, mas preferiu o silêncio.

Foi melhor assim. Eu estava nervosa demais, e meu nervosismo sempre me colocava em encrencas.

Firmei as mãos em meu colo, torcendo meus dedos um no outro conforme observava a paisagem no lado de fora da janela. Por mais que eu me esforçasse para ignorar a presença marcante ao meu lado, não conseguia; era quase impossível não me deleitar com o perfume amadeirado que tomou conta de todo carro, agarrando-se a cada um dos meus poros. Ravi parecia estar se enraizando em minha pele, e eu sabia que enquanto não fosse *pra* cama com ele, esse tesão exorbitante não amenizaria.

Pelo contrário, só aumentaria mais e mais.



11

Ravi

Eu não queria beber, mas meu cérebro não estava colaborando com esse meu lado consciente. Por algum motivo, que eu ainda não entendia, Chloe estava mexendo comigo de um jeito diferente e isso vinha me confundindo. Obviamente que o momento quente que tivemos cooperou — e muito — para que meu corpo estivesse reagindo-lhe dessa maneira, então, estar ali ao seu lado depois do que aconteceu entre nós dois estava tornando as coisas extremamente difíceis para mim como homem. Ainda mais pela sua escolha de roupa, um vestido longo, com uma fenda numa das pernas e um belo decote nos seios de tamanho médio.

Quando Drew me pediu para tomar seu lugar como acompanhante da garota, eu não imaginei que seria tão dificultoso manter meu autocontrole intacto, sobretudo, fingir indiferença a nossa aproximação.

Eu ainda estava digerindo as palavras dela, de longos minutos atrás, quando afirmou que o que tivemos foi apenas um beijo. Como assim apenas um beijo? Eu era um homão da porra e me orgulhava da pegada que tinha, então não compreendia tal desinteresse da parte dela.

Bufei, irritado comigo mesmo por não conseguir parar de pensar nisso; nem sequer estava sendo capaz de me concentrar na porra do jantar beneficente.

— Algum problema? — quis saber Chloe, me encarando com aqueles olhos verdes chamativos. De repente, se inclinou para poder cochichar, olhando ao redor para ter certeza de que ninguém ouviria: — Também está achando tudo isso chato *pra* cacete?

Sua expressão me divertiu, amenizando o incômodo que o tesão por ela estava me causando.

Estávamos sentados em uma das mesas principais, enquanto assistíamos às apresentações musicais. Logo, o jantar seria servido, entretanto, eu não estava com a mínima vontade de prolongar a noite ali. Ainda mais com tantos abutres pairando sob mim, como se eu fosse um pedaço ambulante de pedra preciosa.

— Pelo visto, eu não sou o único “bicho do mato” por aqui — cochichei de volta, adorando visualizar seu sorriso sapeca.

— Admito que só aceitei o convite do Drew, porque fiquei com medo de ele não gostar da minha recusa e acabar me demitindo em algum momento — contou, arregalando os olhos de um jeito dramático. Tive que me segurar para não gargalhar.

— Não acredito! — exclamei, entre risos, pressionando a mão na boca para não chamar a atenção dos demais. — Meu filho jamais faria isso, Chloe. De onde tirou essa ideia?

Deu de ombros.

— Eu sei lá! — Deu risada, sem jeito. — Estou tão acostumada a me dar mal que agora penso muito bem antes de tomar qualquer atitude precipitada — afirmou, mas logo piscou, me encarando com o rosto pálido. — Quer dizer... — coçou a garganta enquanto pegava sua taça de vinho branco — nem sempre. — Entornou um generoso gole, desviando os olhos dos meus, atentos.

Tive certeza de que ela estava se referindo ao momento íntimo que compartilhamos no dia anterior. Honestamente, nenhum de nós dois pensou muito, apenas permitimos que o tesão falasse mais alto.

Travei o maxilar, sentindo aquela estranha tensão me dominar.

— Quer dar uma olhada nas feiras? — indaguei, ansioso para mudar o foco dos meus pensamentos.

Chloe assentiu com a cabeça, e terminou sua bebida antes de se levantar. Estendi minha mão para ela pegar e, em seguida, a

trouxe para meu braço.

Inspirei seu perfume adocicado, mas de um jeito suave e delicado. Era refinado.

— Meus pés estão me matando com esses malditos saltos — confidenciou, me forçando a andar mais devagar. — Céus! Sou um fracasso como acompanhante ‘socialite’ — zombou, com uma risada baixa.

A acompanhei na risada. Desde que passamos a conviver e a nos conhecer melhor, comecei a notar que nós dois tínhamos muito em comum, apesar da idade.

— Quer sair daqui? — perguntei de repente, tendo sua atenção. Nossos rostos estavam tão próximos que pude admirar seus lábios bem de perto; lambi os meus, sabendo exatamente o sabor dos seus. — Acredito que já fizemos nosso papel. — Dei de ombros.

Chloe franziu o cenho, olhando ao redor. Assisti o sorriso que oferecia a quem se aproximava de nós dois.

— Tudo bem, vamos — aceitou, fazendo-me suspirar de alívio.

— Ufa! — exclamei, arrancando-lhe uma risadinha.



— Agora que você deixou a direção da empresa para seu filho, o que faz no seu tempo livre? — perguntou Chloe, me encarando com atenção.

Ela estava com as sandálias nas mãos, enquanto caminhávamos pela areia da praia. Depois que nos tirei do evento, a convidei para dar uma passeada na praia que tinha logo a frente do lugar.

— Não mudou muita coisa, pois continuo administrando a empresa, todavia, em segundo plano — respondi, honestamente. — Drew é um ótimo profissional, porém ainda tem muito a aprender — argumentei. — Então estou sempre junto, aconselhando e o

direcionando para as melhores decisões. Aquilo tudo é dele, e quero poder deixá-lo bem quando eu partir desse mundo.

Chloe parou de caminhar e olhou para o mar a nossa frente; a lua estava banhando o horizonte, iluminando-nos.

— Você é um bom homem, Ravi — afirmou ela, me olhando nos olhos. — Sei que nós dois começamos nossa relação com o pé esquerdo, mas quero que saiba que me sinto honrada por ter a oportunidade de conviver com você. Eu me sinto bem. Você me faz sentir bem.

Fiquei a encarando, absorvendo sua declaração.

— Você também me faz sentir bem — admiti a verdade. Cheguei mais perto, analisando suas reações com minha aproximação. A aceleração da sua respiração não me passou despercebida. — E para ser sincero, não consigo parar de pensar naquele beijo.

Seus olhos aumentaram de tamanho com minha confissão.

— *E-eu...* — gaguejou.

— Sou um homem de quarenta anos, Chloe, e não tenho mais paciência para fazer joguinhos nem para meias-palavras — concluí, intenso. — Eu não posso mais negar quão atraído estou me sentindo por você. Desde que nós nos beijamos, eu só consigo pensar em fodê-la, duro e forte. — Sua respiração engatou, então aproveitei para enlaçar sua cintura. Toquei em seus cabelos e preendi uma mexa atrás da sua orelha, analisando seus traços perfeitos e delicados. — Talvez seja consequência do que começamos ontem e não terminamos, mas a verdade é que minha cabeça de cima, e a de baixo só sabe pensar em sexo, e sexo com você. — Acariciei seu rosto, passeando o polegar em seu lábio inferior.

Nesse momento, a safada abocanhou meu dedo, sugando-o completamente e sem deixar de me olhar.

Meu pau quase arrebentou o botão da calça. Seus braços enrolaram meu pescoço, colando nossos corpos como eu ansiava

fazer desde que a vi no início da noite. Rosnei de pura luxúria ao sentir seus seios pressionando meu peito.

— Eu não faço ideia do que vai acontecer, e nem de como nós dois vamos acordar amanhã quando a mente estiver fria, mas também não posso continuar me enganando desse jeito — murmurou, puxando meu lábio com os dentes. — Estou doida para dar *pra* você desde a primeira vez que te vi.

Dizendo isso, ela me beijou, enfiando a língua na minha boca com tanta sofreguidão que acabei rugindo como uma fera. Forcei sua cabeça, firmando-a no lugar para poder estabelecer um ritmo. Comecei a beijá-la de maneira faminta e desesperada; nossas mãos não paravam...

Exploravam;

Apertavam;

Beliscavam;

Marcavam.

Com as duas mãos em seu traseiro, forcei seu corpo delicado contra meu pau, que latejava dolorosamente, e me esfreguei nela querendo que ela sentisse exatamente como eu estava me sentindo, e por culpa dela.

— Me leve daqui... — soprou contra meus lábios, tão bêbada de tesão quanto eu. Era possível ver o peso da luxúria em suas pupilas dilatadas.

Minha respiração estava ruidosa e, mesmo a contragosto, entrelacei nossos dedos e comecei a arrastá-la para fora da praia.

Minutos depois, quando chegamos perto do carro, Chloe me deu um puxão, forçando-me a parar e olhá-la. Deparei-me com seu rosto preocupado.

— O que foi? — perguntei. — Mudou de ideia?

Ela respirou fundo e soltou o ar enquanto sacudia a cabeça.

— Não é isso — disse. — É que... — mordeu os lábios, desviando o olhar por um segundo — Você tem certeza disso? Tem

certeza de que vai conseguir me encarar depois que transarmos como dois malditos coelhos? Porque com o tesão que estou, eu vou querer dar *pra* você a noite toda, Ravi.

Um rugido escapou da minha garganta com suas palavras.

Voltei a agarrá-la, pressionando a mão em seu traseiro, por baixo do vestido, onde pude sentir a minúscula calcinha. Aproveitei para passear os dedos pelo vão das nádegas e logo mais abaixo, sentindo sua boceta. Notei a umidade abundante no tecido. Retirei a mão e a trouxe ao nariz, cheirando meus dedos, sob o olhar apurado de Chloe.

— No momento, a única certeza que tenho é de que quero atolar meu pau na sua boceta, e pelo tempo que me permitir. Essa resposta é válida para você?

Ela ficou me encarando, semicerrando os olhos conforme me observava cheirar e lambe os dedos que, outrora, estavam lhe tocando.

— Puta merda! — exclamou, se jogando em meus braços, com as pernas abertas. Obriguei-me a apoiá-la no capô do carro. — Mais do que válida. Eu quero você.

Nossas bocas se chocaram, sem qualquer resistência.

Não existia reservas. Nem julgamentos ou questionamentos. Éramos duas pessoas adultas, dispostas a compartilhar prazer.

E se dependesse de mim, a noite seria pequena.



12

Chloe

Quando Ravi e eu passamos pela recepção do prédio em que ele morava, pude sentir minha pele vibrando de expectativa e ansiedade pelo que estava prestes a acontecer entre nós dois. Ignorei todos os alertas. Ignorei a preocupação com o dia seguinte. Ignorei até mesmo os olhares questionadores e acusadores que lançavam sobre nós dois.

Nunca me importei com a opinião das outras pessoas, muito menos quando eu estava feliz e fazendo exatamente o que eu queria.

Assim que Ravi acionou o elevador e as portas se abriram, senti meu estômago se contorcer com aquele friozinho gostoso. Entramos, lado a lado e, em silêncio. Eu sentia que assim como eu, ele também estava ansioso, sufocado por aquele tesão louco que nos envolvia.

Arquejei ao ser prensada contra a parede fria do elevador — depois que as portas se fecharam — com Ravi reivindicando meus lábios num beijo aterrador. Sua mão ergueu uma das minhas pernas, e amassou minha carne onde certamente deixaria marcas de seus dedos. O homem era como um ‘tsunami’, me esmagando com toda a força de sua intensidade. Chupei sua língua, saboreando seu gosto enquanto me esfregava em sua protuberância, gemendo com o calor que nossas carícias estavam me causando.

Meu coração batia tão descompassado que senti meu ar faltando no momento que Ravi me puxou para o corredor. Seu apartamento era o único naquele andar.

Novamente tive minhas costas prensadas na parede, com Ravi me beijando em todos os lugares. De olhos fechados, gemi em delírio ao sentir seus beijos em meu pescoço enquanto suas mãos abriam meu decote; meus seios saltaram em sua cara, e ele não perdeu tempo em abocanhar os mamilos túrgidos, um, depois o outro. Levei a mão em seu ombro, para me firmar, e a outra passei em seus cabelos, puxando os fios sedosos entre meus dedos. Com a boca em meu seio, Ravi arrastou a mão pela minha coxa desnuda, devido à fenda do vestido.

— Abra as pernas! — ordenou. Seu tom de comando fez um estrago maior em meu interior.

Fiz o que ele mandou e, em seguida, seus dedos resvalaram por cima da minha calcinha úmida, e isso fez com que um som estrangulado escapasse de sua garganta deixando-me zozza de tesão. Puta que pariu! Ele era tão ‘sexy’ e másculo.

Sem pestanejar, Ravi afastou a calcinha para o lado e, deslizou os dedos pelo meu montinho latejante e molhado.

— Oh, porra! — exclamou, ensandecido, mordendo meu mamilo e o sugando com mais força. Ele ficava intercalando com o outro seio, meu pescoço e queixo. Eu tinha certeza de que estaria toda marcada no dia seguinte. — Você tem a boceta apertadinha... — sussurrou, mordendo e sugando meu pescoço.

Rolei os olhos com o prazer exorbitante que ele estava me fazendo sentir com seus dedos hábeis e mágicos.

— Vamos ver quão sensível você é — soprou, afastando o rosto para poder encarar o meu, porém, sem parar de investir seus dedos em mim. Eu podia senti-lo profundamente, deixando-me tão lubrificada que era possível escutar o barulho da sucção que seus dedos faziam ao contato da minha umidade.

Segurei-me em seus ombros, mordendo os lábios para controlar os gritos que ameaçavam escapar.

— Estamos livres neste lugar — afirmou ele, resfolegante. — Esse andar é todo meu, então ninguém tem permissão para subir aqui. Não quero que se prenda, pequena atrevida, pode gritar à vontade.

Avancei em sua boca, desesperada com a velocidade de seus movimentos; Ravi sabia exatamente a intensidade e a pressão que me faria enlouquecer de prazer.

Quando o orgasmo chegou, arrebatou completamente minhas forças; gritei tão alto que me obriguei a morder seu ombro, amolecida com os espasmos que ameaçaram me desfalecer ali mesmo.

— Acabei de perceber que a visão de você gozando é magnífica, Chloe — murmurou ele, me beijando repetidas vezes, enquanto inspirava meu cheiro com sofreguidão. — Puta merda! Mal posso esperar para preencher sua boceta com meu pau, garota.

Gemi com suas palavras e o agarrei pelo paletó, ansiando por mais de seus beijos, de seu toque e de sua selvageria.

Ravi caminhou até a porta, comigo o tocando e o apalpando. Pairei a boca em seu ouvido e comecei a falar sacanagens para ele, sabendo que os homens enlouqueciam com isso.

De forma atrapalhada, a porta foi aberta e Ravi me puxou para ele, desesperado para arrancar meu vestido. Eu não me preocupava com nada, apenas com a ideia de aplacar aquele tesão louco explodindo dentro de mim.

Em poucos instantes, me vi sem o vestido, apenas com a calcinha minúscula, de renda, e sendo devorada por aqueles olhos de águia. Ravi permaneceu em minha frente, me encarando com tanta devassidão que me senti queimar de dentro para fora.

Contorci-me toda, esfregando uma perna na outra enquanto beliscava meus próprios mamilos.

— Está com tesão? — perguntou ele, arrancando o paletó, sem deixar de me encarar.

— Muito — soprei, com a voz afetada.

— Então me mostre — pediu.

Em seguida, me virou as costas e caminhou na direção da sua adega, alguns metros adiante.

Naquele momento, meus olhos piscaram enquanto observava os detalhes do apartamento. Era uma decoração em tons pasteis, sem vida. Mas não escondia o requinte.

O observei ao longe, se servindo com uma dose de uísque, sem deixar de me esquadrinhar. Seus olhos faziam minha pele queimar, mas sem sentir dor. Lambi os lábios, que pareciam ressecados e, em seguida, caminhei até o sofá próximo.

Eu me sentia latejando, ansiando por libertação. Era uma sensação prazerosa, mas, ao mesmo tempo, sufocante.

Sentei-me no sofá e me ajeitei de modo a ficar com as pernas abertas para Ravi, que nesse momento começou a caminhar em minha direção, bebendo seu uísque. Lentamente, arrastei a mão para baixo, beliscando meus mamilos e sentindo todo meu corpo vibrando sob meus dedos. Deslizei a mão pela minha barriga e, sem demora, toquei-me por dentro da calcinha, gemendo com a umidade abundante.

Rebolei, massageando-me com vontade, consciente do olhar do Ravi sobre mim. De olhos fechados, usei a outra mão para apertar meus seios, enquanto afundava os dedos em minha entrada, sentindo aquele redemoinho se formando outra vez.

De repente, senti algo gelado caindo em minha barriga e me assustei; quando abri os olhos, percebi ser o Ravi derramando sua bebida em minha pele e a chupando logo depois.

Acelerei os movimentos dos meus dedos, perdida naquele prazer exorbitante. Instantes depois, gozei, gritando o nome dele.

Meu peito subia e descia rapidamente, devido à respiração entrecortada.

Ravi estava ali, com o rosto sob o meu, analisando-me com olhos atentos e perspicazes; eu podia ver suas pupilas dilatadas.

— Você é uma garota safada — afirmou, fazendo-me sorrir.

Segurei sua cabeça e o puxei contra meu rosto.

— Eu só não sei negar o que quero nem o que sinto — revelei com firmeza. — Você me excita *pra* caralho, então não posso negar isso. Quero que saiba.

Minhas palavras tiveram o efeito desejado, porque a expressão de Ravi se tornou puro fogo; ele jogou o copo que segurava longe, depois avançou a boca na minha, sugando e mordendo meus lábios. Num movimento abrupto e ágil, me ergueu do sofá e começou a caminhar comigo, em seu colo, em direção as escadas.

Logo, o senti abrindo uma porta, era o quarto dele. Entretanto, a única coisa que me interessava daquele cômodo era a cama.

Fui praticamente jogada contra o colchão e, enquanto Ravi arrancava as roupas, me apressei para tirar minha calcinha. Agradei por sempre manter minha depilação em dia, assim nunca seria pega desprevenida.

Minha boca aguou quando observei a nudez impressionante do homem a minha frente; Ravi era um exemplar magnífico, parecia ter sido esculpido por um deus. O corpo era todo definido por músculos, pernas grossas, peito e costas largas. Porém, o que mais me agradava nele era sua confiança. Eu era apaixonada por homem que sabia como satisfazer uma mulher.

Observei, em silêncio, quando ele se abaixou e pegou sua carteira, de onde tirou uma camisinha. Mordi os lábios, ansiosa para senti-lo todo dentro de mim. E, puta merda! Ele era enorme.

Ajeitei-me, arreganhando minhas pernas para ele, que lambeu os lábios com a visão, contudo, fui surpreendida quando ele me puxou para a beirada da cama e, simplesmente, caiu de boca em

mim, levando-me ao delírio. Sua língua fazia voltas e voltas, mantendo uma pressão calculada, de uma maneira que me alucinava e me fazia contorcer.

Sem eu estar preparada, o desgraçado me virou de barriga para baixo, ergueu meus quadris e me penetrou de uma vez só; ele sabia que eu estava pronta, totalmente lubrificada para recebê-lo sem nenhum incômodo. Soltei quase um urro de prazer, e rebolei contra seus movimentos implacáveis. Em determinado momento, Ravi segurou meu cabelo e o enrolou no pulso; a outra mão ficou em meu quadril de modo a guiar os movimentos.

Senti-me como uma égua sendo domada.

E por incrível que pudesse parecer, eu adorei. Nunca me senti tão desejada.

— Mais forte! — gemi, sentindo aquele calorzinho se formando lá embaixo. — Mais forte! — Comecei a massagear meu clitóris.

Soltou meus cabelos e se concentrou em meu traseiro, agarrando-me com ambas as mãos. Gritei ao sentir a força de seu tapa ali.

— Goza no meu pau, Chloe! Quero sentir sua boceta me apertando, porra!

Suas palavras sujas foram o gatilho que eu precisava, então gozei com tanta força e intensidade que por um momento perdi completamente meu raciocínio lógico e me permiti ficar presa naquela bolha de prazer.

Ravi continuou me penetrando por mais alguns segundos até desacelerar de vez. Fiz um muxoxo quando ele saiu de mim.

Ajeitei-me de barriga para cima, ainda sentindo meus sentidos alterados. Observei Ravi tirando a camisinha, dando um nó e a jogando em qualquer canto do quarto.

— Já está cansada? — provocou, pairando sob meu corpo febril e trêmulo. — Pensei tê-la ouvido falar que você estava

disposta a transar comigo a noite toda.

O canto de meus lábios se distendeu num sorriso.

— Está me desafiando? — Espalmei seu peito, adorando sentir seus músculos e a vibração de seu coração, que batia tão rápido quanto o meu.

De repente, nos impulsionei e fiquei por cima dele. Tirei meu peso para ele poder chegar mais para a cabeceira.

Com olhos brilhantes, admirei cada centímetro de seu corpo até me fixar em seu pau, que começou a ganhar vida novamente sob meu olhar atento. O segurei com minha mão, adorando ouvir o gemido que escapou de seus lábios.

— Porque se tiver... — continuei a dizer, me abaixando para poder ficar cara a cara com seu pau — saiba que estou apenas começando. — Soltei a língua e dei uma lambida generosa em toda sua extensão; quando cheguei na cabeça, dei uma sugada caprichada, arrancando-lhe alguns tremores.

— Atrevida! — soprou, com a voz falhando.

Sorri com arrogância.

A noite era apenas uma criança e, eu estava mais que disposta a batizar cada canto daquele apartamento.

Aproveitaria cada segundo ao lado daquele homem, que mais parecia um furacão.



13

Ravi

Não era sempre que eu fumava, apenas quando minha mente estava tão atormentada que me obrigava a buscar um fôlego. E era o caso naquele momento.

Beirava às cinco da manhã, e eu estava debruçado contra a balastrada da minha sacada, pensativo sobre as últimas horas. Meu corpo ainda sentia o toque delicado das pequenas mãos... minha língua ainda sentia o gosto agriadoce da boceta rosada, e, de algum jeito, eu não parecia satisfeito com as longas horas de sexo que tive com a Chloe, a garota esparramada em meus lençóis.

Dei uma longa tragada no cigarro, baixando a cabeça e fechando os olhos, ansiando acalmar meu espírito agitado. Fazia muito tempo desde a última vez que eu me senti assim, tão... vivo.

Essa era a melhor palavra que me descrevia no momento.

E por mais que eu tentasse negar, a pequena atrevida me deu um chá de boceta tão grande que eu estava até atordoado e, desesperado por mais uma dose, mesmo que meu lema fosse o de não repetir a mesma mulher.

Puta que pariu!

Terminei de fumar e, em seguida, abandonei a sacada. Passei pelas portas duplas e as fechei. Fiquei surpreso ao me deparar com a Chloe acordada, embora continuasse aninhada aos lençóis. Suas pernas nuas estavam a mostra, fazendo minha boca salivar.

— Acordei você? — perguntei, me sentando na cama, ao seu lado. Notei sua cabeça sacudindo em afirmação. — Sinto muito por isso, mas eu precisava fumar um cigarro.

— Não sabia que você fumava.

Entortei os lábios.

— E eu não fumo — respondi, me inclinando na direção de suas pernas. — Só quando estou nervoso. — Deixei um beijo no peito do seu pé.

Sorri, arrogante, com seu gemido baixo.

— Hmmm... e o que aconteceu para deixar você nervoso?

Lentamente arrastei a língua pela sua perna enquanto massageava a outra, apertando e moendo sua carne sedosa. Impaciente, a safada retirou o lençol que a cobria e, simplesmente se arreganhou toda para mim, oferecendo sua boceta como um banquete.

Sua falta de timidez me deixava doido, pois não tinha coisa melhor, para um homem, do que transar com uma mulher que sabia exatamente o que queria; que conhecia o próprio corpo e, onde gostava de ser tocada e como ser tocada.

— Imagino que deva estar dolorida... — deduzi, beijando sua virilha, postergando sua pergunta. Eu jamaisalaria que meu nervosismo tinha a ver com ela e o que vinha acontecendo entre nós dois. — Foi uma longa sessão de sexo.

Senti sua mão deslizando pelos meus cabelos, puxando os fios com força, fazendo-me gemer um pouco. Incapaz de controlar, levei meus dedos em sua boceta, lambuzando-os com a umidade da sua excitação.

— A única dor que estou sentindo é aquela da vontade de gozar — confessou, em delírio, enrolando meu pescoço com suas coxas. — Por favor, faz aquilo que você fez antes...

— Com a bala halls? — perguntei, dando leves mordidas na pele interna de suas coxas, ignorando propositalmente o local que latejava e umedecia cada vez mais. — Quer que eu chupe sua boceta com a bala halls, preta, na boca? — A (halls) preta tinha uma

função semelhante àqueles ‘sprays’/gel ice que se vendia nos Sex Shops.

Chloe se apoiou sob os cotovelos e me encarou, com os dentes prendendo o lábio inferior.

— Quero — respondeu naquele tom carregado de tesão.

Sorri, cheio de luxúria.

Dei um pulo para fora da cama, aproveitando para tirar minha cueca box e colocar a camisinha. Rapidamente peguei a bala halls e retornei para cama, onde Chloe me aguardava com as pernas completamente escancaradas para meus olhos gulosos.

Não perdi tempo e abocanhei seu clitóris com vontade, me lambuzando com seu mel. Ajeitei-me na cama, trazendo meus dedos para penetrá-la, dedando sua entrada com movimentos rápidos e circulares enquanto chupava seu clitóris.

Notei que Chloe foi ficando mais quente, a respiração mais ofegante, e seus gemidos começaram a aumentar

consideravelmente. Soltei a bala em seu amontoado de nervos e, em seguida, passei a deslizá-la pela sua carne molhada com a ponta da língua, causando um reboiço no corpo febril, pois provavelmente isso lhe causou um “choque”, uma sensação gostosa. Contudo, estava longe de um orgasmo. E eu queria vê-la se contorcer toda debaixo de mim.

Continuei a estimular, levando as mãos aos seus seios pequenos, mas que cabiam perfeitamente nas minhas mãos, e os apertei; meus olhos estavam nos seus o tempo todo, conforme a devorava com minha língua como se sua boceta fosse um manjar.

De repente, Chloe começou a balbuciar palavras incoerentes, erguendo o quadril e o pressionando mais contra mim, quase sentando a boceta na minha cara. Eu sabia que ela estava perto de gozar, então intensifiquei os movimentos, afundando meus dedos dentro dela e aumentando a pressão da minha língua em seu clitóris.

Meu nome escapando de seus lábios ao gozar foi minha perdição. Foi o gatilho que eu precisava.

Ergui meu tronco, ficando sob os joelhos e, sem demora, a penetrei numa estocada só, visto estar bem lubrificada. Chloe se apoiou sob uma das mãos e, a outra usou para segurar meu rosto e me puxar para ela. Sua língua exigiu a minha, desesperada, como se quisesse sentir seu próprio gosto.

Forcei suas pernas abertas, pressionando seus joelhos contra si de modo a tornar a penetração mais profunda. Ambos gememos com isso, porque sua boceta me apertou com força.

— Oh, porra! — exclamei, mordendo seu queixo. — Boceta gostosa do caralho!

Chloe escondeu o rosto na dobra do meu pescoço, arquejando tanto quanto eu.

Apertei seus joelhos, investindo furiosamente contra ela, sem parar. Eu não conseguia parar, era algo mais forte.

E piorava com os sons ‘sexy’ que escapavam de seus lábios, e as sacanagens que ela dizia.

Longos minutos depois, ao sentir que Chloe estava gozando outra vez, me concentrei na minha própria libertação e intensifiquei os movimentos.

Impeli suas costas contra o colchão e, em seguida, parei sob seu corpo, concentrado em seu seio durinho. Abocanhei um deles e comecei a sugar o mamilo, sem deixar de penetrá-la. Eu estava ficando sem fôlego e perdendo as forças, porém, uma remexida da Chloe foi o suficiente para libertar meu orgasmo; então, eu gozei, urrando como um maldito selvagem.

Meu peito subia e descia freneticamente quando me joguei para o lado, sem ar.

— Estou destruído, mulher — soprei, com o coração aos pulos.

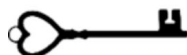
— Então quer dizer que cansei você? — indagou ela, divertida, mas igualmente resfolegante.

Sorri, aceitando quando ela se aninhou em meu peito para voltar a dormir.

— Eu não disse isso — declarei, bocejando, não querendo dar o braço a torcer. — Além do mais, aposto que você vai sentir dificuldade em se sentar depois de hoje — insinuei, sabendo que ficaria dolorida entre as pernas pelo resto do dia.

Foi a vez de ela sorrir.

— Atrevido.



Pisquei, sentindo a luz do sol refletindo nas vidraças do meu quarto.

Ao abrir os olhos completamente, olhei ao redor, percebendo a ausência da Chloe; deduzi que estivesse no andar de baixo. Sendo assim, abandonei a cama e segui para o banheiro de modo a fazer minha higiene pessoal.

Longos minutos depois, retornei ao quarto, peguei minha cueca do chão e a vesti. Prestes a descer, meus olhos se detiveram no armário de cabeceira. Especificamente, para um pedaço de papel em cima do móvel.

Aproximei-me e o peguei, era um bilhete. E um bilhete que me fez sorrir.

“Obrigada pelo sexo fantástico!”

De: Falsa ladra.

Li e, reli várias vezes, sem acreditar que aquela garota saíra de fininho, sem me esperar acordar. Ao mesmo tempo que me surpreendi com isso, também comecei a me questionar sobre o que poderia tê-la feito ir embora desse jeito.

E na minha mente, motivos não faltavam, a lista era grande.

Droga! Por que eu estava sentindo aquela estranha sensação de frustração?



14

Chloe

A semana se iniciou e, eu me concentrei no trabalho, me esforçando para ignorar a loucura que cometi no final de semana, transando com o Ravi. Eu não era mais criança, estava totalmente consciente da atitude que cometi e não me arrependia, todavia, isso não significava que eu me sentia confortável, pelo contrário. Minhas bochechas ardiam só com a ideia de voltar a vê-lo. Encarar Ravi não estava nos meus planos, ao menos não tão cedo.

Então, comecei a evitar estar no mesmo ambiente que ele; a visita que fiz na obra foi feita num horário que eu tinha certeza de

que ele não estaria, pois, assim evitaria maiores constrangimentos. Minha vida já estava farta deles.

Suspirei, parando o trabalho e me jogando contra o encosto da cadeira. Apoiei minha cabeça, sem conseguir frear as lembranças que flutuaram em meus pensamentos fazendo-me sorrir com as reações que Ravi me fez sentir. Foi a primeira vez que transei com um homem mais velho, e que fez eu me sentir desejada e satisfeita com a mesma intensidade. A maneira como ele me tocava, moendo minha carne, deixando-me ver e sentir o quanto me queria. O homem era uma verdadeira máquina.

Incansável.

Implacável.

Deslizei a cadeira de um lado ao outro, me perdendo em pensamentos... ao amanhecer de domingo, acordei enroscada nos braços de Ravi, mantida em seu calor. Ele foi o segundo homem

com quem dividi a cama, visto que depois do Jackson, eu só mantive sexo casual e rápido.

Então, quando acordei e me deparei com aquela perfeição ao meu lado, senti-me sufocada por uma miríade de sentimentos confusos, fiquei assustada. Por isso fui embora.

Na verdade, eu fugi.

E continuava fugindo, protelando o reencontro com ele, pois não fazia ideia de qual seria a reação do Ravi. No fundo, eu não sabia o que sua possível reação causaria em mim.

— Ocupada?

A voz do Drew me assustou, e me forçou a aprumar o corpo e a cadeira no lugar.

O encarei, me deparando com seu olhar curioso.

— Estou fazendo algumas mudanças no projeto, pois o cliente pediu para acrescentar novos detalhes — expliquei, soltando o ar.

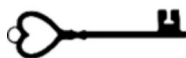
— Esse é daqueles que parece não saber o que quer. — Rolei os olhos, fazendo drama. A risada do Drew ecoou no ambiente.

— Essa sua cara é sinal de que você está precisando dar uma parada — comentou, entrando na sala. — Que tal almoçar comigo? — convidou. — Estou querendo discutir alguns pontos novos com você a respeito da reforma da casa de praia.

Olhei para a tela do meu laptop, e fiz uma careta para o desenho da planta.

Não pensei nem duas vezes e, em seguida, me levantei, pegando minha bolsa.

— Claro! Vamos lá — Aceitei. — Preciso mesmo de um fôlego.



O almoço com meu chefe foi bem agradável e descontraído; vi-me relaxada com nossa conversa, pois senti como se estivesse almoçando com um amigo. Nós dois não tínhamos tanta intimidade ainda, mas, gradualmente, comecei a notar alguns aspectos

interessantes sobre ele, como, por exemplo, sua paciência e tranquilidade para lidar com situações tensas.

— ... por isso acredito que... — sua fala foi cortada pela metade quando seu celular começou a tocar. Drew pediu licença para poder atender, e eu assenti. Já tínhamos finalizado o almoço, e só estávamos conversando.

Servi-me com outra dose do vinho, enquanto aguardava meu chefe retornar a mesa. Nesse momento, comecei a observar o ambiente requintado, prestando atenção em tudo. Era um lugar moderno, de comida refinada e ambiente espaçoso. Estava tão entretida, analisando os detalhes que quase me engasguei com o vinho ao me deparar com um par de olhos azuis me encarando com tanta intensidade que fez meu coração acelerar de imediato.

Ravi.

Ele estava ocupando uma das mesas do restaurante, entretanto, num ponto tão estratégico que nem eu, nem o Drew

percebemos sua presença antes.

— Ei, Chloe, eu sinto muito, mas... — Drew retornou, mas se calou e franziu o cenho ao me encarar — está tudo bem? Parece pálida? — Deitou a cabeça de lado, me observando. Disfarcei, e entornei o restante do vinho, já que senti minha garganta seca.

Neguei com a cabeça e forcei um sorriso.

— Estou ótima! — menti. — Você que não me parece bem, aconteceu algo? Suponho que a pessoa que te ligou lhe trouxe problemas...

Entortou os lábios, parecendo cansado.

— Ao que tudo indica, sim, — desabafou, esfregando o rosto de modo frustrado. Suspirou. — Você ficaria chateada se eu te deixasse aqui? Posso chamar um táxi e...

O interrompi:

— Não se preocupe comigo, Drew, vai lá — declarei, tranquila.
— Ficarei bem.

Então, ele se despediu, avisando que deixou a conta paga na recepção.

Minutos depois, terminei de beber outra dose de vinho e, em seguida, comecei a me preparar para sair. Não ousei mais olhar para a mesa ocupada por Ravi, pois assim, eu não cairia em tentação.

Contudo, enquanto eu caminhava para fora do restaurante, tive meu braço segurado por alguém. Nem precisei olhar para saber a quem aquele toque pertencia, considerando a maneira como meu corpo reagiu, como se estivesse queimando de dentro para fora.

— Eu não sabia que você e meu filho tinham tanta intimidade ao ponto de almoçarem juntos — comentou ele, assim que estávamos no lado de fora. Soltou-me.

Franzi o cenho, o encarando.

Arrastei meus olhos pelo seu corpo, coberto por uma camisa, calça de Alfaiataria e tênis casual. Os dois primeiros botões estavam

abertos, me dando a visão de um pedaço de sua pele, com alguns pelinhos aparecendo.

— Não entendi seu comentário em tom acusatório. — Cruzei os braços, mantendo meus olhos em seu rosto. — Drew e eu estávamos almoçando para falar de trabalho. Além disso, nós estamos nos tornando amigos, então, gosto da companhia dele. Algum problema sobre isso? — Arqueei as sobrancelhas, analisando suas reações.

Seu incômodo era nítido, todavia, eu não conseguia entender o motivo.

— Nenhum. — Deu de ombros, colocando as mãos nos bolsos da calça, de maneira despreocupada. — Eu apenas achei estranho, só isso. — Baixou os olhos, mas notei que travou o maxilar. — Meu filho é um bom rapaz, e da sua idade, então, eu não ficaria admirado se vocês dois estivessem saindo juntos.

Revirei os olhos, sacudindo a cabeça.

— Ah, não... — sacudi a cabeça — Fala sério, Ravi!

Afastei-me dele, irritada com o rumo daquela conversa.

Seu braço voltou a segurar o meu, causando-me aquela eletricidade insuportável. Quando nossos olhares se chocaram, engoli um gemido, hipnotizada pela força de seus olhos. O homem parecia ter um magnetismo, que me puxava para ele sempre que nós estávamos perto um do outro.

— Por que foi embora do meu ‘flat’ sem esperar eu acordar?

Meu coração acelerou, ciente de que aquela pergunta chegaria uma hora ou outra.

Dei de ombros, fingindo indiferença.

— Eu pensei que facilitaria para nós dois.

O lindo rosto enrugou em confusão.

— Facilitar?

Respirei fundo, frustrada.

— É, homem! — exclamei, impaciente. — Eu apenas quis evitar constrangimentos desnecessários.

Nesse momento, seus olhos semicerraram em minha direção. E antes que eu tivesse tempo de prever, fui arrastada para um canto isolado e prensada contra a parede. Arquejei com o contato de seu corpo no meu.

— Por isso que você está me evitando. — Não foi uma pergunta.

Fiquei sem jeito, embora me esforçasse para disfarçar.

— Não estou...

— Pare de mentir para si mesma, Chloe! — cortou-me. — Você sabe que estou certo. — Arqueou uma sobrancelha, desafiando-me a contradizê-lo.

Rolei os olhos para ele.

— Arrogante e atrevido! — exclamei, o empurrando para longe.

Afastei-me ao som de sua risada.

— Ei?! — Chamou, acelerando os passos para me acompanhar. Eu precisava me manter longe dele, ou acabaria sucumbindo a tentação. — O que pretende fazer agora?

Não o encarei, mantive minha atenção na avenida, ansiosa para encontrar um táxi o mais rápido possível.

— Vou dar uma passada em casa, depois voltarei para a empresa.

Ergui a mão, chamando um táxi.

— Venha comigo — pediu, obrigando-me a encará-lo. Analisei sua expressão, tentando lê-lo, mas Ravi era uma incógnita. — Quero te mostrar algo. — Semicerrei os olhos em sua direção, cruzando os braços. Ele sorriu, um desses sorrisos libertinos. — Por favor, não leve sua mente para o lado pervertido, Chloe. — Mordeu os lábios, provocativo.

Minhas bochechas ruborizaram.

— Não estou pensando nada — menti, coçando a garganta, odiando-o por rir de mim.

— Venha... — acenou, fazendo-me erguer os olhos —, meu carro está logo ali. — Apontou.

Nesse momento, um táxi parou ao meu lado. Olhei para ele, suspirando ao recusar. Não havia surpresa nenhuma que minha escolha fosse a mais pecaminosa de todas.

Ravi era quase como o fruto proibido, e eu estava mais que disposta a experimentar outra vez.

E outra, e outra e outra e outra...



15

Ravi

Minha mente estava agitada, assim como meu corpo todo com a presença daquela garota em meu carro. Enquanto eu me questionava sobre o que eu estava fazendo, também me sentia diferente por estar perto dela; e isso apenas piorava a confusão na minha cabeça.

Desde o final de semana — que foi há quatro dias — depois que transamos feito dois loucos, meus pensamentos se perdiam em nossas lembranças, no som de seus gemidos, na sua boca, nos seus beijos, no seu toque... era como uma obsessão. E o fato de ela ter começado a me evitar depois do sexo surreal que tivemos me

encheu de questionamentos internos, visto que, eu nunca passei por uma experiência semelhante. Por alguma razão, Chloe me deixava inquieto e inseguro.

A coincidência de vê-la almoçando com meu filho só reforçou essa miríade de emoções conflitantes que passou a sufocar meu peito desde que Chloe e eu começamos a conviver, e isso era ridículo. Eu odiava me sentir deslocado nas situações, e não gostei nada do que senti ao observar a interação dela com o Drew.

— Vai me contar para onde estamos indo, ou é segredo? — Sua voz me puxou de meus pensamentos. A encarei de soslaio, me divertindo com sua curiosidade e tom atrevido.

— Não sabia que você era tão curiosa. — Sorri.

— E qual a mulher que não é? — rebateu, provocativa.

— *Touche*.

Nesse momento, chegamos à frente de uma bela casa. A fachada era forrada de plantas e verde por todos os lados.

Puxei o freio de mão e, em seguida, desci do carro para poder abrir os portões de ferro, altos. Após isso, retornei ao veículo e continuei seguindo pelo amplo caminho de pedras que nos levaria a entrada da casa. Fiz a curva na linda fonte que tinha logo em frente a porta de entrada, e freei.

Desliguei o carro e saí. Chloe fez o mesmo.

Seus olhos se arrastaram por todos os cantos, analisando e absorvendo tudo; eu podia ver e sentir sua confusão por eu tê-la trazido até ali.

— Ok! — exclamou, sacudindo a cabeça e se afastando do carro, sem parar de observar ao redor. — É uma linda mansão, impressionante mesmo. Porém, ainda não entendi o que estamos fazendo aqui.

Aproximei-me dela e lhe estendi a mão, pedindo que ela aceitasse segurar.

Depois, nos levei para o interior da majestosa casa.

— Uau! Olha essa escada circular?! — Admirou-se. — É arrebatadora.

Comecei a fazer um tour com ela pela casa, permitindo que observasse tudo e analisasse os detalhes.

E foi isso que ela fez pelos próximos minutos.

— Afinal, qual seu interesse com esta casa? — perguntou, se debruçando sobre a balaustrada da sacada do quarto principal. — Por que me trouxe aqui?

Inspirei o ar, me deleitando com o calorzinho gostoso do sol em minha pele. Encurtei o espaço que nos separava, ficando ao seu lado e de costas para a balaustrada.

— Meses atrás, descobri que Drew tentou arrematar esta casa em um leilão, mas não deu certo — contei. — Ele me disse que seu desejo era adquirir o imóvel para reformar e, em seguida, morar aqui — gesticulei ao redor. — Então, demorei um pouco, mas conversei com alguns dos meus contatos e, consegui comprar a casa. Agora,

ela é minha. — Chloe se espantou. — Quer dizer, estou transferindo para o nome do meu filho. Será meu presente para ele.

— Ravi! — exclamou, piscando os olhos freneticamente. — Isso é incrível, e lindo. — Sorriu de uma maneira tão doce que por um segundo me vi hipnotizado pelo seu sorriso. — Drew vai ficar muito feliz. — Tocou meu braço e apertou, fazendo-me olhar para sua mão em mim. Percebendo, afastou o toque rapidamente, parecendo sem jeito. — Enfim... — coçou a garganta, caminhando para dentro do quarto — por que me trouxe aqui?

— Porque quero fazer uma reforma, entretanto, quero modificar a arquitetura dela toda — expus. — E, obviamente, desejo manter isso em segredo, pois quero fazer uma surpresa ao Drew.

Chloe sacudiu a cabeça, pensativa.

— Entendi — murmurou, compreensiva. Levou os olhos ao redor. Notei quando inspirou o ar profundamente, fazendo-me observar o movimento de seu peito. Os seios balançaram diante dos

meus olhos famintos e boca sedenta. Chloe pareceu não perceber meu olhar pervertido, o que agradeci. — Bem, podemos analisar e discutir o que melhor funcionaria aqui — disse, naquela postura profissional. — O piso é de madeira; a varanda tem vista para a piscina e jardim; o banheiro principal possui armários de água duplos, chuveiro de vidro, banheira circular, quatro quartos de banho adicionais... — e assim, ela foi narrando e dispondo suas observações.

Permaneci em silêncio o tempo todo, apenas absorvendo e analisando tudo o que ela dizia. Eu não podia negar o profissionalismo e o talento da garota, porque Chloe era excepcional; sua criatividade e capacidade de inovação eram elementos fundamentais para a construção de uma carreira brilhante. E isso estava claro como água para mim.

— Podemos começar a reforma do lado de fora e transformar aquele exterior de cascalho em paredes brancas brilhantes e adicionar uma porta de madeira que combine com o interior da casa

— comentou, enquanto descíamos a enorme escadaria. — Ali, pode ser colocado azulejos brancos modernos, um carpete macio e cinza de pelúcia e um corrimão de vidro nessas escadas. — Apontou. — E ali...

Continuei a segui-la, ouvindo suas opiniões e palpites. Entretanto, eu tinha de admitir que minha cabeça não estava cem por cento, concentrada na conversa, porque meus olhos se arrastavam pelo corpo curvilíneo, que desfilava de um lado ao outro.

O traseiro empinado, me chamava como a um ímã sempre que ela se abaixava ou se inclinava para apontar ou gesticular algo. E isso estava me matando.

— ... o que acha?

Pisquei ao som de sua voz melodiosa.

— O que disse? — intimei, confuso, pois peguei sua frase pela metade. — Desculpe, mas não prestei atenção. — Lambi os lábios enquanto descia o olhar pelo seu corpo, coberto por uma blusa de

alça e uma calça colada. Percebi que ela se remexeu um pouco devido à intensidade do meu olhar.

— Ravi, não...

Lancei-me sobre ela, agarrando sua cintura e a impulsionando de modo a fazê-la se sentar sobre o balcão; estávamos na cozinha.

— O-o que pensa que está fazendo? — gaguejou, embora não houvesse feito menção em sair dos meus braços e nem de se afastar. Pelo contrário, ainda abraçou minhas costas com suas pernas.

— Não consigo me concentrar direito, porque tudo o que minha mente está pensando é em foder você... — arrastei uma mão por suas costas, enquanto a outra apertava seus seios. Afundei o rosto na dobra de seu pescoço, fungando o nariz em sua pele e cabelos, mordendo sua orelha, queixo. Quando cheguei aos seus lábios, suguei o inferior, sem deixar de encarar seus olhos, pesados de luxúria. — E sei que você também está sentindo isso...

— Isso...? — Arquejou ela, embrenhando os dedos em meus cabelos.

Puxei seu corpo mais para a beirada do móvel, e esfreguei meu pau no meio de suas pernas abertas.

— Esse tesão louco que nos envolve — declarei, com a voz afetada. Voltei a morder seu queixo, alucinado com os sons que escapavam de sua boca. — Eu quero ficar com você, Chloe — as palavras escaparam dos meus lábios sem eu poder evitar.

Ela piscou aqueles olhos lindos.

— Está me propondo ter um caso com você? — Jogou a cabeça para trás, incrédula, apesar do sorrisinho no canto dos lábios carnudos.

Desci as mãos pelo seu corpo pecaminoso e abri o botão de sua calça.

— Sem envolvimento sentimental. Apenas sexo. — Com sua calça aberta, enfiei minha mão e a embrenhei em sua calcinha.

Chloe ergueu o quadril para facilitar minhas carícias em sua boceta molhada.

De olhos fechados, Chloe começou a gemer, impulsionando o corpo contra meus dedos hábeis. Suas mãos estavam em meu rosto, e eu podia assistir sua entrega à excitação que sentia.

— Ninguém poderá saber do nosso acordo — afirmou, resfolegante.

Sacudi a cabeça, concordando.

— Não, será um segredo só nosso — reiterei.

— Hmm... — gemeu, buscando minha boca, sugando e mordendo meus lábios, levando-me a loucura — Eu quero! Oh, céus, eu quero mais do que tudo.

Dizendo isso, afundou a língua em minha boca, exigindo meu ar, meu fôlego. A garota era tão selvagem quanto eu.

Continuei massageando seu clitóris, aproveitando para introduzir um dedo, depois outro e, os impulsionei, ensandecido ao

senti-los mergulhando em sua umidade. A porra do meu ego ia nas alturas sempre que eu conseguia a proeza de deixar a boceta de uma mulher tão encharcada desse jeito.

Seus gritos aumentaram à medida que a velocidade dos meus movimentos aumentou também. Apoiando-se em meus ombros, Chloe gemeu tão gostoso em meu ouvido ao gozar, que eu quase gozei junto, com a cena.

Um rosnado escapou da minha garganta quando senti sua língua se arrastando pelo meu pescoço até a orelha, onde chupou o lóbulo.

— Acredito que temos alguns cômodos dessa casa para batizar antes da reforma, hum?

Todos os pelos do meu corpo se eriçaram com suas palavras, e tudo o que meu instinto me mandou fazer foi empurrá-la para trás, obrigando-a a se manter sob os cotovelos enquanto eu arrancava sua calça e calcinha.

Depois, enfiei a cara entre suas pernas, me esbaldando em sua boceta. Eu estava longe de me sentir satisfeito.

Longe de me contentar com somente uma foda ou duas.

Eu queria mais, muito mais. E enquanto aquela garota me fizesse sentir vivo — como há muito tempo — eu aproveitaria.

Aproveitaria cada segundo.



16

Chloe

Dois meses depois

— Você ainda não me contou o que está rolando entre você e aquele homem, Chloe.

Sorri com as palavras da minha mãe.

— O nome dele é Ravi, mãe — corrigi, colocando meu brinco.
— E nós estamos nos envolvendo. — Peguei o batom para finalizar a maquiagem.

— Se envolvendo? — repetiu, entrando no quarto, toda interessada. Minha mãe era muito curiosa, amava uma fofoca. —
Então estão namorando? — quis saber, embora não tenha esperado

eu responder, porque emendou: — Graças a Deus! Sinal de que aquele vagabundo do Jackson não voltou a te importunar.

Franzi o cenho com sua menção ao Jack. Depois do episódio da briga, ele tentou me ligar algumas vezes, mas bloqueei todos os seus números. Me sentia grata por ele desistir.

— Não estou namorando o Ravi — expliquei, me colocando de pé para poder me olhar no espelho de corpo inteiro. — Estou apenas transando com ele, é diferente. — Analisei meu visual.

— Chloe! — exclamou, escandalizada.

Dei uma risada, me virando para ela e a abraçando. Beijei sua bochecha.

— Mas eu juro que é sexo com segurança — argumentei, divertida.

Seus dedos me beliscaram, e eu me afastei ao som de uma mensagem no celular. Eu sabia que era do Ravi, avisando que já

estava me esperando lá embaixo. Rapidamente peguei minha bolsinha de mão, guardei o celular e corri para fora do quarto.

— Prometo que estou me cuidando, e que entrarei em contato se acontecer qualquer imprevisto — avisei, com a mão na porta. — Provavelmente não volto para casa hoje. Te amo mais que a vida, mãe.

Mandei um beijo para ela, que sorriu, enquanto me observava sumir de seu campo de visão.

No lado de fora da casa, me deparei com o carro esportivo de Ravi, que me esperava, debruçado sobre a porta do passageiro. Senti-me encabulada com o seu assovio assim que me viu. Eu estava usando um minivestido preto, de alcinhas. Os acessórios eram bem simples: brincos de argola e sandálias de tirinha.

— Está linda! — exclamou, me puxando com seus braços possessivos. — Fiquei duro só com a visão das suas pernas nuas,

sabia? — sussurrou contra minha boca, antes de morder meu queixo e se afastar para abrir a porta para mim.

Meu coração acelerou um pouco, considerando toda a intensidade dele. Ravi parecia ter o poder de me deixar desarmada, excitada, irritada e mortificada. Tudo ao mesmo tempo.

Desde que acordamos esse envolvimento — apenas sexual — eu e ele vínhamos nos encontrando quase diariamente. Às vezes, nem conversávamos, apenas fodíamos como dois loucos.

E eu não me cansava. Nunca me sentia satisfeita.

Entrei no carro e, me ajeitei no banco de couro, enquanto Ravi dava a volta no veículo para entrar no lado do motorista. Fui inundada pelo seu perfume, misturado ao seu cheiro natural, que passei a adorar.

— Aonde vamos? — perguntei, terminando de colocar o cinto. Eram raras às vezes que saíamos em público, pois a ideia era não

chamar a atenção, justamente para que nosso segredo não fosse descoberto.

Ravi ligou o carro na ignição, me encarando com aquele sorrisinho no canto dos lábios deliciosos.

— Se eu contar vai deixar de ser surpresa.

Fingi uma careta.

— Eu nem sabia que era surpresa — resmunguei, arrancando-lhe uma risada gostosa.

O carro ganhou movimento, e sem eu estar preparada, sua mão saiu do câmbio da marcha e tocou minha coxa, apertando minha carne.

— Garanto que vai valer a pena! — Deu uma piscadela para mim, logo voltando a prestar atenção no trânsito. Todavia, sua mão permaneceu na minha coxa, com seus dedos fazendo círculos em minha pele, ameaçando descer até minha calcinha a qualquer momento. — Você vai gostar.

Lambi os lábios e fechei os olhos por um segundo quando senti sua carícia suave por cima da minha calcinha, que umedeceu na mesma hora.

O homem era uma máquina.

Não falei nada, pois minha garganta ficou seca.



Eu não acreditei quando Ravi estacionou na Miami Beach Marina. O olhar sapeca que ele me ofereceu antes de abrir a porta e sair me fez consciente de que o safado estava planejando alguma coisa.

Não tive tempo de abrir minha porta, pois Ravi foi mais rápido e abriu para mim, estendendo sua mão. Aceitei.

Nossos corpos se chocaram, e tive que segurar a respiração quando suas mãos desceram para meu traseiro, apertando-o com força calculada.

Sua boca se aproximou da minha, mas não me beijou.

— Eu já falei quão linda você está?

Engoli em seco, sentindo meu coração acelerando com toda aquela intensidade.

— Falou — soprei, com dificuldade. — Mas eu não me importo de ouvir o elogio mais vezes — complementei, divertida.

Seu sorriso me deixou deslumbrada.

Pensei que me beijaria, mas, ele simplesmente entrelaçou nossos dedos e começou a caminhar comigo pela marina. Logo, paramos em frente a um dos iates luxuosos atracados ali. Aguardei, enquanto Ravi conversava com um homem e, em seguida, voltou para perto de mim e me puxou pela mão, levando-me para dentro do iate.

Fiquei admirada quando Ravi seguiu para o convés principal, composto por uma sala espaçosa, podendo ser utilizada para refeições.

— Você sabe dirigir? — Surpreendi-me, recebendo seu sorriso arrogante em troca.

— *Tá* brincando? — rebateu, entre risos. — A casa de máquinas hospeda dois motores Volvo 800 (600 HP), podendo alcançar velocidades de até 35 nós, ou 64 quilômetros por hora. É um produto esportivo e energizante, com foco na diversão e na velocidade.

Rolei os olhos.

— Vocês homens e seus brinquedos. — Sacudi a cabeça, achando graça da sua expressão sapeca.

Enquanto Ravi tirava o iate da marina, aproveitei para explorar a embarcação. Embora a área externa fosse o grande destaque, o iate ainda abrigava uma sala de jantar integrada à cozinha e três cabines internas: a suíte do proprietário, com cama, armários, penteadeira e estante; a cabine VIP, com cama de casal que podia

ser convertida em cama de solteiro; e o terceiro quarto, com um beliche.

Lindo e impressionante.

Longos minutos depois, retornei ao convés. Ravi estava concentrado na direção, mas desviou os olhos quando surgiu no espaço.

— E então? O que achou? — quis saber, parecendo ansioso.

Ele estava usando a camisa por dentro da calça de sarja, com a barra mais curta, sem cinto e sapato Mocassim de camurça. Os botões da camisa mais abertos quebraram a formalidade do look.

De tirar o fôlego.

Pisquei, sacudindo a cabeça, buscando concentração.

— Ah, a embarcação é magnífica! — respondi, olhando para o mar a nossa frente. — Fiquei surpresa por você ter me trazido aqui.

Ele não disse nada de imediato, então o encarei, notando seu olhar distante.

— Essa é a primeira vez que estou usando o iate desde que a Beth... faleceu — se engasgou na última palavra. — Ela gostava bastante de apreciar a vista das estrelas quando a noite permitia.

Absorvi suas palavras, baixando a cabeça e pensando no que dizer. Nós dois quase não conversávamos sobre assuntos pessoais, apesar da intimidade compartilhada. Entretanto, nas últimas semanas, pude conhecê-lo melhor e entender sua linda história com Elisabeth Turner.

— Acho lindo o amor que você transmite quando fala dela — comentei com sinceridade. — E eu consigo compreender esse apego emocional, porque também perdi alguém muito especial na minha vida, e admito que, às vezes, sinto que vou desabar a qualquer momento sempre que me lembro que ele não está mais aqui. — Me calei por alguns instantes, e me obriguei a me sentar no sofá que tinha ali.

Ravi acionou alguns botões na cabine e, em seguida, fez a ancoragem com calma e cuidado. Depois de ter certeza de que estava tudo certo com a embarcação e com o local que ele escolheu para parar, se afastou da direção e se aproximou de mim.

— Quem você perdeu? — quis saber.

— Meu pai. O perdi há três anos — contei com um nó na garganta. — Foi um aneurisma que rompeu, não tivemos tempo de fazer nada. — De repente, soltei uma risada amarga. — E olha que dinheiro nunca foi problema, sabe? Meu pai foi diretor de produtos bancários, então sempre levamos uma vida farta em todos os aspectos. Contudo, ele relaxou no cuidado com a própria saúde, e foi isso que o tirou de nós... de mim.

Baixei os olhos, angustiada com as recordações. Senti as lágrimas nublando minha visão e tentei controlar, pois não queria chorar. Nem mesmo sabia o motivo para estar contando a respeito daquela parte triste da minha vida, considerando que nós dois

tínhamos combinado de não envolver sentimentos ou qualquer ato emocional na nossa relação.

Ravi tocou meu queixo com o dedo e ergueu meu rosto para ele.

— Não chore — pediu, com a voz rouca. — Por favor, não chore.

Seus lábios tocaram os meus com delicadeza, e o senti lambendo o rastro das minhas lágrimas.

— Ravi...

— *Shh...* — cortou-me, segurando meu rosto com ambas as mãos. — Eu vou cuidar de você — prometeu, me deitando no sofá.

Não falei nada, apenas permiti seu domínio sob mim.

Ergueu uma das minhas pernas e retirou minha sandália; fez o mesmo com a outra. Após isso, pegou meu pé e começou a beijá-lo lentamente, causando-me arrepios pelo corpo todo. Ravi parecia ter

verdadeiro fascínio por pés, porque ele nunca perdia a oportunidade de acariciar os meus.

Me contorci toda no momento que sua boca se arrastou pela coxa, e sua mão seguiu na frente, embrenhando-se em minha calcinha.

Seus olhos azuis não desgrudavam dos meus, intensos e selvagens. Gemi, apertando meus seios para tentar apacar o tesão.

Ravi ergueu minha perna e pressionou meu pé em seu peito de modo que minhas pernas ficassem abertas para ele. Afastando a calcinha para o lado, seus dedos se lambuzaram em minha entrada, pressionando, esfregando e acariciando. Logo, começou a me foder, preenchendo-me com seus dedos mágicos e habilidosos.

Meus gemidos foram aumentando à medida que suas investidas iam se intensificando. Eu sempre me orgulhei de ser desinibida na hora do sexo, nunca me envergonhei de demonstrar o que sentia, o que gostava. Isso também serviu para me ajudar a me

conhecer melhor; conhecer meu próprio corpo e os pontos que mais me davam prazer.

— Isso, querida — murmurou Ravi, sabendo exatamente que eu estava prestes a gozar. Era como se nas últimas semanas, ele tivesse criado uma chave mágica para meu corpo, onde podia controlar da forma que quisesse.

Poucos minutos antes de atingir o orgasmo, senti como se meu corpo, principalmente, a parte do ventre, virilha e pernas se enrijecessem com uma forte tensão, até que subiu uma onda de calor muito grande e um frio na barriga, uma euforia tomou conta de mim e soltei gargalhadas espontâneas, perdida naquela névoa.

Instantes depois, mais calma, olhei para Ravi, que estava com o pacote de camisinha na boca enquanto abria a braguilha.

Rapidamente, me ergui, pegando o pacote de camisinha da sua boca e o abrindo. Coloquei o invólucro em sua ereção e, sem demora me sentei nele com as pernas abertas, gemendo ao senti-lo

todo dentro de mim. Sua mão pressionou minha nuca, forçando minha cabeça para si de modo a reivindicar minha boca. O beijo foi daqueles esfomeados, sem controle. Na verdade, nenhum de nós dois parecia ter controle quando estávamos juntos.

Éramos impulsivos quando o assunto era aplacar nossos desejos. Não havia filtro quando conversávamos, e isso, de certa forma tornava nossa intimidade mais afluada.

— Oh, porra, Chloe! — xingou, mordendo meu pescoço e sugando minha pele em seguida.

O belisquei.

— Não ouse fazer chupão — adverti, fazendo-o sorrir. Aquele sorriso fez meu estômago dar cambalhotas.

Suas mãos espalmaram meu traseiro, ajudando-me a impulsionar o movimento de sobe e desce. Os lindos olhos estavam nos meus, intensos.

Por um momento, senti que algo se tornou diferente ali; minhas emoções se eriçaram de tal maneira que senti meu ar faltando. Todo meu corpo pareceu se desequilibrar de repente.

Ali, encarando o homem que vinha sendo meu parceiro sexual nas últimas semanas, entendi o que havia de errado.

Eu entendi meu erro, o erro de toda mulher com o coração mole.

Acabei me apaixonando por Ravi Foster.



17

Ravi

— Ainda não acredito que me convenceu a cometer essa loucura com você, Ravi — desabafou Chloe, saindo da barraca espaçosa.

Quando a convidei para sair essa noite, meu plano era levá-la para pernoitar comigo numa ilha. Então, após nossa rapidinha no late, pouco mais de uma hora atrás, revelei minha verdadeira intenção.

— Onde está seu espírito aventureiro? — indaguei, em tom divertido. — Você sempre me pareceu ser uma garota audaciosa quando o assunto é se arriscar — insinuei.

Observei quando ela se aproximou da fogueira que tínhamos feito logo que atracamos na ilha. A noite estava linda, com a lua nos presenteando com seu brilho, além de o céu todo estrelado como um cenário perfeito.

Peguei os marshmallows e comecei a prepará-los.

— Aposto que está dizendo isso devido à minha moto, sei que não gosta dela.

Franzi o cenho, fazendo uma careta.

— Não gosto mesmo — confirmei.

— Eu sabia! — exclamou, entre risos.

— É muito perigoso — argumentei, dando de ombros. — Não consigo sentir segurança.

Seu silêncio me fez olhar para ela, que mantinha a expressão distante. Na verdade, ela estava mirando a praia. Antes de sairmos, preparei tudo o que precisaríamos para pernoitar ali, sobretudo,

roupas limpas e cobertores. Então, Chloe trocara o vestido e estava usando uma camiseta minha.

— A moto se tornou minha paixão desde que eu era uma garotinha — contou. — Eu sempre gostei de viver intensamente, sabe? — Dobrou as pernas e esticou as mãos mais para perto do fogo, visto estar uma noite fria. — Estudava, era uma boa filha, porém, também aproveitava bastante a cada nova oportunidade que tinha para me divertir — complementou, com um sorriso que não chegou aos olhos.

— Por que o sorriso triste? — perguntei, entregando-lhe um graveto com o marshmallow espetado.

Tomei o lugar ao seu lado, estendendo a coberta sobre nós dois.

— Porque nessa mesma época, a vida me deu o golpe mais duro que eu pude levar.

Sacudi a cabeça, compreensivo.

— Foi quando perdeu seu pai. — Não foi uma pergunta, mas a vi assentir mesmo assim, embora sem me encarar nos olhos.

— Posso dizer que... meio que eu... — se calou como se estivesse buscando a palavra que melhor se encaixaria no contexto para falar — surtei. Não conseguia aceitar a morte dele, porque fomos sempre muito ligados. Meu pai era como o meu porto seguro, minha âncora, então não entrava na minha cabeça que eu jamais voltaria a vê-lo. — Inspirou forte, soltando o ar lentamente. Sua atenção estava no marshmallow no fogo.

— Eu mais do que ninguém entendo o quanto é difícil perder alguém que amamos — comentei em tom engasgado por me lembrar da Beth.

Seu marshmallow ficou pronto, então ela começou a degustá-lo.

— O problema, Ravi, é que a maneira como enfrentei o luto não foi muito saudável — expôs, depois de alguns segundos de

silêncio. — Eu sucumbi ao desespero; então fiz coisas e, entrei em lugares que, momentaneamente, aliviou meu sofrimento, todavia, apenas serviu para aumentar a dor da pobre da minha mãe, que ainda estava de luto pelo seu marido e, ao mesmo tempo, via sua única filha se perdendo no mundo.

Absorvi suas palavras, pensativo. Não podia ser hipócrita em afirmar que nunca me questioneei a respeito da casa luxuosa em que ela morava. Perguntei-me várias vezes o motivo para ela trabalhar na minha empresa sendo tão rica.

— A vida é assim mesmo, Chloe — declarei no fim —, ela nos prega peças e nos coloca em situações que não conseguimos compreender. Porém, todos nós estamos sujeitos a cair em desespero e, de várias maneiras diferentes — suspirei baixo. — Mas pode ter certeza de que só os mais fortes conseguem atravessar por esse caminho tenebroso. Eu mesmo ainda estou traçando o meu. — Sorri, sem mostrar os dentes. — E confesso que depois que conheci você, de alguma forma, a vida se tornou um

pouco mais leve. — Nesse momento, ela me olhou e pude visualizar um brilho tomando conta de seus lindos olhos.

— Também me sinto mais leve quando estou com você — admitiu em tom baixo. Depois, voltou a olhar para as ondas do mar, parecendo nostálgica. — Felizmente, restabeleci meu controle emocional com a ajuda da minha mãe e, claro, de muita terapia — disse, retornando ao assunto anterior. — É difícil quando tentamos fazer as coisas, sozinhos — mencionou. — No fim das contas, nós duas, minha mãe e eu, unimos forças para enfrentar a dor pela ausência dele. Meu pai era nossa base. Na época, minha mãe trabalhava com ele no Banco, contudo, não conseguiu retornar ao trabalho. Hoje, usa o tempo livre para ajudar as pessoas nas causas sociais.

— Uma grande mulher — reconheci.

Sorriu com tanto orgulho que senti a emoção no meu próprio peito.

— Ela é meu maior exemplo — declarou com fervor. — Eu mudei por ela. Corrigi-me por ela. — Deixou um suspiro escapar. — Hoje, trabalho como arquiteta, porque, aprendi a dar valor as coisas importantes; aprendi a valorizar minhas escolhas e meu esforço. Quando vivo, meu pai sempre acreditou em mim, acreditou que o mundo seria meu para conquistar. — Sorriu tão lindo que meu coração acelerou levemente. — Então, eu me sinto no dever de mostrar a ele, onde quer que esteja, que cheguei ao pódio, sabe? Conquistei meu próprio espaço na profissão que escolhi enquanto ele ainda era vivo.

Absorvi suas palavras, num misto de sentimentos e emoções. Eu não podia negar a mim mesmo o que aquela garota vinha me fazendo sentir nas últimas semanas, porque os novos sentimentos estavam ali... brotando do meu peito. Todavia, eu me sentia confuso com tudo isso, já que desde a morte da Beth, eu nunca me permiti vivenciar uma nova história.

— Seu pai estaria orgulhoso de você, Chloe — declarei com fervor, chegando mais perto de seu corpo. — Porque você é uma garota inteligente, divertida e corajosa. Sua coragem me inveja, porque eu, com quarenta anos, ainda não tive forças para desapegar de tudo o que vivi com minha falecida mulher.

Nesse momento, ela jogou o graveto no fogo e baixou os olhos. Quando os ergueu, visualizei um brilho destemido.

— Mas você não precisa desapegar da história que teve com ela, Ravi — afirmou. — Vocês dois compartilharam longos anos, construíram uma família juntos e tiveram um filho. Foram felizes. Não há motivos para renunciar dos momentos que viveu com a Elisabeth, ainda viva, porque faz parte da sua história, da sua trajetória de vida.

Franzi o cenho, pensativo.

— Mas ainda é dolorido — expus. — É dolorido pensar nela e no que vivemos, e é dolorido pensar em esquecer também.

— Então você precisa encontrar uma maneira de enfrentar tudo isso — murmurou. — É uma luta individual, infelizmente.

A encarei, fascinado pela intensidade de seus olhos.

Chloe jogou as pernas sobre as minhas, abraçando-me pela cintura. A amparei quando sua cabeça se deitou na dobra do meu pescoço. Arrepios me tomaram quando seu nariz inspirou o perfume da minha pele.

O silêncio se tornou nossa companhia por um longo tempo.

— Seu ex-namorado voltou a procurá-la? — perguntei de repente.

Na verdade, eu sempre perguntava, insistindo para que Chloe prestasse uma queixa contra aquele sem-vergonha, pois me preocupava o fato de um agressor como ele continuar solto por aí.

Negou com a cabeça.

— Ele desistiu.

Eu tinha minhas dúvidas, mas não quis inflamar, então optei pelo silêncio.

Subitamente, uma estrela-cadente riscou o céu e, chamei sua atenção.

— Ah, que pena, eu não vi. — Se queixou, com um muxoxo, quando mencionei.

— Mas eu vi, então farei um pedido por nós dois — declarei, sorrindo. — Desejo que o que está acontecendo entre nós dois dure por mais tempo.

— Mais tempo quanto? — perguntou com a voz rouca.

Dei de ombros, e toquei seu rosto ali... tão perto do meu.

— O máximo que o destino nos der — respondi num sopro. — Sou quinze anos mais velho do que você, Chloe.

Ela sorriu, tocando meu rosto e acariciando nossos narizes.

— Sua idade nunca foi um problema para mim — ditou, sem pestanejar. — Minha vida sempre foi movida pela intensidade das

coisas, dos momentos, das escolhas...

— Estamos vivendo um momento intenso — argumentei.

— Sim, nós estamos — confirmou, tocando nossos lábios num selinho demorado. Minha respiração travou no peito. De repente, os lindos olhos se chocaram com os meus. — Você sabe que quando fazemos um pedido para a estrela-cadente, nós não podemos dizê-lo em voz alta, né? Porque senão, ele não se realizará. — Um leve sorriso pairou em seus belos lábios.

Deslizei a mão pelos seus cabelos, maravilhado ao assisti-la deitando a cabeça para meu toque.

— Eu faço meus próprios desejos, e eu mesmo os realizo — declarei, fazendo-a sorrir com diversão.

— Oh, eu entendi — murmurou, entre risos. E antes que abrisse a boca para falar mais alguma coisa, pressionei seus lábios com os meus, lhe roubando um beijo.

— Como agora, por exemplo... — soprei, lambendo e sugando seu lábio inferior —, estou desejando fodê-la sob a luz do luar. O que acha disso?

Acariciei seu rosto, desenhando sua boca rosada com meu indicador. A safada o abocanhou, chupando-o sem tirar os olhos dos meus. Um rosnado baixo escapou da minha garganta.

— Considere seu desejo, aceito! — exclamou, sedutora.

Todo meu corpo se arrepiou com a intensidade de suas palavras. E por alguma razão, meu coração passou a bater num ritmo diferente.

Todavia, empurrei esse estranho detalhe para um cantinho da minha mente, e me concentrei no momento quente que estava tendo com minha garota.

Minha garota?



18

Chloe

Algumas semanas depois

Eu não me lembrava de como era se apaixonar por alguém, ou talvez eu nunca houvesse me apaixonado. Quando Jackson e eu nos conhecemos, eu ainda era uma adolescente, então não entendia nada sobre o amor; não sabia o que era amar e ser amada de verdade.

Nos últimos meses, me relacionando com Ravi, eu me via aprendendo, ao mesmo tempo, em que ensinava, e me sentia disposta a isso... disposta a escutar, falar, escutar mais um pouquinho, redescobrir coisas e aprender tantas outras novas. Ravi

me fazia descobrir a melhor versão de mim mesma, não uma versão diferente, mas uma mais legal, que eu nem sabia existir.

Era incrível e assustador, porque, eu passei a sentir medo de perdê-lo e, justamente por isso, me pegava memorizando vez ou outra, momentos e detalhes que ninguém poderia tirar de mim. Até as coisas mais rotineiras, como quando dormíamos agarradinhos, se tornava uma das coisas mais incríveis do mundo.

Eu ansiava contar para todos sobre nós dois e sentia orgulho de tê-lo ao meu lado. Todavia, isso não era possível, pois Ravi não dava indícios de estar sentindo a mesma miríade de novos sentimentos que eu, além da intensa atração sexual, e essa constatação me desmotivava a me abrir com ele. Como eu ia me declarar sem ter certeza de que seria correspondida?

Eu não era estúpida, tinha consciência da sua dificuldade em se desapegar da história que vivenciou com a falecida esposa, então, eu sabia que esse era o obstáculo mais difícil de ultrapassar.

Suspirei, dispersando meus pensamentos enquanto admirava o homem que, em pouco tempo, roubou meu coração. Ele estava adormecido, despreocupado e lindo. Ravi era realmente atraente, mesmo com os cabelos bagunçados. Passei meus dedos pelo seu peitoral, brincando com os pelinhos escassos. Eu dormia no seu 'flat' quase diariamente, embora, ocasionalmente, precisasse se esconder quando Drew aparecia sem avisar. Ravi não queria que o filho soubesse de nós dois, e no começo, eu também não queria.

Mas, ao me descobrir apaixonada, isso mudou. Mudou, porque Ravi começou a aparecer nos meus planos e, da maneira mais natural possível, e eu me sentia feliz ao perceber que os planos ficavam muito mais empolgantes!

Voltei a suspirar, enquanto tocava seu belo rosto.

— Meu amor... — soprei, me inclinando e beijando seus lábios suavemente.

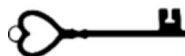
Em seguida, saí da cama.

Como estava nua e, com preguiça de colocar minhas roupas, fui até o closet e peguei qualquer camiseta do Ravi mesmo. Decidi que desceria até a cozinha para preparar um café matinal bem gostoso para nós dois antes de acordá-lo. Era segunda-feira, e minha semana seria extremamente corrida, devido as duas reformas em andamento. A obra na casa de praia estava seguindo conforme o cronograma, sendo assim, em mais três ou quatro meses seria entregue para os retoques finais. Agora, a respeito da outra casa, que seria um presente ao Drew, o prazo era maior, visto que começamos depois.

Deixei o quarto, sentindo como se estivesse flutuando feito uma boba apaixonada.

Ainda na escada, meu telefone começou a tocar. Era minha mãe.

— Oi, mamãe...



Longos minutos depois, retornei ao quarto, carregando uma bandeja com café, suco, bolachas, pães e panquecas. Eu não me considerava uma especialista na cozinha, mas ao menos sabia fazer o básico.

Mesmo com dificuldade, consegui abrir a porta, porém, optei por fechá-la com o pé. Um enorme sorriso brotou de meus lábios quando notei que Ravi estava acordado, embora ainda deitado na cama.

— Bom dia! — Saudei, me aproximando da cama devagar, com medo de derrubar algo. — Como acordei cedo, decidi preparar um café reforçado para nós dois, então espero que esteja com fome. — Depositei a bandeja na mesinha de cabeceira, bem ao lado dele. — Confesso que estou faminta... — dei uma risadinha — você quase não me deixou dormir essa noite.

Olhei para ele, sorrindo, mas seu olhar sério e tenebroso fez meu sorriso desvanecer.

— O que significa isso? — rosnou para mim como um cão feroz, fazendo meu coração bater acelerado. — O que pensa que está fazendo, garota?

Pisquei, assustada e confusa, não entendendo o porquê de sua reação.

— Bem, eu... — pigarreei — pensei que gostaria de acordar com o café da manhã na cama, *e-eu*... não sabia que...

— Não estou falando da porra do café, Chloe! — rugiu, cortando-me, ainda mantendo aquele tom ríspido. — Falo dessa camiseta no seu corpo. — Apontou, erguendo-se e se sentando na cama. — Quem lhe deu ordens para mexer nas minhas coisas?

Olhei para meu corpo, analisando a peça, que mais parecia uma camisola em mim.

— Toda essa grosseria por causa desta merda de camiseta? — Gesticulei, ardendo em fúria devido à maneira como ele estava me tratando. — Pois bem..., — levei as mãos trêmulas até a barra

do tecido e a arranquei do meu corpo, ficando apenas de calcinha — Tome! — Embolei a camiseta e a joguei na cara dele. — Engula essa roupa velha!

Dizendo isso, rumei para a porta, ansiosa para sair dali o mais rápido possível. Nunca me senti tão humilhada em toda minha vida. No caminho até a porta, me abaixei para pegar minha calça, blusa, bolsa e sapatos.

— Aonde vai? Chloe? Chloe? Espera, Chloe! — O ouvi me chamar, mas continuei andando, me esforçando para vestir minha calça. — Essa merda de camiseta, a qual se referiu, é a preferida da Beth.

— Era, Ravi — corrigi, entre dentes. — Beth, a sua Beth, não está mais entre nós. Ela faleceu há mais de cinco anos. — Não medi as palavras, devido a minha irritação. — Além disso, o fato de ser a camiseta que ela mais gostava não lhe dá o direito de agir

comigo desta maneira. — Terminei de me vestir e continuei seguindo, pegando as escadas.

— Mas você já está convivendo comigo há um bom tempo, deveria saber das minhas limitações.

— Eu não sabia da importância dessa camiseta — expliquei, me voltando para ele, nas escadas. — Meu único intuito era preparar um café matinal para você... para nós dois.

Odiei-me por sentir o engasgo do choro na minha garganta.

Desviei os olhos e terminei de descer as escadas.

— Você não vai fugir! — exclamou, segurando meu braço e me puxando para ele. Minhas mãos se chocaram contra seu peito, mas me debati para me afastar. — Não terminamos a conversa.

Comecei a rir de modo amargo.

— Que conversa? — indaguei, repleta de mágoa. — Essa em que você me trata como se eu fosse apenas a vagabunda que você come, sem direito a mexer nas suas “coisas”? — Fiz aspas.

Seus olhos se tornaram sombrios com isso.

— Chloe...

— Sabe de uma coisa? — o cortei, com a voz embargada. — A culpa foi minha, mesmo — admiti. — Minha, por permitir que esse relacionamento fosse tão longe. Eu deveria ter imaginado que algo assim aconteceria, deveria ter imaginado que o único lugar que eu teria na sua vida seria... na sua cama, já que seu coração sempre será da sua falecida esposa. — Minha voz embargou, então parei de falar para enxugar as lágrimas insistentes.

— O-o que está falando? — Seu rosto se tornou pálido.

— Estou falando que me apaixonei por você, seu idiota! Mas no momento, estou te odiando — rosnei, apontando o dedo em sua cara. Vi que seus olhos se arregalaram com minha declaração. — Você é um babaca e cego, incapaz de enxergar a felicidade bem na sua cara, porque prefere ficar com a mente e o coração enraizados no passado — acusei, aos prantos. — E quer saber mais? Não

preciso disso — gesticulei entre nós — Já passei dessa fase escura da minha vida, e não pretendo voltar para lá. Eu mereço mais.

Dizendo isso, lhe dei as costas e rumei para a porta de saída.

— Está dizendo que estou levando você para a escuridão?

Saí para o corredor e acionei o elevador, que abriu rapidamente. Entrei, desesperada para fugir.

— Estou dizendo que quero que você se foda e, que fique bem longe de mim! — rugi, socando seu peito para que se afastasse das portas do elevador. Meu rosto se contorceu com novas lágrimas assim que o elevador fechou, bloqueando-me a visão de seu rosto assustado.

Chorando, me inclinei para calçar minhas sandálias. Eu estava destruída emocionalmente. Abalada psicologicamente.

Sobretudo, com meu coração partido. Como jamais pensei que ficaria.



19

Ravi

“Estou dizendo que quero que você se foda e, que fique bem longe de mim!”

As últimas palavras de Chloe ficaram ecoando em meus pensamentos, me fazendo refém daquela sensação de pânico que me abateu com tanta força que o ar estava ameaçando me faltar.

Fui até minha adega e peguei uma garrafa de uísque. Não perdi tempo em abri-la e entornar um gole generoso. Bocejei o líquido em minha boca, consciente da minha agitação interna. Nesse momento, a fúria me abateu fazendo-me quebrar tudo o que

via pela frente. Eu estava furioso comigo mesmo, com o destino e com aquela maldita garota, que só sabia me confundir.

“Estou falando que me apaixonei por você, seu idiota!”

Sua declaração ressoou em minha mente, piorando meu estado de espírito. Ela não deveria me amar, porque isso não foi o que combinamos.

Voltei a beber, descontrolado.

— O que está acontecendo aqui, pai? — Me assustei com a chegada abrupta do Drew. Como ele tinha acesso livre, já chegou entrando. — O que houve? Acabei de ver a Chloe aos prantos no estacionamento do prédio, mas não consegui falar com ela, pois subiu na moto e saiu em disparada.

Endureci a mandíbula com isso, sentindo-me culpado e com aquela maldita sensação de perda.

Entornei mais um gole do uísque, enquanto me deixava cair no sofá.

— Quer me falar o que aconteceu? — insistiu, mas me mantive calado. Então, sem paciência, Drew se aproximou e tomou a garrafa da minha mão. — Quer fazer o favor de agir como adulto, porra?! — explodiu, me surpreendendo, visto que nunca o vi tão irritado assim. Empertiguei-me. — O que houve para a Chloe sair daquele jeito? Vocês brigaram? O que você fez com a garota, pai?

O tom acusatório de suas perguntas me deixou ainda mais irritado, então me levantei.

— Por acaso está insinuando que fiz algo contra ela?

Arqueou as sobrancelhas em desafio.

— No momento estou apenas supondo, visto que você não quer me explicar o que aconteceu de fato, e, somado a cena que presenciei da Chloe chorando, só consigo deduzir o pior. — Gesticulou ao redor. — Vocês brigaram.

Levei as mãos ao rosto, esfregando-o de modo frustrado.

— Eu sei que vocês dois estavam transando — mencionou ele, me fazendo arregalar os olhos e o encarar em espanto. — Mesmo tentando esconder, eu percebi.

Se sentou no sofá, inspirando o ar profundamente. O assisti se inclinar, apoiando os braços nos joelhos. Vi que ficou decepcionado comigo, assim como a Chloe.

— Por que não disse nada? — indaguei em tom baixo.

Drew ergueu os olhos nos meus.

— Por a vida ser sua, pai — argumentou. — Jamais irei interferir em suas escolhas, apenas quando estas estiverem o levando ao fundo do poço, o que não era o caso. Vi a mudança que seu relacionamento com a Chloe causou em sua vida, ela fez bem a você, e isso me fez feliz.

Baixei os olhos, sem saber o que dizer. Minha mente estava muito confusa, além da anestesia do álcool no meu sistema.

— O que houve? — perguntou novamente.

Enrijei meu maxilar, sacudindo a cabeça na intenção de apagar a imagem do rosto choroso da Chloe da minha mente, mas não adiantava.

— Eu estraguei tudo — admiti, caminhando até o sofá e me sentando. — Acordei e a vi usando a camiseta preferida da sua mãe, então acabei surtando. Fui grosseiro e babaca com ela. — Soltei o ar com força, irritado comigo mesmo. — Nosso envolvimento não foi planejado, no entanto, acabou rolando uma química entre nós. Confesso que não imaginei que essa relação se prolongaria tanto. — Me calei por um segundo, pensativo sobre minhas palavras. — Quando eu e ela estamos juntos, me sinto diferente, me sinto como o Ravi de antigamente, entende? Aquela garota faz parecer tudo descomplicado, Drew, e eu deixei de sentir aquela ansiedade doida, apenas uma calma tranquilizadora.

Drew tocou meu ombro, sorrindo.

— Você se apaixonou por ela?

Novamente a declaração da Chloe, dizendo estar apaixonada por mim, ressoou em meus pensamentos. Engoli em seco.

— Não sei — desabafei, cheio de angústia. — Desde que eu e ela começamos a nos relacionar, eu parei de cogitar ficar com outras pessoas. E, no fundo, eu não sentia vontade de ficar com outro alguém, além dela — expus com honestidade. — Na verdade, há uma guerra aqui dentro — apontei para minha cabeça — e aqui. — Apontei para meu coração.

— Pela mamãe. — Não foi uma pergunta, ele sabia como eu me sentia. — O senhor ainda está preso no passado; preso no que viveu com ela.

— É mais forte do que eu — murmurei, sofrido.

— Está frequentando a terapia?

— Estou — respondi. — E está me fazendo bem, eu acho... — franzi o cenho. — Meu filho, você, mais do que ninguém sabe que eu sempre tive dificuldade de aceitar a perda da sua mãe.

— Sim, eu sei.

— Porém, com as sessões de terapia, eu comecei a aprender a lidar melhor com esses sentimentos, e estava dando certo... ao menos, até hoje. A visão da Chloe usando a camiseta que sua mãe adorava foi como um gatilho para meu descontrole. Estraguei tudo — contei, desolado.

Sua mão tocou meu ombro.

— Só de você reconhecer o erro já é suficiente para acertar as coisas com ela — declarou.

Sacudi a cabeça, assentindo ao absorver suas palavras.

Coloquei-me de pé subitamente.

— Tem razão! — exclamei. — Vou atrás da Chloe para resolver as coisas — afirmei com veemência. — Não quero que ela pense que sou um babaca.

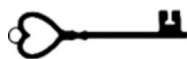
Drew também se levantou, mas espalmou meu peito e forçou meu corpo mole a voltar para o sofá.

— Ainda não é hora para essa conversa — ditou. — O senhor acabou de entornar quase meio litro de uísque, está embriagado. Como quer ter uma conversa séria dessas? É provável que Chloe chame a polícia para você. — Deu uma risadinha enquanto fez uma careta.

— Mas ela precisa saber como eu me sinto — argumentei.

— E ela vai, pai — afirmou, me erguendo pelo braço, na intenção de me levar em direção ao andar de cima —, mas outra hora. Agora, o senhor precisa de um banho frio e de algumas horas de sono.

Minha cabeça estava girando realmente, visto fazer tempo desde a última vez que me embebedei desse jeito, então meu corpo estava desacostumado com o álcool.



Longos minutos depois, me vi sendo ajudado a me deitar na cama. Drew me cobriu com as cobertas, garantindo que tudo ficaria

bem.

— Ela precisa saber como me sinto, Drew — resmunguei, sentindo os olhos pesados. — Chloe precisa saber que é importante para mim.

— E ela vai saber. — O ouvi dizendo. — Mas não agora. Você precisa descansar.

Então permiti que meus olhos se fechassem. E pela primeira vez, depois de muito tempo, o primeiro rosto que visualizei em meus pensamentos não foi o da Beth, mas sim, o da Chloe.

A garota que se enraizou em minha pele e... em meu coração?



20

Chloe

— Sou uma burra! Uma idiota! Estúpida de merda!

Falava comigo mesma à medida que acelerava a moto pelo asfalto, ziguezagueando por entre os carros. Podia sentir meu rosto molhado por conta das lágrimas incessantes, e isso embaçava um pouco minha visão.

Por que fui me apaixonar por um homem que só tinha olhos para a mulher falecida? Eu deveria imaginar que Ravi jamais se permitiria vivenciar um novo amor comigo. Fui trouxa por pensar que ele me olharia diferente apenas por estarmos transando. Esse foi meu erro.

Funguei o nariz, irritada pela minha falta de controle; eu já passara dessa fase, aprendera a controlar minhas emoções, contudo, ali estava eu... devastada.

— Droga! Droga! Droga! — voltei a resmungar.

Continuei acelerando a moto, sem rumo, apenas me permitindo aliviar a tensão, a dor e o desespero. Eu sentia como se meu coração fosse explodir a qualquer momento de tristeza e decepção.

E essa sensação estava me sufocando lentamente.

Um tempo depois, avistei um barzinho e decidi parar. Meu subconsciente começou a berrar aos meus ouvidos, tentando me fazer enxergar aquele ato como ruim, mas ignorei. Eu sabia que aquilo era errado, todavia, precisava me anestesiar um pouco. Necessitava fazer aquela dor no meu peito diminuir.

Desci da moto, tirei o capacete e rumei para a entrada do bar a passos rápidos. Por ser cedo, não tinha muita gente, entretanto,

pouco me importei com esse detalhe; meu interesse estava do outro lado do balcão: as bebidas.

— Uma dose de vodka, por favor — pedi ao barman, enquanto eu me sentava no banco. Passei as mãos no rosto, querendo enxugar as lágrimas, porém, elas não cessavam.

— Começo de dia ruim, moça? — perguntou o barman, me servindo.

Entornei a dose em um gole só, fazendo uma careta pela ardência que causou na garganta.

— Não imagina o quanto — resmunguei a ele, dando uma batidinha no copo, pedindo mais.

Ele serviu.

— Está precisando de ajuda? Por acaso quer que eu chame alguém?

Neguei com a cabeça.

— Só quero beber, colega. — Bati o copo vazio no balcão. —

Apenas isso.

Assentiu, compreensivo. Em seguida, encheu meu copo outra vez.

E assim... as horas foram passando, comigo, me embriagando como se não houvesse amanhã.

De repente, tive minha atenção desviada para a chegada de um pequeno grupo de amigos no bar. Minha cabeça estava girando, entretanto, meus olhos conseguiram focalizar numa pessoa específica no meio deles.

Na mesma hora, desviei o olhar, desesperada para sair dali. Com mãos trêmulas, vasculhei minha bolsa em busca da carteira e, sem demora, depusitei uma nota de cem dólares no balcão.

— Pode ficar com o troco! — exclamei ao barman, antes de sair.

No entanto, antes que eu pudesse chegar à saída do estabelecimento, tive meu braço segurado por uma forte mão. Jackson me encarava com um misto de curiosidade, espanto e raiva. Aquela era a primeira vez que nos víamos depois da briga que ele protagonizou com Ravi.

— Ei, Jack? — Meus olhos se arrastaram para a garota loira que se empoleirou no braço dele. Os olhos dela se voltaram para os meus, e notei que não gostou nada de me ver. — Algum problema aqui?

Forcei meu braço para longe do aperto dele, mas isso quase me fez cair devido a minha embriaguez.

— Problema nenhum, *baby*. — Beijou a cabeça dela, com carinho. — Essa é uma velha amiga, e eu só quis cumprimentá-la. — Sorriu para ela. — Por que não vai com o pessoal? Logo estarei lá com você.

Mesmo a contragosto, a garota se afastou, embora, oferecendo um lindo sorriso ao Jackson como se este fosse seu próprio sol.

Jackson e eu a encaramos, enquanto ela caminhava para longe de nós dois.

— Sua nova vítima? — Não freei a língua.

Os olhos dele se conectaram aos meus de imediato.

— Com ciúmes, Chloe? — Arqueou as sobrancelhas, provocativo.

Rolei os olhos, sacudindo a cabeça em descrença.

— Vá se foder, Jackson! Você e toda sua loucura obsessiva!

Dizendo isso, lhe dei as costas, tomando o cuidado para não tropeçar nos próprios pés.

— Loucura obsessiva? — O ouvi repetir, acompanhando meus passos para fora do bar. — Disse a garota que está se embebedando no bar, em plena segunda-feira. — Endureci a

mandíbula, mas continuei caminhando, fingindo não me importar com o que ele estava dizendo. — Olha só para você, Chloe — gesticulou para mim com desgosto, no momento que parei para encará-lo — mal se aguentando de pé. — Se aproximou, quase colando o rosto no meu. — Sua situação está me causando pena.

Esforcei-me ao máximo, contudo, não pude segurar as lágrimas, que desceram descontroladamente.

— Está vendo aquela garota linda, cheirosa e bem-vestida ali — apontou para dentro do bar, especificamente, para a mesa de seu grupo onde a loira que nos interrompeu minutos antes sorria de algo engraçado —, ela é perfeita. Sabe se comportar, é confiável, além de ser uma princesa em público e uma verdadeira vadia na cama. — Sorriu, mordendo os lábios de um jeito cafajeste. Meu estômago embrulhou. — E o melhor... — se aproximou um pouco mais, posicionando a boca em meu ouvido —, o pai dela está vivo, então, eu não preciso ficar ouvindo choramingo o tempo todo.

Meus soluços aumentaram, e me vi sem reação. Mesmo quando o desgraçado se afastou, rindo do meu estado deplorável, não tive forças para contra-atacá-lo. Meu pai era meu ponto fraco, e Jackson sabia disso, visto que namorávamos na época da morte dele.

Sabia onde me atingir, onde doeria mais.

Entendi que aquela foi a maneira que ele encontrou para me ferir, para se vingar de mim por, de alguma forma, ter magoado seus sentimentos quando decidi terminar nosso relacionamento.

Aos prantos, cambaleei para longe, enfiando a mão, desesperadamente na bolsa em busca do meu celular.

Quando o encontrei, disquei o número da minha mãe.

— Mamãe? — Minha voz embargou assim que ouvi a dela. — Estou precisando de você.

— *Chloe? Pelo amor de Deus, querida, o que houve?* — Empertigou-se. — *Onde você está?*



— E foi isso que aconteceu — soprei, erguendo os joelhos contra o corpo e abraçando as próprias pernas enquanto sentia minha mãe penteando meus cabelos molhados depois que tomei um longo banho frio. Fazia pouco mais de uma hora desde que chegamos à casa, após ela me buscar no estacionamento do bar. Um dos seguranças trouxe minha moto. — Me senti um nada, mãe. Ravi me destruiu emocionalmente, e para ajudar, Jackson terminou de me espezinhar ao dizer aquelas palavras duras e cruéis.

— Por que você não veio para casa logo que tudo isso aconteceu, querida? Deveria ter me procurado — declarou ela. — Esse sempre foi nosso acordo, lembra? Você prometeu que me procuraria quando sua mente ameaçasse se perder. — Sua voz parecia quebradiça, me fazendo sentir culpada.

— Porque fiquei com vergonha, mamãe — admiti, aos prantos. — Fazia tempo que eu não me descontrolava desse jeito, então

temia decepcionar a senhora.

Vendo minha vulnerabilidade, parou de pentear meus cabelos e me puxou para seus braços acolhedores. Beijou minha cabeça com carinho.

— Oh, minha querida, vai ficar tudo bem — prometeu, me ninando. — Você teve seu coração partido, mas isso não significa ser o fim. — Esfregou meus braços e costas. A suavidade de seu toque parecia estar me acalmando lentamente. — Dê tempo ao tempo.

A apertei contra mim, absorvendo suas palavras.

— Estou apaixonada, mamãe — murmurei, magoada. — E aquele idiota prefere continuar idolatrando a falecida mulher dele.

— Cada pessoa lida com o luto de um jeito, filha — rebateu, séria. — Você, mais do que qualquer pessoa, deveria saber disso.

Fiz um muxoxo, aceitando o puxão de orelha por proferir palavras tão insensíveis a respeito da dor do Ravi.

— Ah, eu sei — resmunguei, me afastando de seus braços e enxugando as lágrimas. — Droga! Eu sei.

Sentei-me, e estiquei a mão até o armário de cabeceira para pegar a xícara de café que estava ali.

— O problema é que ele não aceita se abrir para novas histórias, e eu não posso continuar sendo apenas a garota que ele come.

— Chloe! — Escandalizou-se ela. — Não fale essas coisas, filha.

Sorri fraco, divertida com seu constrangimento pelas minhas palavras chulas.

— Me perdoe, mamãe. Às vezes, me esqueço do filtro e falo sem pensar — resmunguei, dando de ombros. — Ainda, é basicamente isso, sabe? Apaixonei-me pelo Ravi, e não aceitarei migalhas de amor.

Suspirou, compreensiva. Buscou minha mão livre e a escondeu entre as suas, quentes.

— Me lembro de você me dizendo que esse homem estava fazendo você feliz, Chloe, que ele vinha tratando você como uma princesa — murmurou ela.

Sorri com a lembrança não muito distante.

— Sim, Ravi é um homem carinhoso e experiente. — Levei a xícara a boca, provando o café fumegante. — Mas agiu como um cavalo comigo por me ver usando a camiseta que a falecida gostava. Eu não sabia desse fato, usei a peça totalmente na inocência.

— Talvez isso tenha sido um gatilho para ele — argumentou ela, arqueando as sobrancelhas. — Ver você usando essa roupa pode ter desencadeado lembranças desagradáveis a ele, querida — explicou e, se calou por um segundo. — Não estou o defendendo, longe disso, apenas estou expondo minha visão diante do que você

me contou, além da minha própria vivência de luto pelo seu pai. — A encarei nesse momento, ciente da sua dor, que obviamente seria tão eterna quanto a minha. — Eu sei que evitar o luto pode significar uma não aceitação da partida, uma não despedida. Assim, a pessoa que ficou, vive sem viver, sem aceitar a vida e a nova realidade. Nenhuma construção de futuro é possível sem que a despedida tenha sido feita.

Inspirei fundo, bebericando outro gole de café. Em seguida, deixei a xícara no armário de cabeceira e me aninhei nos braços da minha mãe.

— Não tenho sorte no amor, mãe, essa é a verdade — concluí, em lamento. — Primeiro, me envolvi com o Jackson, um homem abusivo, que quase me destruiu emocionalmente. Agora, estou com os quatro pneus arriados por um viúvo atrevido, idiota e teimoso que parece não ter pressa para ser feliz. Prefere ficar preso ao passado, no luto e na dor.

— O tempo do luto depende da capacidade da pessoa de se despedir, de aceitar a vida sem a pessoa que se foi — observou ela, paciente. — E pare de se autodepreciar, querida. Você precisa aprender a esperar o tempo certo de todas as coisas.

Inspirei o ar profundamente, mas não falei nada.

Na verdade, não sabia o que dizer.



21

Ravi

Uma semana depois

— Eu ainda me sinto perdido, sem saber o que pensar, sabe?

Meu coração fica comprimido no peito sempre que penso na Chloe, porque, de alguma forma, ela acabou se tornando especial para mim. É como se minha vida não fosse mais a mesma sem ela — desabafei para a terapeuta, ansiando que ela me falasse o óbvio que eu estava tentando negar, que eu estava apaixonado pela Chloe. — Nosso desentendimento está me matando, porque desde que ela saiu da minha casa, há uma semana, sinto como se um pedaço de mim, estivesse faltando. Mas, ao mesmo tempo, meu

próprio subconsciente me acusa, fazendo-me lembrar da Beth. Será que não é errado amar outra mulher? Eu não desrespeitarei a história que tive com minha falecida esposa? — indaguei, cheio de angústia e outros sentimentos conflitantes.

— Bom, Ravi, primeiramente, é importante entender o luto não como um evento, mas como um processo, porque ele vai se transformando à medida que o tempo passa — explicou. Ela era uma mulher mais velha, mas a única profissional que me passou confiança para expor meus reais sentimentos e emoções. — E a melhor forma de se restabelecer emocionalmente é através da superação e aceitação do fato ocorrido, não há outro caminho. Mas, superar não é esquecer. Significa aceitar e continuar a viver. A superação só se dá a partir de um longo processo e ela não significa esquecer, fingir que não aconteceu ou ainda não sentir dor quando lembrar. Luto é uma reação à perda. Então, as fases desse processo vão se sucedendo até o momento em que a pessoa consegue encontrar maneiras de continuar vivendo, consegue se

projetar no futuro, começa a elaborar essa dor dentro dela. Ou seja, aquele familiar continua fazendo parte da sua vida, mas agora ele fica guardado dentro de você em forma de saudade.

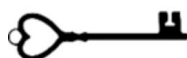
Baixei a cabeça, absorvendo suas palavras.

— O ritmo do desapego é individual, Ravi — continuou dizendo. — A casquinha de uma ferida não deve ser removida antes que haja cicatrização, sob pena de uma complicação, infecção ou de ficar uma cicatriz muito feia. O luto é mais ou menos assim. Se você estiver se sentindo preparado para se desapegar dessa ligação tão forte com seu passado com a Elisabeth, então faça. A vida pode e deve continuar a ser vivida.

A encarei, assimilando sua declaração. No fundo, quando comecei a me relacionar com a Chloe, meses atrás, me senti iniciando um novo tempo de vida. Obviamente que meu sentimento de perda não desapareceu completamente, porém, ele foi atenuado, e as crises de pesar, antes intensas, tornaram-se menos frequentes

e mais suaves. Chloe me instigou a integrar-me a vida novamente, fazendo emergir do meu âmago a esperança de continuar a viver.

— Obrigado, Marie. — Sorri para ela, com o peito aliviado. — Obrigado.



Era final de tarde quando cheguei ao cemitério. Eu me sentia nervoso e, ao mesmo tempo, expectante. Ansioso para dar aquele passo, pois sabia ser necessário.

— Oi, querida. — Me inclinei e deposei um lindo buquê de flores sobre a lápide. Inspirei fundo, criando coragem para começar a falar. — A despedida é sempre a parte mais triste de qualquer mudança, de qualquer partida, todavia, tem uma hora que temos de aceitar os desígnios da vida e seguir. Você se foi e não estaremos mais lado a lado neste mundo, porém, saiba que vou sempre me lembrar de você e de tudo que vivemos, pois, ter construído essas memórias ao seu lado é meu conforto. — Sorri, com os olhos

umedecidos. — Em seu leito de morte, você me fez prometer que eu não sucumbiria a dor da sua ausência e que encontraria um novo amor... — funguei, dando vazão as lágrimas — Então, hoje estou me permitindo cumprir essa promessa, Beth. — Passei as mãos pelo rosto molhado. — Finalmente, encontrei alguém especial, que conseguiu me resgatar dessa escuridão que sua ausência me causou. — Me calei por alguns instantes, obrigando minhas emoções a se ajustarem. Inspirei o ar e o soltei em lufadas. — Quem realmente amamos jamais morre — voltei a falar — Sua memória viverá sempre através de mim, Beth, do meu amor, do meu respeito e da minha eterna saudade. Adeus, querida.

Permaneci ali por mais alguns minutos, até começar a caminhar para longe, seguindo para o início do meu futuro. Uma nova vida.

E essa nova vida tinha nome e sobrenome: Chloe Moore.



22

Chloe

— Você poderia nos acompanhar ao *happy hour* de hoje, Chloe — convidou Alice, esperançosa que dessa vez eu aceitasse.
— Todos nós estaremos lá, terá uma banda bem legal ao vivo e...

Enquanto ela falava, terminei de organizar as coisas em cima da minha mesa e examinei as horas em meu relógio de pulso. Em seguida, abandonei minha cadeira e caminhei para a porta.

— Eu não garanto nada, Alice, porque marquei uma reunião com o Drew para daqui a alguns minutos, e não faço ideia do tempo que vai durar. — Passei pela porta, apressando os passos. — Mas

será no barzinho de sempre? — perguntei, ajeitando minha bolsa no ombro.

— Sim, — confirmou. — Será divertido!

Ofereci-lhe um sorriso.

— Tenho certeza de que sim — complementei, me virando para poder encará-la. — Hmmm... vou torcer para conseguir sair da reunião a tempo e poder encontrar vocês. — Pisquei um olho para ela, que sorriu em euforia.

Depois disso, nós duas nos despedimos e, eu continuei seguindo até a sala do Drew. Eu vinha tentando conversar com ele há dias, na verdade, desde meu desentendimento com seu pai, há uma semana.

Meu intuito com aquela reunião era entregar a frente do projeto de reforma da casa de praia, pois, eu não tinha psicológico para continuar seguindo com aquilo como se nada tivesse acontecido,

como se meu relacionamento com Ravi não tivesse significado nada. Eu não poderia. Não era forte o suficiente.

Sendo assim, seria mais fácil entregar tudo, inclusive, o projeto da outra casa o qual Ravi me contratou. Eu sabia que seria um presente dele para o Drew, mas eu não tinha alternativa a não ser expor tudo, visto que não teria coragem para enfrentá-lo.

Como não me procurou depois da nossa briga, entendi que o que tivemos não teve importância para ele, então, eu estava me esforçando para seguir minha vida.

Mesmo tendo de colar pedaço por pedaço do meu coração, diariamente.

Respirei fundo ao chegar em frente à porta da sala do Drew. Dei duas batidas antes de abrir.

Drew estava com a poltrona virada contra a parede.

— Me perdoe pela demora, mas acabei perdendo alguns minutos com a Alice, que me convidou para um *happy hour* daqui a

pouco com o pessoal e... — me calei assim que a poltrona girou e pude visualizar a pessoa sentada ali. Não era o Drew, mas sim, o Ravi. — Você?

Pisquei, incrédula.

Meu coração começou a bater num ritmo descompassado, preso em um misto de sentimentos. Era amor. Saudade. Raiva. Desejo.

Os olhos azuis se arrastaram pelo meu corpo com propriedade, consciente do estrago que costumava fazer apenas com o toque de suas mãos, da sua boca, de seu olhar...

E, infelizmente, isso não mudou, visto que me senti tremer da cabeça aos pés.

— Olá, Chloe. — Se colocou de pé, fazendo-me examinar sua escolha de vestuário. Calça jeans, escura, uma camisa social com um cardigã por cima.

Sacudi a cabeça, louca para fugir.

— Não posso fazer isso — resmunguei, me sentindo uma maldita covarde.

Então, eu me virei para sair da sala, mas Ravi foi mais rápido em bloquear a porta, se colocando em minha frente como uma barreira. Foi impossível evitar inspirar seu cheiro misturado ao perfume. Cheguei a ficar zozna.

Dei alguns passos para trás, precisando de espaço e ar puro.

— O que significa isso? Onde está o Drew? A reunião que marquei era com ele, não com você.

— Eu sei — alegou, calmo. — Mas tomei o lugar dele, porque queria ver você.

Meu coração bateu depressa com suas palavras, mas continuei me mantendo indiferente.

— Ok. — Inspirei fundo, esforçando-me para me fazer de forte.
— Agora que já viu, por favor, me deixe sair. — Gesticulei para a porta, seca.

— Estou com saudades, Chloe — confessou, me obrigando a encará-lo nos olhos. — Sinto falta de estar com você, falta do seu sorriso e das nossas conversas.

Engoli o desejo de chorar, e baixei os olhos, pois não queria que ele presenciasse meu descontrole. Isso, em nada me ajudaria, só pioraria as coisas.

— Não entendo o sentido disso tudo, Ravi — falei em tom engasgado. — Você foi um completo babaca comigo na última vez que nos vimos lá no seu ‘flat’. Então, o que quer? Qual é o plano?

— Não tem plano nenhum — respondeu, encurtando o espaço que nos separava. Arquejei com o calor de suas mãos em meu rosto, e não tive forças para me afastar. — Eu apenas descobri que... quero você. — Seus olhos analisaram meu rosto cuidadosamente. — Admito que fui um completo idiota com você no nosso último encontro, e me arrependo disso amargamente, porque não tive a intenção de a magoar, Chloe. Eu me deixei levar pelo

descontrole emocional, pela dor, pela raiva, pelo luto... — permaneci em silêncio, apenas escutando seu desabafo — Na minha cabeça parecia haver a fantasia de que um novo enlace seria um sinal de desrespeito e invalidação do que tive com a Beth. Todavia, com a ajuda da terapia, eu entendi que recomeçar não significa que meu relacionamento com ela não tenha tido importância, mas que eu, que fiquei, ainda estou vivo e pleno de desejos. Aprendi que existem inúmeras formas de honrar o que eu e ela passamos sem precisar renunciar à minha própria existência — cravou, deslizando os dedos pelo meu rosto, limpando o rastro de lágrimas.

— Ravi... — minha voz embargou.

— Você me faz bem, Chloe — interrompeu-me, tão emocionado quanto. — É como a minha cura. Não há dúvidas de que minha vida mudou bastante depois que a conheci, e hoje, eu entendo que você também possui seus anseios, interesses e inseguranças.

Toquei seu rosto, adorando que ele deitou a cabeça para meu carinho. Aproveitei para limpar uma lágrima que deslizou em sua bochecha, lisa de barba.

— O que está tentando me dizer, Ravi?

Seus olhos saíram dos meus lábios e se concentraram em meus olhos úmidos.

— Que meu relacionamento com você não foi passageiro — afirmou, intensamente. — O que nós dois vivemos não foi vazio, Chloe. Eu senti cada momento, e anseio viver mais...

— Ravi...

Sua boca cobriu a minha num beijo gentil, calando-me momentaneamente.

Todo meu corpo se acendeu em reconhecimento.

— Também me apaixonei por você — admitiu o que eu ansiava ouvir, fazendo meu coração querer sair pela boca e borboletas se amontoarem em meu estômago. — E quero recomeçar minha vida

ao seu lado. Minha pequena atrevida. Minha falsa ladra. — Sorriu, em meio as lágrimas.

Também sorri, com os olhos embaçados de tanto chorar.

Enrolei seu pescoço com meus braços, e Ravi impulsionou meu corpo para que minhas pernas enlaçassem sua cintura. Nossas bocas se chocaram, desesperadas, duelando-se entre si.

Era saudade.

Era desejo.

Sobretudo, era a promessa de um recomeço, sem precisar esquecer do passado. Aquele beijo era o ponto de partida para a construção do futuro.

Um futuro só nosso, com a nossa história.

E eu estava mais que pronta para vivenciá-la.

FIM



Epílogo

Chloe

Cinco meses depois

Eu estava inquieta, balançando as pernas o tempo todo, nervosa demais para me manter controlada. Peguei meu celular no instante que ele vibrou na minha bolsa com a chegada de uma nova mensagem. Era do Ravi, perguntando onde eu estava.

Mordi os lábios, notando minha mão trêmula enquanto segurava o aparelho. Permaneci olhando para o visor, pensativa sobre o que diria ao homem que vinha sendo o responsável pela minha felicidade. A verdade era que eu estava com medo.

Assustada.

Preocupada com nosso futuro.

Nos últimos meses, meu relacionamento com Ravi se aprofundou bastante, ao ponto de, praticamente, eu me mudar para seu 'flat', sem necessariamente nos casarmos, embora ele tivesse me pedido em casamento. Porém, eu acreditava que ainda era cedo, podíamos esperar um pouco mais.

A cada novo amanhecer, eu sentia que nós dois aprendíamos um com o outro; era um amadurecimento lento e sem pressão. Eu amava estar com ele, dormir e, acordar com ele, diariamente.

Durante esse período, finalizamos as duas reformas e, foi a coisa mais linda quando Ravi entregou a casa que seria um presente ao Drew, que não escondia sua torcida por nós dois. Ele sabia que meu amor pelo seu pai era genuíno, sentia que tudo o que eu ansiava era fazer o Ravi feliz.

E por mais que Ravi se esforçasse para deixar seu amor por mim evidenciado, às vezes, eu ainda sentia certa insegurança. A

Elisabeth foi sua primeira mulher, e a história deles dois jamais seria anulada — nem eu queria isso —, o que me fazia questionar se Ravi estaria cem por cento disposto a realmente construir um novo futuro comigo.

Respirei fundo, dispersando os pensamentos ao voltar minha concentração para o telefone em minhas mãos. Precisava respondê-lo, ou, logo, ele me ligaria.

No fim das contas, decidi mandar uma mensagem direta e honesta mesmo, sem delongas, avisando onde estava. Rapidamente, Ravi avisou que em poucos minutos estaria ali.

Lambi os lábios, de maneira ainda mais apreensiva, ciente do terror que deveria estar passando na cabeça dele naquele momento por eu falar onde estava.

Há algumas semanas, eu comecei a desconfiar que estava grávida; obviamente que o pânico passou a me dominar, pois, uma gravidez não fazia parte dos meus planos. Além disso, eu não fazia

ideia de qual seria a reação do Ravi, visto que nossa relação era nova. O que ele pensaria de mim? O que pensaria sobre o bebê? Será que ele me julgaria? Ficaria com raiva?

Eram muitos os questionamentos que invadiam minha mente, sem parar, e isso estava me sufocando de um jeito aterrorizante. Foi então que criei coragem e marquei um horário no laboratório perto de casa, e ali estava eu naquele momento... aguardando o resultado. Nem mesmo minha mãe sabia, porque, eu queria ter certeza primeiro.

Respirei fundo, e decidi me colocar de pé. Estava inquieta demais para continuar sentada.

Esfreguei as mãos suadas na (calça) jeans que usava, esforçando-me para me acalmar. Minha mente estava fervendo. Tudo o que eu olhava me lembrava gravidez: na sala de espera em que eu estava só tinha revista de gravidez, na TV estava passando um programa sobre gravidez.

De repente, ouvi meu nome sendo chamado e caminhei até o balcão. A moça da recepção estava segurando um envelope e o estendeu em minha direção quando me aproximei, tremendo da cabeça aos pés.

Como eu já estava quase surtando, decidi que esperaria para abrir quando o Ravi chegasse. Então, saí do laboratório, caminhei um pouco pelo lado de fora, mas não resisti, abri, li e voltei correndo para o laboratório, ansiosa para falar com a recepcionista. Mostrei o resultado para ela.

— isso aqui quer dizer...? — Nem terminei a pergunta e ela disse:

— Sim.

Meu coração ameaçou sair do peito.

— *E-então* quer dizer que eu estou...?

E novamente, antes que eu terminasse de concluir meu raciocínio, ela disse, sorrindo:

— Sim, você está grávida. Meus parabéns!

Naquele momento, com meu coração disparado, eu tive a reação que pensei que não teria, comecei a pular e a chorar de felicidade. Abracei a recepcionista, num misto de euforia e emoção.

— Chloe?

Parei, ao som da voz que eu reconheceria em qualquer lugar.

Ravi estava parado no meio da sala de espera, parecendo perdido e desconfiado. Fiquei tão fora de órbita que acabei travando no lugar, então ele encurtou o espaço que nos separava.

— O que houve? — perguntou, amparando meu rosto com as duas mãos, embrenhando os dedos em meus cabelos. Seu olhar estava preocupado conforme estudava meu rosto em busca de algo.

— Por que está aqui? Por acaso está doente?

Meu rosto se contorceu com novas lágrimas, o que deixou Ravi ainda mais apavorado.

— Chloe, pelo amor de Deus, não faça isso comigo — implorou, me puxando para a cadeira mais próxima. — Estou ficando assustado.

Sem coragem para verbalizar, eu, simplesmente entreguei o resultado a ele, com mãos trêmulas.

Ele começou a ler, e seu silêncio piorou minha inquietação. O homem parecia estar paralisado.

— *E-eu* quero que saiba que não foi de caso pensado, e... — comecei a dizer, mas ele me interrompeu:

— Isso é sério? — Gesticulou para o papel em sua mão. — Tem certeza disso? — Sua voz se engasgou.

Sacudi a cabeça, sem condições de verbalizar.

Então, ele se levantou abruptamente, parecendo ansioso. Preocupei-me com sua reação, mas nada me preparou para o que ele fez a seguir, ajoelhando-se aos meus pés, abraçando minha cintura. Os olhos umedecidos pelas lágrimas me emocionaram.

— Um bebê? — perguntou, ainda abobalhado e, eu assenti, aos prantos. Eu sabia que nós dois tínhamos plateia ali, mas era como se estivéssemos a sós, em nossa própria bolha. — Nós vamos ter um bebê, Chloe? — Sua voz embargou.

— Sim, nós vamos — soprei, me ajeitando para ele poder circular melhor minha cintura. Beijou minha barriga e, em seguida, ergueu o rosto para o meu, fungando ao encarar meus olhos. — Eu estava desconfiada há algumas semanas, então decidi fazer o exame hoje para confirmar. Não contei antes, porque fiquei com medo da sua reação — expus.

— Pensou que eu não reagiria bem?

Baixei os olhos, sem coragem de expressar uma resposta. Então, senti seus dedos erguendo meu queixo, exigindo meu olhar no seu, igualmente emocionado.

— Por que eu reagiria mal a uma notícia maravilhosa dessas, meu amor? — questionou, segurando minhas mãos e as enchendo

de beijos. — Você está me presenteando, me dando a oportunidade de recomeçar uma vida nova e, ao seu lado, a mulher que me resgatou da escuridão.

— Ravi... — amparei seu rosto com minhas mãos trêmulas.

— Se me perguntar se estou assustado com a ideia de ter outro filho na minha idade, a resposta, certamente, será sim, — deu uma risada — Eu me esqueci de como se troca fraldas sujas... — fez uma careta fofa, que me fez rir. — Mas quando olho para você ao meu lado, quando me lembro da mulher forte que conquistei, meus temores e inseguranças desaparecem. — Seus olhos brilharam com emoção. — Estou pronto para você, Chloe Moore. Estou pronto para o nosso bebê que está por vir, meu amor.

As lágrimas deslizavam sem controle de meus olhos.

— Eu te amo — soprei, o abraçando pelo pescoço enquanto sua boca reivindicava a minha.

— Eu também a amo — murmurou, se erguendo e me levando com ele.

Nosso abraço foi tão forte quanto a felicidade que vibrava em cada parte do meu ser. Naquele momento, eu entendi... entendi que aquele era o início de um novo ciclo em nossas vidas.

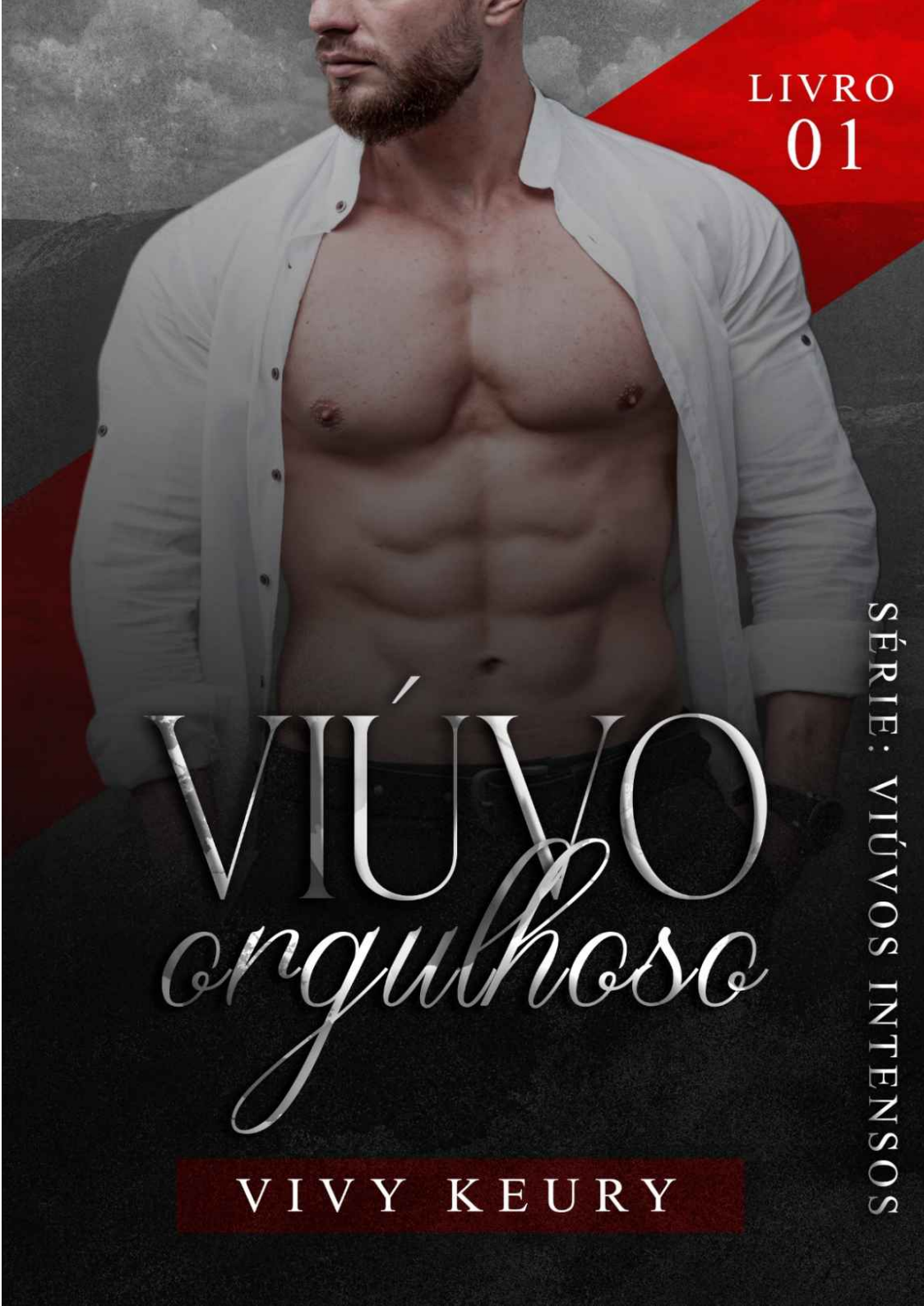
Nossa intensidade gerou um fruto, e esse fruto, sem nem mesmo nascer, já se tornou o principal motivo para cada batida do meu coração.

E eu estava pronta. Pronta para meus felizes para sempre.

FIM

ACOMPANHE OS OUTROS LIVROS
DA SÉRIE

VIÚVO ORGULHOSO — LIVRO 1



LIVRO
01

VIÚVO
orgulhoso

VIVY KEURY

SÉRIE: VIÚVOS INTENSOS

Sinopse

CÉSAR MAZZA é um grande fazendeiro da cidade e dono de uma das maiores terras da região. Aos 38 anos, ele continuava preso em seu próprio mundo sombrio por conta de perdas dolorosas. Desde então, ele tentava, diariamente, lidar com toda a extensão da sua dor, mas sem sucesso.

JULIE ALENCAR é uma jovem estudiosa e sonhadora. Aos 24 anos, é o orgulho dos seus pais e o seu objetivo é crescer cada vez mais na vida, porém, sabe que isso só ocorrerá através de muito esforço.

Duas pessoas completamente diferentes e com objetivos distintos, no entanto, após um acidente, eles serão postos lado a lado. Uma coisa é certa: César e Julie terão uma forte missão, onde necessitarão aprender a lidar com suas diferenças, até para terem uma convivência melhor. O que não contavam, é que uma forte atração surgisse entre eles.

VIÚVO ARROGANTE — LIVRO 2



Sinopse

Aos trinta e seis anos, MIGUEL SOLANO é um pintor de quadros em ascensão onde mora. Há alguns anos, ele teve uma grande reviravolta na sua vida, algo que o fez se isolar, tornando-o sério, controlador e arrogante.

AYSHA MATOS é chef de cozinha recém-formada e ama a sua profissão. Após uma decepção em seu último relacionamento, ela se muda para uma cidade desconhecida, de modo a começar uma nova vida. Ao se instalar em seu novo destino, se depara com um anúncio no jornal para uma vaga de chef de cozinha na casa de um artista renomado e não pensa duas vezes ao se candidatar.

Dois mundos completamente opostos entrarão em um verdadeiro atrito, afinal de contas, ela é divertida, e ele, um arrogante.